

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

AMANDA CRISTINA AMORIM SILVA NEVES

**PARA SER UM ROMANO: reflexões acerca dos modelos de cidadão em Catão e Cícero
nos primeiros séculos da república**

São Luís - MA

2019

AMANDA CRISTINA AMORIM SILVA NEVES

**PARA SER UM ROMANO: reflexões acerca dos modelos de cidadão em Catão e Cícero
nos primeiros séculos da república**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como requisito para obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Livia Bomfim Vieira.

São Luís - MA

2019

Neves, Amanda Cristina Amorim Silva.

Para ser um Romano: reflexões acerca dos modelos de cidadão nos primeiros séculos da República. / Amanda Amorim Silva Neves. – São Luís, 2019.

113f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Livia Bomfim Vieira.

1. Ensino de História. 2. Roma. 3. República. I. Título

CDU: 94(376):321.728

AMANDA CRISTINA AMORIM SILVA NEVES

**PARA SER UM ROMANO: reflexões acerca dos modelos de cidadão em Catão e Cícero
nos primeiros séculos da república**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como requisito para obtenção do título de Mestra.

Aprovada em: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Livia Bomfim Vieira (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Adriana Maria de Souza Zierer (PPGHIST/UEMA)

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva (PPGHIS/UFES)

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho (Suplente)

*At ex agricolis et uiri fortissimo et milites strenuissimi
gignuntur.
Cato Censorius, De Agri Cultura*

*Mas dentre os que se dedicam à agricultura, saem
homens do maior vigor e soldados da maior coragem.
Catão Censor, Da agricultura*

AGRADECIMENTOS

São muitos os agradecimentos que penso em fazer ao fim de um trabalho como esse, trabalho que toma tempo, disponibilidade, humor e até a saúde tanto física quanto psicológica. Foram dias e dias de uma escrita que parecia interminável, de leituras que pareciam não ter fim e sobretudo de um desespero sem igual de achar que não daria conta pelo cotidiano não tao tranquilo que um texto como esse precisa.

Todavia, se faz necessário tecer agradecimentos pontuais a pessoas que foram fundamentais para que mesmo em meio a tantos contratemplos e dificuldades, fizeram de forma indireta essa dissertação não só tomar fôlego, mas também ser concluída. Presumo que sem o apoio dessas pessoas seria muito mais difícil de traçar essa caminhada em mais um degrau acadêmico.

Começo pelos meus pais, Lúcio e Silvia, a quem devo minha vida e principalmente a quem devo a minha chegada até aqui, pois sem vocês isso não seria possível. Obrigada pelo apoio incondicional de sempre, por me ajudarem sem medir esforços e aguentarem essa cria muitas vezes chata. Amo vocês incondicionalmente.

Sigo em agradecimento ao meu companheiro de várias jornadas e que nessa não foi diferente, obrigada por se disponibilizar a me ajudar sempre que eu pedia, obrigada por ouvir minhas queixas intermináveis ou meu humor muitas vezes não tao fácil, obrigada pela ajuda incondicional em lidar com o produto e sua confecção, sem você isso não seria possível. Te amo, Valmir Neto.

A minha imensa gratidão à minha orientadora, que me acompanha desde a graduação e que despertou em mim, ainda no começo do curso o amor pela História Antiga. Obrigada pelas orientações acadêmicas, pelo apoio nessas minhas jornadas romanas, conversas sobre super-heróis, obrigada por ser mais do que uma orientadora, por ser uma amiga. Todo meu carinho.

Meu agradecimento aqui se volta para alguém que mesmo não parecendo (porque para mim somos amigas há anos), entrou na minha vida no Mestrado e que não sairá mais! Minha doidiça, companheira de serviço, irmã de outra mãe com o mesmo nome claro... porque somos as rainhas das coincidências. Não tenho como descrever o que foram esses tempos, entre aulas, escrita, conversas, áudios intermináveis, dores sem fim, looks, memes, doguinhos, lanches. Eu te amo Jess. Obrigada pela companhia nessa jornada árdua que é a academia!

Ainda em se tratando de presentes que o mestrado me trouxe, agradeço ainda às minhas gatas saradas! Esse grupo de whatsapp que foi muito além de um aplicativo, se tornou praticamente um diário, onde nós discutimos os problemas acadêmicos, problemas da vida, rimos de uma infinidade de coisas, enfim... Nos apoiamos! Obrigada Jéssica, Edilene, Adriana e Cleydiane! Que nossos laços sigam firmes mesmo ao fim desse momento em comum!

Agradeço imensamente a melhor chefe que se pode ter, Wanda França, que sempre tem uma palavra sábia, um conselho de aplicação imediata, uma conversa que acalma e ensinamentos nos mais diversos âmbitos. Obrigada pela compreensão de sempre nessa caminhada do mestrado que me tomou algum tempo e atenção.

Aqui estendo meu agradecimento à Joseane Sousa, quem sempre acreditou na minha capacidade e me deu oportunidades ao longo da graduação e do mestrado de contribuir nas atividades da Casa de Cultura Josué Montello. Agradeço ainda pelos conselhos, pelo apoio e pela diponibilidade em ajeitar com toda a paciência esse trabalho.

Estendo ainda meus agradecimentos aos meus queridos e loucos companheiros diários: Nayron, Natália, Júlia e Eduardo que ouviram queixas, progressos, falta de saúde e todos os percalços que a escrita traz. Obrigada por tornarem seja de forma presencial ou através do whatsapp o processo um pouco mais leve. Amo vocês!

Agradeço à banca: Prof.^a Dr.^a Adriana Zierer e ao Prof. Dr. Gilvan Ventura pela disposição em ler e contribuir com o trabalho apresentado desde o processo da qualificação. Os comentários e indicações dos senhores foram de fundamental importância na construção do texto que se segue.

E por fim, porém não menos importante registro aqui meu agradecimento a uma pessoa que ajudou imensamente ao avanço do produto proposto nesse trabalho, Roberto, obrigada pela contribuição incontestável na construção do aplicativo, sem você esse lampejo continuaria no campo das ideias!

RESUMO

A sociedade romana tem seu legado diluído em nossa cultura nos mais diversos aspectos, inclusive no educacional. O trabalho aqui apresentado trata-se de um estudo acerca da perspectiva educacional romana no período da República (509 a 27 a. C) com destaque para os dois primeiros séculos, levando em consideração as perspectivas de Catão e Cícero e como estes perceberam a República e o papel da educação na manutenção desta. A leitura das obras desses autores e do contexto onde estes escreveram se mostrou muito importante para compreendermos esse momento e para entendermos a busca pela construção de um modelo de cidadão ideal na Roma Republicana. Para esta tarefa, partiremos da perspectiva de que a educação romana pode ser dividida em dois momentos. O primeiro momento pode ser definido como o de uma educação um pouco mais limitada ao viés prático que permanece até a conquista do território grego. Porém, a partir dessa dominação a influência grega vai afetar diretamente a forma de educar dos romanos, nos apresentando o que seria o segundo momento, onde a educação vai passar por uma fase de mudança e incorporação de novos aspectos. Nesse ponto, portanto, buscaremos refletir sobre o lugar destes modelos educacionais no interior do momento que a sociedade atravessava. Este lugar pode ser percebido relacionando-o aos interesses políticos e ideológicos, que nortearam uma mudança nos comportamentos. Em sua maioria, toda e qualquer perspectiva do que formavam o cidadão romano e perdurou pelos períodos a seguir, se deu em um modelo formado durante o período da República. Nessa etapa da história romana, se formaram o que chamamos de valores do cidadão romano que vão continuar até mais ou menos o fim da república e começo do Império.

Palavras-chave: Ensino. Roma. República.

ABSTRACT

Roman society has its legacy diluted in our culture in the most diverse aspects, including the educational one. The work presented here is a study about the Roman educational perspective in the period of the Republic (509 to 27 BC), highlighting the first two centuries, taking into account the perspectives of Cato and Cícero and how they perceived the Republic and the role of education in maintaining it. Reading the works of these authors and the context in which they wrote was very important to understand this moment and to understand the search for the construction of an ideal citizen model in Republican Rome. For this task, we will start from the perspective that Roman education can be divided into two moments. The first moment can be defined as that of an education a little more limited to the practical bias that remains until the conquest of the Greek territory. However, from this domination the Greek influence will directly affect the way of educating the Romans, presenting us what would be the second moment, where education will pass through a phase of change and incorporation of new aspects. At this point, therefore, we will seek to reflect on the place of these educational models within the moment that society was passing through. This place can be perceived by relating it to political and ideological interests, which guided a change in behavior. For the most part, any perspective of what formed the Roman citizen and lasted for the following periods, was in a model formed during the period of the Republic. At this stage of Roman history, we have formed what we call the values of the Roman citizen that will continue until more or less the end of the republic and beginning of the Empire.

Keywords: Teaching. Rome. Republic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 -	Professores que usam a internet pelo celular.....	85
Gráfico 2 -	Crescimento no uso de aparatos	87
Gráfico 3 -	Professores que usam a internet do celular em atividades com alunos.....	90
Figura 1-	Desenvolvendo o produto	100
Figura 2 –	Desvendando a República Roamana.....	101
Figura 3 -	Fundação de Roma.....	101
Figura 4 -	A República.....	102
Figura 5-	Educação no Contexto da República	103
Figura 6-	Imagens no contexto romano.....	103
Figura 7-	Imagens no contexto romano	104
Figura 8-	Imagem ampliada	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1 - SUI GENERIS, A IDENTIDADE ROMANA	18
1.1 A sociedade Republicana de Roma.....	18
1.2 O cenário político	20
1.3 Ser cidadão na República Oligárquica	23
1.4 Um bom cidadão	29
1.5 A educação na Roma Republicana	35
CAPITULO 2 - ENTRE CATÃO E CÍCERO	48
2.1 Catão, o tradicionalista	48
2.2 O grande censor	55
2.3 Por entre as obras de Catão.....	61
2.4 Cícero, o helenista	63
2.5 O homem das leis	67
2.6 Sobre as obras de Cícero.....	75
2.7 Pensando as diferenças e similitudes entre os modelos educacionais romanos.....	78
CAPITULO 3 - PENSANDO REPRESENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO EM ROMA	85
3.1 O uso dos aparatos tecnológicos no cotidiano escolar.....	85
3.2 O produto, “redescobrimo a República Romana”.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	108

INTRODUÇÃO

Roma, conhecida por ser um dos maiores impérios que a antiguidade teve, contou com três tipos de governo até chegar na fase de desagregação. O surgimento desta que ficou conhecida como a capital do Império cerca de mil anos a.C. se dá em um momento de expansão do seu território e de sua sociedade e ainda de desenvolvimento de toda a cultura do chamado Lácio, que está em um momento de plena confluência de povos e todos os elementos que se dão através desses contatos.

Segundo uma tradição historiográfica, composta por Heródoto¹, Tito Lívio² e Plutarco³, que buscou explicar o nascimento de Roma, esse estaria atrelado ao desmantelo de Tróia. A sua crise teria dado origem a outros pequenos reinos e com a traição de Amúlio que toma o trono do irmão Numitor e transforma a rainha Reia Sílvia em uma vestal⁴, surgiria a mais famosa tradição do nascimento de Roma.

Na mitologia romana, Rômulo e Remo eram filhos de Reia Sílvia com o deus Marte e por conta da condição de vestal, ela não poderia ter engravidado. Nesse contexto, teria então Amúlio ordenado que as crianças fossem jogadas ao rio Tibre. Em meio a essa ordem um funcionário que estava a cargo dessa função colocou os irmãos em uma cesta para ser levada pela correnteza do rio.

Entendemos o mito como uma tentativa de explicação de uma realidade tendo, em parte, peso de uma narrativa sobre o real, sobre a verdade, muitas vezes, mas não somente, ligando-se ao aspecto sagrado. Na Grécia, por exemplo, contamos com os poemas homéricos *Iliada* e *Odisseia*, assim como *Teogonia* de Hesíodo, na manutenção da história do povo helênico. Nesse sentido, a narrativa mitológica nos interessa no sentido em que ela constrói uma representação de uma realidade. (CHAUI, 2000, p.33).

Uma narrativa mítica conta com várias versões, reapropriadas e reelaboradas ao longo do tempo. No caso do mito de Rômulo e Remo mencionado acima, construção da paternidade divina se organiza a partir da concepção de um passado que explicaria a grandeza

¹ Reconhecido como pai da História, nasceu em Halicarnasso. Além de historiador foi geógrafo e viveu durante 485 a.C. e 245 a.C. Suas obras trouxeram muitos aspectos históricos da antiguidade ao conhecimento do mundo.

² Historiador romano pertencente a antiguidade, nascido em 59 a.C. em Pádua, tem como principal obra *História de Roma* onde conta desde a fundação até a morte do imperador Nero.

³ Historiador, prosador e filósofo da Grécia, mas que viveu também em Roma, foi autor de *Vidas Paralelas*, onde escreveu 46 biografias de romanos e gregos, sendo sua obra mais famosa.

⁴ Vestal eram como as sacerdotisas da deusa romana Vesta eram conhecidas. Essa função era exclusiva para mulheres que deveriam servir no período de trinta anos e durante esse período elas teriam que preservar a castidade e sua pureza.

dos fundadores do povo romano. Outra possibilidade é de um possível abuso por parte de Amúlio em relação a sua sobrinha Reia, que teria usado o disfarce de Marte para cometer essa violência.

A narrativa mítica sobre a fundação de Roma descreve como as crianças, Rômulo e Remo, teriam sido amamentadas por uma loba até que alguns pastores que as encontram. Eles desconheciam suas origens e as criaram em meio ao campo, onde desenvolveram habilidades de liderança que os escritos tradicionais julgam como qualidades que seriam inatas por conta de suas origens.

Com sua origem divina descoberta através do seu avô Numitor, os gêmeos atacam o reino de Alba Longa e colocam o avô Numitor no poder, fundando uma colônia exatamente onde teriam sido salvos pela loba. Depois de um conflito entre os irmãos que resultou na morte de Remo, Rômulo assume o poder e a cidade passa a se chamar Roma em sua homenagem.

A partir daí viu crescimento comedido da população, pelo caráter agregador que a cidade manteve. A tradição mitológica conta que, como a maioria dos novos ocupantes da *Urbe* eram homens, foi preciso ir buscar mulheres em localidades próximas. Desta forma, o que ficou conhecido como o "Rapto das Sabinas"⁵, se justificou na tradição pela necessidade de garantir a continuidade da descendência, porém essa atitude motivou uma guerra contra os Sabinos.

Com Rômulo a frente do poder ainda por muitos anos, Roma teve uma trajetória tanto de muito êxito interno, quanto nos conflitos em que se envolveu durante seu projeto de expansão que teve início durante a monarquia. O período da monarquia romana é sempre tratado com certo cuidado pois, grande parte das fontes documentais que tratam dela foram produzidas muito posteriormente e associam grande dose de construção de narrativa mítica.

O que se percebe é que a transmissão de poder durante a monarquia em Roma, provavelmente, não obedecia a lógica da hereditariedade e sim a uma questão de força e capacidade de manutenção da proteção e desenvolvimento daquele território⁶. Formando

⁵ Segundo Tito Lívio, na obra *A História de Roma* (2008), depois do território instaurado como Roma, percebeu-se uma falta de mulheres para que a descendência continuasse visto que os romanos não conseguiam casamentos porque os povos vizinhos não permitiam que suas filhas casassem com romanos porque tinha uma péssima fama. A partir disso Rômulo teve uma ideia facilmente aceita pelos romanos, organizou um evento em homenagem ao deus Netuno e convidou todos os povos vizinho. Toda a vizinhança compareceu, incluído várias jovens sabinas que foram raptadas pelos romanos e isso gerou conflitos mas acabou por gerar frutos para dar continuidade ao povo romano.

⁶ Existe uma exceção que seria Tarquínio Soberbo que era descendente de Tarquínio Prisco, porém sua chegada ao poder se deu forma irregular, haja visto ele ter tomado o poder.

assim um sistema próprio de controle de reis, sendo possível o reinado de reis “estrangeiros”, tal como Numa que era um sabino.

A Monarquia consolidou a importância da família no interior da sociedade romana e como esta era a base para as diversas instituições que governavam junto ao rei. Próximo do fim do período monárquico que se deu em 509 a.C. com a expulsão dos etruscos, já existia uma divisão entre a figura do rei, a do povo e a do Senado. A divisão do povo entre patrícios e plebeus também conta com diversas teorias que buscam em possíveis dicotomias de origem, política e, principalmente, econômicas explicar o porquê dessa divisão

A tradição historiográfica romana descreve que seriam em torno de trezentas famílias patrícias, provavelmente a minoria da população, que detiveram nos primórdios da República grande notoriedade e a obtenção de cargos de cunho religioso e político, além do controle de certos espaços de poder no estado romano como comentaremos a seguir.

A República Romana também passa por insuficiências no sentido de uma ampla documentação acerca de seu surgimento e como as instituições, que já estavam ganhando força ao fim da monarquia, vão tomar as rédeas dessa nova forma de governo que se estabelecia em Roma. O período de transição entre essas duas formas de poder é marcado, sobretudo, pela conquista do poder pela aristocracia diante de uma possibilidade de fortalecimento da camada formada pelos plebeus.

Neste contexto da instauração da República romana em 509 a.C., a tradição mitológica narra o "Estupro de Lucrecia" como a grande justificativa para o movimento de derrubada da Monarquia. Trata-se do estupro de Lucrecia Tricipitino, filha de Espúrio⁷ por Tarquínio, O Soberbo⁸. Segundo Tito Lívio, Lúcio Tarquínio estava com um grupo de amigos bêbados em busca das melhores mulheres, porém esse sugeriu que voltassem às suas casas e verificassem se suas esposas estavam em casa, “provando” quem seria a melhor das esposas.

Lucrecia foi a única que estava em casa e acabou por oferecer um jantar ao seu marido e amigos. Porém, supostamente nessa noite, Tarquínio, O Soberbo teria se apaixonado por Lucrecia e voltou dias depois a casa dela, violentando-a sob ameaça de desenrolá-la na sociedade provocando um flagrante de adultério. Lucrecia tendo cedido por conta dessa ameaça, chamou o pai e seu marido e lhe contou o acontecido, em seguida cometeu suicídio.

⁷ Espúrio Lucrecio Tricipitino foi Cônsul na Roma Republicana e um dos líderes da revolução que levou a monarquia ao fim.

⁸ Lúcio Tarquínio, o Soberbo era filho de Tarquínio Prisco, teria cometido o estupro de Lucrecia na ausência do seu pai e isso teria tido como consequência a expulsão e exílio do rei e sua família. Motivando a instauração da República.

É necessário fazer um adendo sobre como a construção mítica de Roma é importante para os próprios romanos, no sentido de produziu suporte para o passado glorioso que estes queriam construir. Se adiciona algumas “provas” da existência de Rômulo por exemplo, tornado existente inclusive a caverna onde a loba teria cuidado das crianças. Apesar dos escritores romanos não confiarem cegamente nas histórias da fundação, poucos duvidam da existência de Rômulo, inclusive o Senado teria sido criação dele. Sendo assim uma tarefa complicada por um limite entre o que é história e o que é mito em Roma. (BEARD, 2017, p.73).

A partir dessas perspectivas o que se tem mais próximo de uma perspectiva histórica não corresponde a um momento específico de fundação, pois isso não era característico desse período e a união de tribos ou vilas não eram feitas com essa conjuntura. Porém, ainda é extremamente complexo formar uma narrativa com sentido para o principio desse território que viria a ser Roma.

Portanto, existem algumas explicações para a fundação e também para passagem da Monarquia para a República e diante desses fatos, esse acontecimento chegou ao povo e ao exército de forma devastadora, inflando uma necessidade de mudança e a retirada dos reis e seus descendentes que não tinham limites para suas vontades. Provocando o movimento que deu início a formação da República romana, essa perspectiva de explicação vai de encontro com a tradição.

Primeiramente, o termo “república” é oriundo da expressão de origem latina *res publica* e usualmente observada nos textos clássicos, tais como o de Cícero, referindo-se ao que seria uma maior participação da “população” nas questões políticas. Porém, o que acontecia era que os plebeus tinham uma representação no Senado, enquanto a participação de fato ficava nas mãos dos patrícios. (GELZER, 1969, p.269)

São muitos os romanistas, por exemplo, Paul Veyne que tratam o período da transição da monarquia para a república como um processo que não representou uma ruptura, mas sim uma continuidade. Haja visto as questões políticas em Roma terem ficado nas mãos das famílias da aristocracia que permaneceram no poder depois da monarquia terminada e existir apenas uma representação da população. (SYME apud DIAS,p.7).

Políbio⁹ acreditava na participação de todos os cidadãos romanos, de diferentes classes sociais e fora essa participação que freou, em partes, os interesses da aristocracia mantendo uma unidade social e evitando possíveis revoluções que de alguma forma colocassem em perigo a paz de Roma. Ele descreveu que grande parte da população tinha acesso aos votos em Assembleias que tomavam as decisões de maior importância.

Porém, até os nossos dias como falamos anteriormente os escritos de Políbio foram sendo refutados em função de uma possível idealização, em virtude de que o mais próximo da realidade desse período se encontrava em uma participação muito mais formal e menos efetiva. O povo estava presente nas assembleias, tinham direito ao voto, mas na prática o poder estava nas mãos da elite, a partir do Senado.

É importante deixar claro que essa elite romana é constituída por patrícios, aristocracias ligadas a posse de terra, e comerciantes, famílias de origem plebeia que haviam enriquecido formando uma nova categoria, os chamados *nobiles*. Essas nobrezas recém construídas, junto aos patrícios, tinham total interesse na expansão em função das possibilidades de aumento de riquezas por meio, sobretudo, da aquisição de novas terras.

Nesse contexto entendemos que, por mais que existisse uma participação de uma parcela do povo, ela era, de qualquer forma, atrelada ou associada a um "contexto" patrício e não eram, de forma alguma, os menos abastados. Para Gelzer (1969, p.269) antes da implementação do império que durou de 27 a.C. a 476 d.C. já se via pouca ou nenhuma participação popular. As estruturas sociais de poder estavam construídas com base em vínculos de clientelismo¹⁰ que são práticas promovidas, eminentemente, pelas famílias ricas, formando e consolidando relações de dependência por parte das famílias mais pobres.

Nesse ponto, concordamos com uma perspectiva historiográfica que defende que a República foi um projeto das oligarquias desde a mudança do regime monárquico. Diante disso, tentaremos ir mais a fundo e pensar como a educação faz parte desse projeto na construção de cidadãos ideais para a manutenção dessa república projetada pelos oligarcas.

Para tanto, buscaremos em nosso trabalho refletir sobre inquietações propostas assim que pensamos em escrever sobre Educação na República romana. Analisaremos a condição

⁹ Historiador e Geógrafo da Grécia Antiga. Escreveu obras sobre o contexto do Mediterrâneo. Em Roma ele foi preceptor de Cipião Africano, dedicou-se ainda a trabalhos históricos demonstrando a cultura e a política romana.

¹⁰ Antes de falarmos do clientelismo, é importante destacar a formação de um grupo para além dos patrícios e plebeus, que eram os clientes. Os clientes estavam diretamente ligados aos patrícios, pois tinham deles além de estadia, proteção em função de serviços prestados. E dessa conjuntura nasce o que conhecemos como clientelismo.

conservadora que a sociedade romana encarava a formação dos seus cidadãos, como esta formação passa por desenvolvimentos a medida que há uma interação com os povos dominados e como isto influencia no projeto expansionista e no próprio estabelecimento e continuidade do período republicano

Analisaremos as concepções de educação de dois grandes nomes da República, Catão e Cícero. que percorreram os mais diversos contextos da sociedade, principalmente pelo fato de que na antiguidade as demandas políticas, sociais e religiosas funcionam de forma interligada. As obras que serão analisadas no presente trabalho em se tratando de Catão são o livro “Da Agricultura” que é considerada a obra mais antiga de prosa de origem latina que sobreviveu até os dias de hoje, tendo sido datada de aproximadamente 160 a.C. Alguns descrevem a obra de Catão como um simples caderno destinado a aristocracia agrária, mas o que nos interessa nessa obra, além de seu recorte para a vida rural da República romana, consiste também no seu formato de manual que sugere alguns comportamentos sociais.

A obra traz uma gama de orientações sobre criação, manutenção e produção de vinhedos, alguns rituais que teriam que ser realizados por agricultores e conduções para além do campo, baseadas nas premissas de Catão, que acreditava ser a melhor forma de conduzir a vida para se tornar o “romano ideal”, pelo menos em seu ponto de vista tradicionalista.

Porém, sua obra mais importante se intitula “Orígenes” e é formada por um grupo de sete sùmulas que oferecem a perspectiva de Catão sobre as cidades de origem italiana, com destaque para Roma. Nos compêndios ele tenta percorrer uma narrativa histórica desde a fundação de Roma até os dias em que ele viveu. Porém, em se tratando dessa obra, o acesso que temos são apenas a alguns fragmentos que geralmente são encontrados como citação em autores que o leram.

Já as obras de Cícero que trabalharemos nesse texto dissertativo, serão: “Da República”, “As Catilinárias” e “Das Leis”. O livro “Da República” buscou refletir sobre as questões políticas no período e como a República foi sofrendo alterações com o passar das gerações. Cícero também demonstra na obra seu interesse por uma reforma no regime da República, dado o momento de crise por conta de vários conflitos, por exemplo, as reformas agrárias propostas pelos irmãos Graco.

Na obra, “As Catilinárias”, Cícero tenta através de seus quatro discursos descritos no livro, demonstrar alguns acontecimentos sociais e políticos de Roma na busca pela preservação da República romana, dando destaque para seu embate com Lúcio Catilina na tentativa de barrar a dissolução do senado e tomada do poder romano, intenção comandada

por Lúcio. E dessa obra poderemos absorver além das análises que rondavam o período, também iremos compreender o contexto cultural daquele território.

E no livro “Sobre as Leis” Cícero busca inspiração em Platão na construção de seus ideais filosóficos e é exatamente isso que nos interessa, partindo do ponto que as intersecções entre Cícero e alguns pensadores gregos demonstram o ideal progressista que o orador buscava para Roma Republicana. A obra discute, também, questões importantes sobre religião e como as leis devem ser cumpridas para o bem-estar social.

A metodologia utilizada para realização do trabalho foi inicialmente a leitura das obras dos autores já mencionados que serão utilizadas como fonte correspondente ao tema e ao proposto no início do trabalho, além de um compilado da historiografia referente ao período buscando, assim, a construção do cenário para estabelecermos o contexto dos objetivos propostos.

Para análise da documentação coletada, usamos o método da Françoise Frontisi Ducroux e através dessa metodologia, vamos analisar a documentação juntamente com a metodologia proposta por Greimas, pois nos mais diversos discursos conseguimos visualizar a formação de imagens pelos autores. As imagens que estamos falando aqui, são os grupos semióticos que vão dar voz as polifonias culturais ali formadas, ou seja, demonstrando como os grupos habitavam e dividiam a mesma cultura.

Posteriormente, iremos lançar mão da construção de um aplicativo visando agregar a tecnologia dos celulares e principalmente a praticidade em virtude de ser um instrumento que os alunos e os professores tem um acesso maior. Nesse aplicativo daremos continuidade a discussão já estabelecida no trabalho aqui apresentado e então usaremos algumas imagens como contributo da discussão.

Pensando nessa perspectiva, no primeiro capítulo buscamos compreender um pouco do contexto da sociedade romana, fazendo uma discussão historiográfica acerca dos costumes, tradições e valores que a cercavam e como todas essas características eram construídas e reproduzidas através da educação, buscando envolver a importância do mecanismo educacional estabelecido no contexto republicano.

No segundo capítulo, continuamos dentro do contexto republicano, todavia dando destaque para uma incursão nas trajetórias de Catão e Cícero que são nossas bases para entender os modelos educacionais e como estes foram mudando através do tempo e principalmente dos interesses. Iremos construir uma análise de ordem biográfica inicialmente para entendermos como sua vivências contribuíram para suas escolhas e posicionamentos, em

seguida discutiremos as obras dos autores escolhidas como fonte e como estes se firmaram na discussão sobre educação e sobre República.

O terceiro capítulo será composto de uma introdução sobre o uso das tecnologias em sala de aula, com uso dos celulares e como estas atuam como contributo no ensino das mais diversas disciplinas, inclusive a história. Nesse capítulo buscaremos demonstrar como se realizou a construção do produto em etapas e com os detalhes da produção. O produto que estamos propondo consistirá em um aplicativo com algumas perspectivas sobre a República romana e as condições da educação nesse período através das leituras de Catão e Cícero.

O aplicativo contará com textos e contribuições para o entedimento de algumas temas da República pois este será destinado ao uso dos professores e alunos do primeiro ano ensino médio, para o conteúdo de História AntigaHistória Antiga, com foco na República romana, um período que geralmente é bastante limitado nos livros didáticos em geral.

CAPÍTULO 1 - *SUI GENERIS*, A IDENTIDADE ROMANA

1.1 A Sociedade Republicana de Roma

A sociedade romana tem seu legado presente em nossa cultura nos mais diversos aspectos, inclusive no educacional. Durkheim (1978) apontava em seus estudos que todo o produto do que chamamos de “civilização intelectual” deriva de Roma. A questão da sociedade, família e educação nesse território conta com especificidades particularmente interessantes na antiguidade, e são nessas especificidades que iremos nos ater para entender algumas questões relacionadas a educação, e esta associada à identidade do cidadão da República Romana entre os séculos 509 a 27 a. C.

Sabemos que desde sua fundação até meados do final da República (509 a 27 a. C.) Roma buscou uma unidade entre seus cidadãos através de um modelo extremamente singular que obteve sucesso ao longo do tempo, tendo se constituído em uma sociedade de vitorioso imperialismo no que diz respeito a extensão territorial, ao poder de domínio forjado ao longo de séculos de expansão e ao seu legado cultural. Maria Pereira comenta que esse legado cultural teria sido, inclusive, aquele de maior significado, haja vista alguns padrões comportamentais e valores presentes no mundo ocidental atual. (PEREIRA, 1989, p.321)

Pierre Grimal descreve em sua obra *A Civilização Romana* (2009) que havia uma espécie de ordem de relevância entre os valores preconizados por Roma para os cidadãos. E essa hierarquia estava fixada nos conceitos de *fides*, *pietas* e *uirtus*, sendo estes conceitos base para a fundamentação da *mos maiorum*¹¹. Cada um desses conceitos tinha um lugar no que podemos chamar de "romanidade"¹². As leis criadas quando o segundo rei de Roma, Numa Pompílio (717 - 673 a.C.) estava no poder, passaram a ter uma organicidade e construir a base para a convivência em sociedade.

Grimal (2009) descreve a *fides* como uma garantia de boa-fé e bondade na vida em sociedade sendo esta, portanto, uma reguladora das relações humanas e até mesmo das divinas. Ele argumenta sobre como esse valor traz uma segurança a toda e qualquer relação até mesmo em documentos de acordos contratuais, compras e vendas e também naqueles acordos tácitos. E isso seria uma característica de um território essencialmente agrícola tal

¹¹ Conjunto ideal de comportamento que direcionava e/ou ordenava o convívio em sociedade na Roma Antiga.

¹² Todas as características referentes ao que se relacionava diretamente aos romanos e a Roma, seus costumes e tradições. No tempo de Augusto (63 a.C. – 14) essa romanidade passa a ter como base a segurança e a paz do Império.

como Roma que tem um comércio de produtos fornecidos pelo campo bastante vasto, sendo essa conduta uma razão irretocável para a unidade construída na sociedade romana. (GRIMAL, 1988).

Já a *pietas* se constitui em um valor que visa preservar relações para além da dos devers que cada cidadão possui para com a pátria, pois nesta está envolvida laços familiares ou de grupos e ainda as ligações de hierarquia dentro da sociedade. Grimal comenta que essa virtude consiste em uma manutenção dessas relações que existem entre as pessoas e que vão muito além das questões materiais, mantendo essas associações organizadas, sem perturbações. (GRIMAL, 1988). Nota-se, portanto, que *pietas* e *fides* são conceitos que se complementam na busca pela condição ideal de relações dentro de Roma.

E a *virtus* seria um complemento para a construção de um cidadão “completo”, haja vista este conceito representar o quanto um romano vivia em função da comunidade, da pátria e de seus interesses. Grimal aponta que a *virtus* estaria inexoravelmente ligada a dedicação à pátria e tudo que aquele indivíduo fizesse ao longo de sua vida para o bem da comunidade, porém este foi o conceito mais maleável e o que conheceu mudanças ao longo do tempo, principalmente com o advento do cristianismo, já durante o Império.

Nesse cenário é possível observar o quanto essa sociedade regula o comportamento de um indivíduo a partir de um modelo culturalmente idealizado, sendo almejado através da difusão e manutenção desses valores. E é fundamental pensar que esses três valores mais importantes e que dão significância a *mos maiorum* trazem, tacitamente, inúmeras outras virtudes arroladas, tais como: *dignitas*, *clementia*, *gloria*, *res publica*, entre outros e aquela que nos interessa profundamente, que é a *humanitas*.

A *dignitas* também se mostra um conceito muito importante para entendermos a busca pelo cidadão idealizado por Roma, sendo esse conceito visto como uma espécie de notoriedade reconhecida pela sociedade e que representava o lugar social de cada indivíduo, podendo ser atribuído no nascimento ou alcançado durante a vida (PITA, 2010). É importante notar o quanto esses conceitos são fundamentais e necessários para estabelecer uma boa convivência, sendo usados em diversos manuais¹³, inclusive pelos autores clássicos analisados nesse trabalho, Catão e Cícero.

Portanto, o *mos maiorum* e todos os inúmeros conceitos que estão ligados a ele davam a orientação para a vida em sociedade e como esta deveria ser conduzida pelos

¹³ Obras que ensinavam alguns aspectos da vida, tais como colher, cuidar da terra, se portar em sociedade. Catão é um dos autores que escrevem nesse tipo de formato.

cidadãos de Roma. Sua manutenção era o objetivo de toda aquela comunidade transmutada no que chamamos de *Urbs* e toda essa prerrogativa demonstrava o quanto as tradições antigas eram importantes e o quanto se temia que elas fossem mudadas. Portanto, o *mos maiorum* é a base para a romanidade.

1.2 O Cenário Político

A partir das transformações políticas que tornaram a monarquia romana uma república, os patrícios assumem o poder e com eles se forma um complexo sistema político onde o Senado¹⁴ tinha enorme importância em função de certo destaque para os cidadãos e famílias de maior influência. Estes grupos tinham um lugar de relevância e de responsabilidade no sistema de poder vigente de Roma. Dessa forma esses nobres precisavam ser preparados como cidadãos, com as características ideais, desde criança para ocuparem esses espaços de governança.

Esse grupo que teve papel importante na realeza durante o período monárquico romano¹⁵, pode ser compreendido como uma aristocracia rural extremamente conservadora, que tem sua riqueza fincada e nutrida em suas terras. E são estes grupos e famílias que forjarão os padrões desejados aos próximos cidadãos que serão responsáveis por, além de dar continuidade ao poder de Roma, fazer com que ela cresça ainda mais. O grupo dos patrícios, então, começa a dividir os cidadãos em espécies de ordos de onde seriam recrutados novos membros, tanto para o serviço político, como para o militar.

A escolha da República Romana como marco temporal desse estudo não foi de forma aleatória e sim pois, a partir da historiografia romana, é possível notar que a monarquia passava por um momento de instabilidade, onde as aristocracias que estavam desligadas do poder se rebelaram, buscando uma reforma e essa reforma foi creditada, segundo Tito Lívio (2008), a Sêrvio Túlio¹⁶.

¹⁴ Instituição composta pelos cidadãos mais antigos, geralmente chefes das maiores famílias e estavam no poder desde a monarquia romana. O Senado era constituído pelas famílias mais abastadas e possuía uma rígida hierarquia. Era formado por trezentos membros de caráter vitalício. Tinha como função colocar em discussão assuntos públicos e também controlavam o rei, impondo alguns limites e submetendo as leis por ele a aprovação. Além disso o Senado também ficava a cargo de escolher o novo rei quando o que estava no poder morria. A indicação do nome do novo rei pelo senado tinha o nome de *Interregnum* que tinha como significado entre reinados. Além disso, o senado dispunha de amplos poderes no que se refere a administração e financeiro e ainda política externa e práticas religiosas de caráter cívico.

¹⁵ Na Roma Antiga, foi a primeira forma de governo, seu início conta com a história de uma fundação lendária da cidade, datada 753 a.C. até 509 a.C.

¹⁶ Sexto rei romano, segundo a tradição reinou de 578 a 539 a.C.

Tito Lívio descreve em sua obra¹⁷ como as inovações políticas¹⁸ de Sêrvio Túlio foram bem-sucedidas ainda que saibamos que não é possível afirmar a existência de todos os reis do período monárquico¹⁹. É possível que a existência deles faça parte de uma memória construída posteriormente.

Porém, o que nos chama atenção, de fato, no recorte temporal escolhido é a nova organização social imposta, que tinha como parâmetro uma população dividida em classes, no interior das quais as fortunas eram definições de relevância social. Diante disso, a república romana é estabelecida por grupos da elite formado pelos patricios que não tinham seus interesses garantidos na monarquia, formando assim uma nova forma de governar não tão nova, baseada em princípios dessas oligarquias.

Sabemos que tentar estudar esse recorte temporal, no que se refere a historiografia romana, se compõe em um desafio pois a documentação que se refere ao período, como já mencionado, busca pela construção de uma tradição. Sabemos ainda que a historiografia moderna trabalhou a documentação a partir de premissas diferentes que, por vezes, não dissociavam os mitos e tradições construídos pelos próprios romanos, da história, transformando em “histórias reais” memórias produzidas por Tito Lívio, por exemplo, umas das importantes fontes acerca do período republicano. Este autor que lança mão de inúmeros mitos construídos a posteriori, para explicar acontecimentos do passado romano.

Dito isso concordamos, portanto, com uma historiografia sobre Roma que objetiva uma revisão do conhecimento sobre o passado romano²⁰. A historiografia tradicional sobre Roma, sobretudo aquela herdeira da concepção historiográfica do século XIX, construiu uma imagem desta sociedade, ou seja, uma espécie de tradição sobre a história romana. Historiadores e escritores dessa Roma antiga, construíram uma imagem de Roma a partir da observação do Império expansionista, dando um caráter único para o que seria a identidade romana, deixando de lado aspectos importantes, principalmente quando se refere as transformações na concepção de educação de Catão à Cícero.

¹⁷ Nos livros que retratam a história de Roma, mais especificamente no volume I.

¹⁸ As inovações políticas de Túlio teriam favorecido em sua maioria os plebeus. Ele teria criado cargos, promovido famílias à nobreza, estimulado o comércio e ainda o artesanato. Tais medidas foram chamadas de reformas servianas. Todavia, o projeto de Túlio não teria foco em beneficiar os plebeus, mas garantir a força do seu reino e uma plebe forte.

¹⁹ “Para os escritores romanos, os reis que vieram depois de Rômulo eram uma continuidade do processo fundacional da cidade de Roma. Assim como Rômulo, esses governantes eram vistos como personagens históricos (mesmo que muitos escritores mais céticos duvidassem de algumas das histórias mais extravagantes contadas a respeito deles); mas novamente, é óbvio que muito da tradição que chegou a nós, longe de ser realidade, é uma fascinante projeção mítica sobre o passado distante de algumas prioridades e preocupações romanas.” (BEARD, 2017, p. 100)

²⁰ Dentre esses autores destaco aqui Cláudia Beltrão da Rosa, Ana Teresa Marques, Paulo Abreu Funari.

A questão de identidade envolve entendermos que este conceito está em constante movimento e por conseguinte transformação, pois as identidades são construídas tendo relação com os movimentos de intersecção entre história e contexto social, sempre pensando o contexto das sociedades antigas já que essas sociedades não pensam em si mesmas como pensamos elas. Os estudos sobre o que seria essa identidade são muito instigantes e buscam pensar uma nova configuração, ou melhor, uma reestruturação desse passado romano e é nesse quadro que busco me inserir. (CIAMPA apud LARA JUNIOR, 1987).

Acreditamos que a historiografia produzida ao longo do século XIX e que consolidou muito do que ainda entendemos como História de Roma, se converteu, muitas vezes, em grandes manuais. Seus mecanismos surgem na perspectiva de uma história proposta pelo positivismo²¹, ou seja, buscando uma história real, escrita a partir da verdade contida nas fontes, sem grande crítica documental e que, além de tudo, no que diz respeito à História da Antiguidade, a elegeu como um passado grandioso da Europa de então: “A História Nova nasceu em grande parte de uma revolta contra a historiografia positivista do século XIX, tal como havia sido definida por algumas obras metodológicas por volta de 1900.” (LE GOFF, 1993, p.28).

Nessa perspectiva, entenderemos como a sociedade da república romana e a educação foram responsáveis pelo estabelecimento de prerrogativas que darão origem ao que entendemos como o bom cidadão, aquele que para Cícero e Catão são os que, além de agricultores e proprietários de terras, são também bons soldados. O primeiro autor comentou em sua obra *Da República* que vem dos camponeses os homens mais fortes e também os mais corajosos soldados. E ele continuava a explicar a superioridade romana através dessas características:

Não foi outra a principal causa da decadência de Cartago e Corinto senão essa vida errante, essa dispersão dos cidadãos, aos quais a ânsia de navegar e de enriquecer fez abandonar o cultivo dos campos e o prazer das armas. (DA REPÚBLICA, LIVRO II, VERSO IV).

A nossa pesquisa consiste em um estudo acerca da perspectiva educacional romana no período da República (509 a 27 a. C.), levando em consideração dois modelos educacionais que consideramos fundamentais para entender a busca pelo cidadão ideal na Roma Republicana, partindo da perspectiva que a trajetória educacional romana pode ser

²¹O positivismo é a corrente de pensamento que entende que o conhecimento verdadeiro só é possível por meio da observação e da aferição empírica do mundo.

dividida em dois momentos. O primeiro momento, em que a educação é de cunho nacionalista e primitiva, momento esse que se estendeu até a conquista do território grego a partir de 168 a.C. E o segundo momento quando a educação ainda tem um pano de fundo nacionalista, todavia mais "flexível". Ou seja, a partir da conquista da Hélade, a influência grega vai afetar diretamente a forma de educar dos romanos. Como descreve Horácio (apud MARROU, 1975, p.375). : “A Grécia conquistada conquistou por sua vez seu selvagem vencedor e trouxe a civilização ao rude Lácio.”

Existem perspectivas que dividem a educação romana em até três períodos. Para Aranha (1989) por exemplo, existem três fases que a seccionam e podem ser explicadas através de um sistema educacional latino autêntico, que se limitava ao estudo de leis, códigos e costumes não dando atenção às ciências. Em um outro momento, o helenismo vai influenciar profundamente e isso vai render críticas daqueles que defendiam a tradição e, por último, uma fase onde o helenismo e o que se entende por cultura romana se fundem.

É importante comentar que grande parte da perspectiva que formou o modelo de cidadão romano e que perdurou pelos períodos seguintes, foi construído durante o período da República. Nessa etapa da história romana se formaram o que chamamos de valores romanos²², que vão permanecer até, mais ou menos, o fim da república e começo do Império, onde Roma já passava por uma transformação bem mais significativa. Essa transformação movimentou a política trazendo novas perspectivas em diversos segmentos, sobretudo ao que denominamos de cidadão romano, com toda a sua civilidade e conduta no seu dia a dia no interior da sociedade.

1.3 Ser cidadão na República Oligárquica

O conceito de cidadão foi construído ao longo do tempo, em diferentes contextos da história, associado a premissas específicas às sociedades. Todavia, é necessário enfatizar que o termo cidadania vem do latim *civitas*. A partir de Botelho e Schwarcz (apud MORAIS, 2012) a cidadania é descrita como uma temática extremamente recorrente no mundo contemporâneo, porém não se desenvolve em uma perspectiva concordante na historiografia.

Desde a Grécia Antiga, a cidadania (*politeía*) é um conceito utilizado para dar corpo ao que chamamos direitos dos cidadãos, ou seja, a cidadania seria na prática o que o cidadão

²² Valores que compreendem a manutenção das tradições e costumes romanos. Que fazem do cidadão aquele que estará sempre disposto a trabalhar por Roma, seja como um bom soldado, seja pagando os impostos, seja sendo um bom agricultor.

nativo tinha como dever e direito, seja político ou social. Mas no caso da Grécia a cidadania tinha, também, o pressuposto do nascimento. Em Roma, a *civitas* é utilizada para justificar o quadro político onde a pessoa está inserida e quais direitos essa pessoa poderia ter mas, principalmente, quais deveres. E essa cidadania no território romano fazia, inclusive, a distinção entre estes e os estrangeiros e havia ainda a distinção entre os próprios romanos que não eram definidos como singulares pois a condição econômica tinha importância imensa.

A cidadania em Roma, portanto, estava intrinsecamente associada a ligação do homem adulto ao seu papel e sua participação no Estado Romano, muito mais que do que ao nascimento, isso porque o conceito de cidadão associava-se em demasia ao cenário jurídico. A participação política se traduzia em cidadania, estando sempre nas mãos da aristocracia que detinha o controle do senado. Ficava destinada à plebe somente uma espécie de representação, isso antes de todas as reformas²³ conhecidas que tornaram possíveis algumas concessões políticas aos plebeus.

E para discutirmos efetivamente a cidadania, devemos pensar o que é ser cidadão na república romana e quem era cidadão nesta república. Para Aristóteles, por exemplo, cidadão é aquele que tem poderes públicos sem definições de limites, sendo aqueles homens que não precisavam usar a sua força de produção. Para Guarinello (2013, p.46): “[...] cidadania implica sentimento comunitário, processos de inclusão de uma população, um conjunto de direitos civis, políticos e econômicos e, significa também, inevitavelmente, a exclusão do outro.”

Mas no contexto romano, é necessário um cuidado maior ainda ao falarmos de cidadania. Esse cuidado se faz necessário, em largo sentido, pelo fato da categoria de cidadão romano ter uma ligação inegável com a condição jurídica. Ser cidadão romano é participar politicamente, cumprir com seus deveres com Roma e assim ter direitos garantidos. Para Funari (2013, p.76): “Roma apresentava diversas características em comum com as modernas noções de cidadania e participação popular na vida social”. A família romana é um importante sustentáculo para toda a organização do contexto social, pois a família é muito mais do que o pai ou a mãe. A família era tudo que estava sobre propriedade do *pater*. E a continuidade dessa família é um princípio que será passado de pai para filho, haja vista as filhas não terem a mesma importância no núcleo familiar.

²³Como exemplo, citamos aqui as Reformas propostas pelos irmãos Tibério e Caio Graco nas questões agrárias e na participação, ou melhor, representação política da plebe através do Senado.

Nesse ponto, portanto, buscaremos refletir em como estes modelos perpassam o viés educacional e como as perspectivas educacionais dialogam com o contexto sócio-político republicano. Partindo desse ponto, tentaremos entender como a educação e a escola são instrumentos para implementar projetos políticos, sejam eles tradicionalistas ou não, objetivando à formação de modelos de cidadão ideal e a tradução do contexto expansionista romano. A imagem do que seria um “bom cidadão” é o cidadão que deixa o controle de suas terras para enveredar pela política e que defendia os interesses de Roma.

A desagregação do mundo grego, do ponto de vista político, dá cabo ao crescimento incessante ao que conheceríamos como Itália e se transformaria em um grandioso império. E as construções das relações das próprias tribos italianas com os etruscos deu início a esse desenvolvimento. É inegável que existe uma semelhança de caráter externo com a vida grega e está promove o que vamos chamar de inspirações, principalmente com a anexação de cidades gregas da Itália. Ao fim os italianos ou futuros romanos sentiam uma certa fascinação pelo gênio e pelo que conhecemos como cultura grega, pois se traduzia em beleza e ainda ecoava o êxito do período helênico. (ROSTOVTZEFF, 1983).

Porém, durante o período republicano e, sobretudo, por conta da necessidade de crescimento e fortalecimento do poder do território Romano, a Grécia já não representa um modelo tão forte a ser seguido. E surge em Roma um grupo de políticos encabeçado por Catão. Catão era uma figura política com grande representatividade no que se refere a negação de tudo que fosse grego. Ele sempre se referia ao povo da Grécia como *promiscuos e imorais* e não escondia que acreditava piamente que a proximidade com a cultura grega com a romana era prejudicial à vida dos romanos.

Não temos nenhum motivo para pensar que os senadores fossem dotados de uma perspicácia excepcional [...] Mas devemos reconhecer-lhes pelo menos um patriotismo intenso e uma firmeza a toda prova, uma fortaleza de espírito que resistia a toda derrota e desastre. (ROSTOVTZEFF, 1983, p. 87)

Nativos de Roma muito brevemente notaram que a influência da cultura grega seria rica e, principalmente, não significaria uma apropriação total de tradições e costumes gregos. A princípio o que se estabeleceu foi uma seleção a partir da consciência dos romanos do que era importante, do que de forma mais clara poderia ser aproveitado dentro da cultura romana.

E para essa dinâmica, não diferente de outras perspectivas romanas, se constrói um termo que pode ser considerado um conceito, que é o *contaminatio*²⁴.

É importante deixar claro que “povo romano” era esse, haja vista estarmos tratando de um momento onde essa sociedade limita em larga escala quem pode ser ou não considerado romano. Nesse sentido, cidadão era todo aquele que, além de possuírem laços familiares ou com a cidade em si, eram provenientes dos povos que deram início ao povo romano, ao se unirem povoando o território. Apesar da historiografia julgar complicado sintetizar uma cultura romana no período da República por conta do contato dessa sociedade com os mais diversos povos, religiões, culturas e línguas, existe um fator que nos permite apontar o que, de certa forma, constrói os contornos da uma “cultura romana” e esse fator se construiu a partir das leis e normas que estabelecem a vivência naquela terra.

Os povos que foram agregados ao longo do tempo através de dominação, os que buscavam moradia e os nativos, todos tinham que adotar um modelo de princípios que dão sentido ético e moral para vida. E nesse sentido todo o povo busca adotar esses princípios para a vida. Com o tempo iremos compreender que isso não aconteceu com sucesso ao longo de toda a república, pois os contágios eram bilaterais e provocavam as mais variadas mudanças nas duas pontas da relação. Para Tito Lívio (2008), os cidadãos de Roma faziam uma espécie de separação entre os nativos que eram os romanos de nascença e os romanos que adquiriram a cidadania.

Eles eram recebidos como membros do Estado, mas não tinham parte no exercício da soberania nacional. E tanto assim que os mantinham separados da *populus romanus*, que não podia ainda utilizar costume dos itálicos. (MAYNZ, 1876, p.41)

Nesse ponto, é necessário também um certo cuidado ao analisar o que seria cidadão na perspectiva romana, pois a historiografia antiga nos descreve dois tipos de cidadãos romanos plenos que seriam o *civitas optimo iure*²⁵ e o *ciuitas sine suffragio*²⁶. E esses dois tem total ligação com a inferência política ou não daquele individuo em questão. Para Humbert (1978, p. XX), a última opção era uma cidadania incompleta, pois excluía o direito a participar politicamente da sociedade, mas em contraponto garante o casamento com cidadãos romanos e ainda podem estabelecer negócios com esses mesmos cidadãos de forma legal.

²⁴ Termo utilizado para designar o uso de coisas gregas como modelo.

²⁵ Povos que passavam a fazer parte do território através de anexação. Tinham todos os direitos de cidadania, em hábito privado e público.

²⁶ Povos que recebiam um tipo de cidadania com limitações ao direito de votar e que garantia o mínimo no que se refere aos direitos, em sua maioria era essa a cidadania concedida por Roma.

E nesse momento, as famílias abastadas de Roma, de forma muito rápida, buscaram complementar a educação de seus filhos com a educação grega, a partir, principalmente, dos escravos²⁷ que produziam o ensinamento principalmente de ciências e artes desenvolvida por gregos. E algumas dessas crianças que eram ensinadas em casa e em escolas buscaram complementar suas atividades estudantis na própria Atenas. Para Marrou (1990, p.386) a influência grega na educação romana foi muito maior do que imaginamos, tendo os aristocratas educado seus filhos com base em vários ideais gregos.

Vários foram os autores que escreveram sobre a intervenção grega na educação romana. Sêneca (1991), por exemplo, descreve em uma de suas cartas como os ensinamentos gregos e suas artes são educativas e como os romanos as descreviam como destinadas aos homens que fossem livres ou como eles chamaram, “liberais”.

É importante destacar que os modelos aqui escolhidos são representados por dois importantes oradores, políticos e pensadores do período republicano. Sendo assim, os autores para os quais voltamos nossa atenção são: Marco Pórcio Catão e Marco Túlio Cícero. Configurando uma importante conexão, haja vista que Cícero tem influência de Catão e usa de algumas de suas prerrogativas, porém marcando suas diferenças ao implementar conceitos que estabeleceram profundas mudanças que é o que nos chama atenção na construção do trabalho em questão.

A princípio, no período monárquico, a educação romana não tinha nenhuma espécie de organização formal, como nós entendemos, e nem se destacava na antiguidade, pois não era institucionalizada e não contava com uma intervenção estatal. Apenas a partir do período republicano é possível notar a necessidade e as melhorias desse contexto. O início da república trouxe um novo cenário para Roma. Com o crescimento do comércio, a sociedade passa a compartilhar desse desenvolvimento e, nesta medida, se torna mais exigente em diversos aspectos, incluindo a educação.

Em meados do século IV a.C. surgem as primeiras escolas “particulares”²⁸ que não se dedicavam a discussões filosóficas ou literárias mas, sim, promoviam um ensino mais

²⁷ Os escravos em Roma geralmente eram povos vencidos nas guerras de expansão eram esses escravos os designados a essa função.

²⁸ A educação em Roma era feita em centros de ensino de caráter particular, pois o estado não intervinha nessa categoria até o período da república. E essas escolas eram destinadas a famílias menos abastadas que não conseguiam pagar por uma educação em casa. Geralmente essa educação era feita por pessoas que já tinham sido escravas ou soldados e até mesmo pessoas que tinham perdido suas terras e cobravam uma quantia menor que os professores que iam a casa ensinar. Geralmente esses estabelecimentos ficam localizados no Foro, em meio ao barulho do comércio e péssimas instalações. O professor pautava sua educação na transmissão do texto da Lei das Doze Tábuas.

“formal”, sistemático. Os "conteúdos" de filosofia geralmente eram voltados para a moral e a ética, tudo aquilo o que, para esta sociedade, influenciava a formação do cidadão idealizado por ela. “A República havia conservado para eles, o seu prestígio, porque, vivendo longe dos grandes centros, viam menos as suas fraquezas, e lembravam-se sempre de suas glórias passadas.” (BOISSIER, 1945, p.23).

O termo *educatio* pode ser traduzido pelo que chamamos de educação. Para os romanos, *educatio* era o exercício de tornar a criança pronta para viver em sociedade. Ao longo do tempo foram sendo incorporados outros termos à noção de *educatio*, distinguindo a educação feita em casa, daquela feita na escola, sendo os termos: *educativo et disciplina*²⁹ e *educativo puerilis*³⁰. É importante destacar que, das sociedades da antiguidade, a romana talvez tenha sido aquela que tenha feito uso de forma mais intensa e sistemática de uma memória de grandiosidade no sentido de educar e fornecer modelos identitários do que seria o cidadão ideal.

Segundo Giardina (1992, p.7), a educação destinada aos cidadãos romanos tinha como primeira preocupação ensinar retórica e também preparar a criança para a carreira militar. Isso com conhecimento prévio de que a educação era limitada a um pequeno grupo dessa sociedade. Sendo esse homem descrito como um cidadão especialmente brilhante, porém menos culto que o homem grego, era um guerreiro extremamente disciplinado e eficiente, além de valente como nenhum outro.

Sendo assim, a criança romana ou homem romano em formação é produto irrevogável da influência de sua própria cultura e meandros de religião e política que iam formar o perfil desse menino que seguiria como sua família defendendo a sociedade romana e os valores desta.

Fazendo uma comparação entre a educação grega e a romana, percebemos o quanto os modelos de inspiração mudam. Enquanto os gregos tinham deuses e heróis que eram, de certa forma atingíveis e que dificilmente são passíveis de serem “imitados”, os heróis que Roma destaca e pretende que os meninos imitem são os soldados, os agricultores, os estadistas, ou seja, os grandes nomes da sociedade, os que tinham participação na República Romana. Sendo assim uma educação com um objetivo bem claro e prático, o de aprender algo que inevitavelmente o menino iria desempenhar quando adulto.

²⁹ Em uma tradução aproximada seria “Educação e Formação”.

³⁰ Em uma tradução aproximada seria “Crianças em Treinamento”.

Diante dessa perspectiva, até mesmo Cícero que tinha muito interesse em todo e qualquer vínculo com as bases e pensamentos gregos, sempre destacou, com certa admiração, como as unidades políticas romanas não são baseadas em questões que trabalhassem com heróis e mitos mas, sim, um lento processo de construção e criação de uma prática de bases para a criação de uma política própria. E ao longo do tempo esses mecanismos foram sendo melhorados tanto por questões internas quanto pelas guerras travadas ao longo da República. Lembrando que isso também representa uma construção de Cícero acerca desse contexto.

1.4 Um bom cidadão

O jovem irá ser ensinado, mas também será treinado em seu aspecto físico para ser um bom soldado. Passará pelo desenvolvimento por meio de exercícios físicos diários para desenvolver sua capacidade de combate, tendo em vista que a cultura romana possui um caráter militar bem desenvolvido. Desta forma, podemos conceber o processo educacional romano como tendo, em larga escala, uma faceta muito mais voltada para o desenvolvimento moral e físico e muito menos intelectual. Nesse contexto, tanto Cícero como Catão destacam que o “bom cidadão” poderia ser um agricultor, mas também um soldado.

Outra importante característica a ser comentada dentro do contexto de formação do cidadão ideal, se destaca também por um mecanismo extremamente relevante no contexto romano, que é a religião. Religião essa ensinada desde muito jovem, pois também era uma ferramenta de controle desses romanos em formação. Como descreve Montanelli (1998, p.7) quando diz que as práticas religiosas que acompanhavam o crescimento da criança romana, além de servirem para ensinar também disciplinavam.

As práticas religiosas para Roma estão indiscutivelmente conectadas a como esta sociedade pensa e organiza sua vida social. Essas práticas têm importância fundamental na construção do que chamamos de identidade, tanto as coletivas quanto as individuais. No aspecto social essa religião, que é extremamente ritualística, possui um caráter ordenador a partir do momento em que atribui responsabilidades a cada cidadão para com o bem-estar da comunidade, a partir das prática dos cultos. O ritual religioso ainda tem como característica a obrigação da execução de uma ordem, para que tivesse sucesso. Sendo largamente absorvida pelos romanos, essas práticas vão dar o ritmo do que podemos chamar de uma ordem social. “Mais cívica, mais familiar, a educação romana é também, mais profundamente religiosa que a grega.” (MARROU, 1966, p.368).

Coulanges descreve em sua obra *Cidade Antiga* (1961) como em Roma a religião, além de criar a família, lhe empresta as regras para que essa existisse. E que um dos fatores para o cidadão ser reconhecido como participante ativo daquela sociedade seria a prática dos cultos que envolvessem o bem-estar da cidade, honrando seus deuses e diante dessa participação ele teria preservado seus direitos políticos e civis. Nesse ponto podemos entender ainda seus aspectos protecionistas contra os estrangeiros, já que alguns desses cultos não poderiam nem ser observados por pessoas que não fossem consideradas romanas. Coulanges continua seus comentários sobre a importância da religião em Roma quando destaca esta como uma das principais fontes do sentido de comunidade romano.

E essas práticas religiosas romanas não fogem ao conceito de praticidade no que se refere a fazer os ritos em busca de um objetivo, características que demarcam como o povo romano almejava ser essencialmente prático e essas configurações perduraram até o fim do império. Eliade (1978) descreve a religião de Roma como um espelho daquele que é o espírito romano, a praticidade e a busca pelo imediatismo e eficiência com foco na família e principalmente na pátria. A relação do povo romano com o mitológico, muitas vezes, foi um pouco mais limitada, é bem mais pragmática e buscando a eficácia. (ELIADE, 1978, p.131).

Dentro desse contexto, nota-se que os romanos tinham uma relação com as práticas religiosas bastante calcada em um sentimento de proximidade para com as divindades. Os antigos cidadãos romanos sempre fizeram questão de entender os deuses como poderosos, porém que não eram distantes, sempre estavam se manifestando para aprovar ou não as atitudes humanas através de acontecimentos naturais e até sonhos. Nesse sentido se tornava de fundamental importância para o povo romano o entendimento de como deviam agir para agradar o mundo divino. (CRAMER, 1954, p.52)

Diante disso se observa como o homem romano está submetido largamente a religião e ao estado pois ele pertencia a estas duas instituições. E essas duas também necessitavam uma da outra para coexistir nesse mundo antigo. Dada a construção dessa religião romana ser produto de uma imensa e complexa rede de influências de outros povos tais como os etruscos que já vinham carregados de características de povos orientais e até mesmo dos gregos, a religiosidade romana também acompanha o processo expansivo de Roma. (MENDES, 2006, p. 22)

É importante destacar como a educação em Roma é baseada em questões práticas e, durante os primeiros anos da República, não foram realizadas muitas políticas para a educação, pois cabia à família realizar essa função e estavam sempre buscando formar modelos que imitassem os mais velhos. Os primeiros a educarem as crianças são os *pater*

*familias*³¹, sendo esta prática determinada pelo estado através de lei. O foco, portanto, era construir a compreensão e o respeito às práticas tradicionais, o que em Roma se traduz no *mores maiorum*³².

O projeto educacional romano é, portanto, uma construção regida pela prática e, nesse caso, as vidas dos jovens estariam destinadas, desde seu nascimento, a serviço de Roma e do quadro social ali existente. Ali se encontravam crianças que poderiam ser oradores, soldados, cuidar de suas terras ou quem sabe acumular essas funções ao longo de sua vida. E da infância até a fase adulta um soldado assim que saísse das etapas educacionais eles continuava aprendendo e sempre buscando se espelhar, venerar e respeitar os mais antigos.

Monroe (1968, p.77) descreve essas diferenças como extremamente notórias no que se refere ao que cada povo tem como objetivo. Segundo ele, os gregos sempre usavam como padrão a racionalidade, já os romanos tinham como principal critério a eficácia. Monroe vai mais a fundo, quando descreve que a visão dos romanos sobre os gregos sempre foi de que eles eram visionários, porém ineficientes. Já os gregos entendiam os romanos como um povo de extrema relevância militar, porém, sem capacidade de vislumbrar qualquer aspecto de característica superior na vida.

Ainda nesse ponto, podemos destacar que existe um contraste tangente entre Roma e Atenas no que se refere ao campo educacional. A originalidade primária da educação romana, a faz negligenciar qualquer tipo de formação que incorpore meandros pedagógicos gregos que oscilassem entre o intelectual e o personalismo³³ além de outros interesses que os romanos julgavam desnecessários para a formação do cidadão. Mesmo com a intersecção de costumes educacionais gregos na educação romana, a aceitação não é da totalidade das práticas helênicas. Tudo que era trazido, de alguma forma, das artes e da música eram deixados aos chamados "libertinos"³⁴ e distante do "bom romano", sendo assim excluídos da educação "oficial" em um primeiro período referente aos primórdios da república. (MARROU, 1990, p.336).

Observamos nesse contexto uma elaboração de uma versão do que os romanos acreditam ser uma educação com o que realmente interessava, porém com alguns pontos de

³¹ Em uma tradução aproximada seria "O mais alto cargo na família" ou "Chefe de Família" e também literalmente "Pai de Família".

³² Em uma tradição aproximada seria "Costume dos Ancestrais"

³³ O que se entende por valorização da pessoa e também da liberdade.

³⁴ Pessoas incompatíveis com os romanos de boa estirpe, tornando-se negligenciadas por parte da educação liberal. (MARROU, 1975, p.336)

singularidade, tais como a semelhança entre a *Paidéia*³⁵ e o que os romanos chamaram de *humanitas*³⁶. Mas que fomentava o que chamaria de conhecimento prático e que teria um caráter de organizar ao invés de teorizar. A prática de esportes, por exemplo, não foi de forma alguma incentivada pelos romanos, diferente dos gregos. Nesse sentido, podemos dizer que o romano foi movido pelas questões práticas, pela ação e na educação não poderia ser diferente. Como destaca Veyne (2004, p.34).

[...] a escola grega constituía parte da vida pública. [...]. A grande diferença entre a educação grega e a educação romana é que o esporte ocupava a metade da primeira; mesmo as matérias literárias eram ensinadas num canto do ginásio.

Ao cabo, os romanos buscavam cidadãos que fossem capazes de gerir tanto no campo militar, quanto no político, quanto no agrícola. Diferente dos gregos, o que temos é um viés extremamente conservador e extremamente ligado à tradição, com destaque para a sabedoria e os costumes dos mais velhos. Portanto, o coletivo sempre vinha a frente do individual, tal como Cícero (1956, p.80) descreve em sua fala: “O bem público é a lei suprema”³⁷.

É importante destacar que existe um período em Roma entre a república e o império que podemos descrever como um período de transição, onde costumes, tradições e até mesmo ideais, tanto gregos quanto de outros povos dominados, foram sendo gradativamente inseridos na cultura romana até que fossem usados em sua totalidade. E isso se deve largamente ao expansionismo romano para além dos limites da península itálica, visto que esse expansionismo trouxe consigo o contato com diversos povos, o que exigia daquela aristocracia essencialmente rural, uma cultura difusa que melhorasse suas relações com o outro.

Roma, então, é a civilização antiga que se caracteriza pela imensa valorização do que é tradicional. Era visto como negativo tudo que remetesse ao *res novae*, que numa tradução aproximada seria "coisas novas", inovações ou até mesmo revoluções. E isso é uma condição muito atrelada aos romanos do período republicano, imprimir uma condição negativa ao que

³⁵“Esse termo, que, nas suas origens e na sua acepção comum, indica o tipo de formação da criança mais idôneo a fazê-la crescer e tornar-se homem, assume pouco a pouco nos filósofos o significado de formação e de perfeição espiritual, ou seja, de formação do homem no seu mais alto valor. Portanto, podemos dizer que a *Paidéia*, entendida ao modo grego, é a formação da perfeição humana” (REALE, 1992, p. 194).

³⁶ Equivale ao que entendemos por *Paidéia*, porém existem algumas diferenças no que diz respeito a esta se volta para a formação do homem em tempo e lugar. Não se referindo ao homem sábio, mas sim o homem de virtudes, um ser moral e político.

³⁷“El bien público es la ley suprema” Tradução nossa.

fosse novo e que de alguma forma fosse modificar o que seria a memória dos seus ancestrais. Foi uma constante, durante a República Romana, ver como ameaça tudo que era novo. (REDONDO; LASPALAS, 1997)

A historiografia romana sempre voltou sua atenção para o sucesso de alguns aspectos provenientes da República que daria origem posteriormente ao Império. Toda a construção política bem orquestrada que findará em um majestoso crescimento político e territorial. A Roma da República era formada por uma gama de cidadãos que contavam com assembleias, eleições e o grandioso Senado. Os cidadãos que formavam o povo e tudo que compunha a República deram origem ao que ficou conhecido *senatus populusque romanus*³⁸.

E toda a construção do que é ser um bom cidadão para este território que visava crescimento se estabelecia em fazer parte da sociedade, não apenas como um indivíduo que gozava desse *status*, mas também de participar ativamente das questões militares, em contribuir de alguma forma para decisões cruciais para os rumos da vida pública e que vão dar peso ao que é ser efetivamente um cidadão romano. Dessa forma, a vida em sociedade era regulamentada por conceitos que fogem às discussões filosóficas e são trabalhados diariamente para serem executados pelos romanos:

A vida cívica é o conjunto dos direitos e deveres comuns a todos os cidadãos, sendo regulada por regras consuetudinárias. As vantagens da vida comum implicam, por outro lado, sacrifícios: o *onus*, os encargos, as obrigações. Esses não são conceitos abstratos e filosóficos, mas parte da vida diária. Em troca do que recebe, o cidadão deve responder, quando necessário, para a defesa e manutenção da *res publica*.” (CORASSIN, 2006, p.277).

O que se espera do cidadão romano é que ele sempre responda aos chamados da *Urbs* e que cada um saiba que deve contribuir com todos as questões que a envolvam, não importa se a contribuição seja em luta, pagando impostos ou participando de discussões em conjunto para tomada de decisões. Não se diferencia soldado de agricultores, se espera dedicação atudo que for público. Mas para isso é necessário que o próprio cidadão mostre vontade e até interesse em se doar para Roma, por isso essa condição é trabalhada e estimulada ainda na infância em casa e através da educação.

³⁸ Muitas vezes é vista em monumentos, textos e obras variadas através de um acrônimo em SPQR, é uma frase de origem latina que se traduz em “O Senado e o Povo Romano”. Posteriormente a república seria o reconhecimento oficial do Imperio Romano. Ainda hoje na cidade de Roma está presente em vários prédios, sendo eles públicos e também privados e ainda em bueiros. Sendo a versão mais utilizada a que pode ser vista na Coluna de Trajano.

Desde criança são desenvolvidos o interesse e a vontade nos pequenos romanos de participarem da vida cívica³⁹ romana e cumprirem com toda a responsabilidade que essa participação traz junto, como comentado anteriormente. E essa conscientização é endossada ao longo de toda a vida através do fortalecimento da importância e da necessidade de Roma em ter cidadãos fieis e dedicados, que salvaguardem as tradições e tudo que for referente ao território romano, pois só assim Roma se tornaria forte e alcançaria a expansão territorial que tanto buscava.

O instrumento educacional então era utilizado pelas famílias quando as crianças eram submetidas a construção do que seria a forma de se viver pretendida pelo mais velhos. Sempre em busca de passar para as crianças que elas deviam reproduzir o comportamento dos seus antepassados, sendo a convivência em medida um dos meios desse objetivo ser alcançado, pois as crianças iam sendo incorporadas ao meio adulto aos poucos.

O desejo é de que se forme nas crianças um entendimento sobre o funcionamento de todo o sistema romano que era extremamente rígido, recheados de valores e que estabelecia uma condição de vida. No interior deste sistema o jovem cidadão deveria aprender desde cedo que ele a ter total devoção a tudo que for do social, pensando, primeiramente, no público e em Roma. As necessidades de Roma sempre devem caminhar na frente pois desde cedo se deve alimentar no cidadão em formação a admiração pela história do seu território.

Sendo um projeto, portanto, tão importante, era de caráter irremediável que fosse trabalhado desde a infância o modo de ser romano, a ideologia de que a cultura romana e os costumes eram os mais importantes e deviam ser seguidos e, por que não, imitados, passando hereditariamente ao longo dos anos pelas famílias. E numa sociedade extremamente conservadora e de viés rural, o bom cidadão será por excelência aquele que está pronto para defender sua terra e defender Roma. Tal como Marrou relata em sua oração fúnebre:

Grande soldado, excelente orador, comandante, encarregado de grandes ações, chegou à magistratura suprema, possuía a sabedoria, ocupou o primeiro lugar entre os senadores, adquiriu fortuna honestamente, teve muitos filhos, foi célebre no Estado. (MARROU apud PLINIO , 1981, p.14)

Não podemos nomear o que foi construído em Roma de patriotismo ou muito menos nacionalismo pois o que se tem é uma inteligente construção desde o nascimento de um

³⁹ A chamada vida cívica se estabelece em uma reunião de deveres e direitos que são comuns a todos os cidadãos. Ele possui deveres fiscais, deveres militares e deveres políticos que devem ser cumpridos sempre que requeridos.

ímpeto em proteger e defender o bem comum e o cumprimento do papel social de cada um para contribuir para esse bem comum. E esse sentimento de dever proteger o bem público deveria ser uma característica quase que inata ao cidadão romano haja visto ser um sentimento ou melhor um dever de cidadão que está sempre em manutenção, desde a infância junto a família, através dos pais e mentor e continua na escola como veremos no decorrer desse trabalho.

E ainda é importante deixar claro que mesmo com a interação de Roma com outros povos e até mesmo a incorporação de alguns costumes, estes não vão além do que pode ou não ser conduzido pelo arquétipo já construído por Roma, ou seja, a identidade romana, a *sui generis*. Em suma, o que estamos tentando dizer é que por mais que haja contato e interferências externas nas bases sócio-culturais romanas, essas de forma alguma afetam totalmente o que fora construído pelos próprios romanos.

1.5 A educação na Roma Republicana

Educação, palavra que denota uma transmissão de conhecimento e que possui várias definições. No início podemos dizer que a educação estava voltada para as técnicas de sobrevivência e de trabalho em busca de manter os grupos vivos em condições adversas. Com o passar do tempo e das gerações a educação ganha novo sentido e padrão e estabelece a formação de indivíduos para viverem em sociedade.

A educação é necessária e nasce com o ser humano (MORIN, 2005, p.12). Portanto, os indivíduos nascem com potencial para serem ensinados, porém com o passar do tempo os adultos vão canalizando esses ensinamentos para objetivos maiores. Na atualidade se busca a construção de pessoas capazes de viver em sociedade e na Roma antiga, além disso, se buscava ainda um modelo específico de cidadão para viver naquele território, com todas as características que tornassem possível a implementação de um povo devoto a sua comunidade.

A educação então mostra ser um caminho que fornece um imenso número de possibilidades e tentaremos pensar esta como um mecanismo em prol de um objetivo. Em Roma a educação seguiu um caminho muito parecido com o grego, com algumas particularidades principalmente no que se refere a importância do contexto familiar na iniciação dessa educação. Aos olhos dos romanos, a família é o meio natural em que se deve crescer e formar as crianças. (MARROU, 1990, p.361)

A dois objetivos de educação que mencionamos anteriormente constrói duas categorias diferentes por conta de seus objetivos. Quando o indivíduo é educado para o trabalho ele vai receber conhecimentos e ensinamentos para desenvolver determinadas habilidades. Já uma educação voltada para a formação de um cidadão é baseada no fornecimento de outras informações que vão levar em consideração inúmeras construções do próprio dia a dia, formando seres capazes de viverem naquela sociedade em questão.

A priori umas das maiores, senão a maior construção de Roma para sua sociedade, havia sido o Direito e ele foi o primeiro passo na tentativa de garantir a ordem, a possibilidade de os cidadãos circularem livremente na Urbs e a garantia do que podemos chamar propriedade privada dentro do contexto familiar. O direito organizava a sociedade e enquadrava cada cidadão de acordo com o poder político ou no contexto judiciário formando assim o organizado e estimado Estado Romano. Se estabelece toda uma conjuntura e uma base que dava direitos ao povo, o chamado *ius gentium*, no qual o direito mundial ainda bebe hoje.

Mas, por que falar de Direito, quando o que nos interessa é a educação? O primeiro ponto para responder essa questão é comentar que a educação é um dos principais mecanismos de apoio para que essa conduta que o Direito Romano buscava, fosse alcançada. Um romano tinha como principal fio condutor da sua vida a busca por ser um sujeito, ou melhor, um cidadão que fosse justo, seguindo sempre os costumes, as tradições e a leis (*leges et instituta maiorum*), seguindo sempre modelos já fixados na sociedade, que foram destaques pelo comportamento cheio de virtude nos nichos familiares, políticos e culturais. (REDONDO; LASPALAS, 1997). E o segundo é que a sociedade e o Direito estão interligados, como os antigos diziam, *ubi societas ibi jus*⁴⁰

Em meados do III século a.C., a escola romana estava difundida, porém ainda não tinha passado por estruturas importantes, que levaram a inserção de disciplinas como retórica e gramática que definem a inserção de algumas características oriundas de outros povos, principalmente dos gregos. O que representa mudanças bem notórias ao longo do tempo, a partir do momento em que romanos lêem essas inserções como um desvio da praticidade, porém existem pontos de singularidade já que para os gregos existia positividade no cidadão pertencer ao Estado.

O expansionismo comercial e os confrontos militares denotam a principal forma de contato entre gregos e romanos. A educação em Roma pode ser descrita como uma espécie de

⁴⁰ “Onde há sociedade, há direito.”

resultado dos contatos com a Paideia ao longo das inúmeras investidas de dominação e contato ao longo da história. É importante comentar o quanto a Paideia oxigenou o que futuramente seria a educação romana.

Partindo desse ponto, voltemos o olhar para a educação da aristocracia grega nos tempos de Homero, onde o objetivo educacional também era a manutenção dos valores que seriam passados de geração em geração. Um mecanismo muito parecido com o que viria a ser as propostas educacionais romanas no que concerne a importância dos valores transmitidos que dão base a sociedade, porém a Paidéia forma um conceito bastante amplo que envolve além de questões práticas, também normas de conduta. (JAEGER, 1986, p.20)

Entendemos então, que esse ideal educacional tinha como um dos objetivos formação de um homem que percorresse os mais diversos segmentos de sua personalidade, para além da educação, como por exemplo, a política, cultural e social, demonstrando o homem grego como um ser sobretudo racional, com identidade histórica e cultural. A pedagogia então surge como algo sistemático. (CAMBI, 1999, p.86).

Paideia, portanto, é muito mais do que educação, pois traz também o desenvolvimento da cultura e da formação propriamente dita do homem grego. De início sendo dedicada a educação dos meninos. Os habitantes de Atenas julgavam se tornarem mais fortes se esses meninos tivessem uma ampla formação, diferente das meninas que não recebiam educação nesse sentido, apenas para afazeres domésticos e geralmente aprendiam com suas mães. E objetivo dessa educação não era muito diferente da romana, pois ambas buscavam formar bons cidadãos que atendessem as necessidades da sociedade.

A educação grega inicialmente estava na responsabilidade de poetas e buscava além de formar o cidadão necessário, fidelidade deste para com o Estado e capacidade de pensar e refletir, preparando este para entender sua participação na sociedade, pois aqueles que habitavam a polis eram indivíduos políticos como descreveu Aristóteles. A partir dessas mudanças se entende a necessidade de uma educação mais completa, haja visto a educação anterior estarem baseadas em música e ginástica. (LOBATO, 2001, p.29)

A Paideia então, ganha uma enorme proporção pois corresponde à formação mais completa do grego, juntando o homem e o cidadão. Enfim, cada menino grego submetido a esse mecanismo, se torna capaz de pensar em si e em seu papel social e como futuramente irá contribuir efetivamente na comunidade.

A interação romana com a cultura grega, principalmente ateniense, costumou-se chamar de Helenização de Roma. Demonstrando um acontecimento importante na trajetória de Roma para alcançar desenvolvimentos em várias camadas, incluindo futuro projeto

expansionista que ganha mais fôlego no Império. Construindo a perspectiva sobre si, de que eles precisariam aprender a ser civilizados para civilizar outros povos. (WALLACE-HADRILL, 1998, p.79)

Portanto, o processo helenizante de Roma era também algo esperado e principalmente buscado pelos romanos que estariam vislumbrando planos de construir um forte grupo de habitantes para participar do projeto maior de expansão. Cícero em é dos principais romanos a buscar e elogiar em seus escritos essa interação feita entre gregos e romanos como vemos no seguinte trecho:

[...]Por isso, eu não posso ter vergonha de ir mais além – especialmente quando minha vida e minhas conquistas são tamanhas para excluir quaisquer suspeitas de ignorância [inertia] ou inconstância [levitas] – de confessar isso, o que eu consegui, eu conquistei por intermédio dos estudos e habilidades práticas que foram transmitidos a nós pelas escolas e obras literárias gregas. (Cícero, *Epistulae ad Quintum Fratrem* 1, 9, 27 8)

Percebemos, portanto que em alguns casos existe uma espera e guardada às devidas proporções até uma admiração pela cultura helênica, porém nem essas passavam distante das críticas que estes construíam a respeito do modo de vida dos gregos, que para os romanos tinham um comportamento muito baseado em luxo e imoralidades, o que correspondia também a uma certa imagem estereotipada que fora construída pelos romanos. (VEYNE, 1983, p. 115)

Nesse sentido, houve transmissão de conhecimentos e práticas, mas não podemos concluir que isso aconteceu de forma simples e sem algum tipo de resistência por parte dos romanos no sentido de conseguir manter os costumes e as tradições dos seus antepassados. O caráter educacional latino era essencialmente de fornecer às crianças a sabedoria essencial para que, quando na idade adulta, pudesse exercer a profissão imbuídos de princípios morais que os fizessem ser o romano considerado ideal.

O povo romano construiu em suas mentalidades, uma análise um pouco preconceituosa a respeito dos gregos, demonstrando inclusive algumas falhas no caráter dos gregos que o prejudicavam. Para Patterson que leu o classicista Nicholas Petrochito, foram

seis a principais falhas observadas pelos romanos e essas seis foram a seguintes: *ineptia*⁴¹, *volubitas*⁴², *arrogantia*⁴³, *levitas*⁴⁴, *imprudencia*⁴⁵ e falsidade. (PATTERSON, 1982, p.90-1)

Nesse contexto, nota-se o quanto a leitura dos gregos pelos romanos caminhava entre aceitar e absorver os costumes gregos apesar das condições negativas que estes tinham, pelo menos sob a ótica do povo oriundo de Roma. Por isso, é importante compreender a questão da Helenização de Roma para entender como esses costumes gregos penetraram na sociedade. E essa espécie de resistência se traduzia na ameaça que os romanos liam em todas as coisas externas ao seu território. (VEYNE, 1983, p. 113)

Nota-se, que essa Helenização formou um projeto que para os romanos era uma forma de se tornarem superiores no que tange o aspecto cultural, porém existia um certo temor pela manutenção do *mos maiorum*, que reuniam as tradições das gerações passadas. E o temor ainda se explica pela ameaça à dissolução da República, pois as inovações poderiam trazer funcionalidades que contribuíssem para isso.

A República é um importante momento para entender a construção educacional romana, haja vista ser o momento onde essa sociedade ganha um caráter mais sistemático que antes, em virtude de alguns fatores, tais como: o processo de expansionismo territorial, o comércio que se desenvolveu por conta do contato com outros povos e a nova situação econômica do povo, inclusive dos plebeus. Dentro desse cenário a educação precisa se adequar e também por isso esse recorte nos chama atenção.

Marrou (1975) descreve que a conhecida e naturalmente chamada “virtude romana”, se traduz em uma moral construída na cidade desde o seu surgimento. Os romanos perpetuavam sua fidelidade à República com vigor e inflexibilidade. Jamais se libertando totalmente ideal de coletivo que tornou esse o romano fiel ao Estado. Não se faz possível renunciar a este, ainda que a evolução dos costumes comece a surgir e por ventura distanciar essas características desse povo. (MARROU, 1990, p.357)

A prática educacional romana é resultado de inúmeras relações e contatos que são formadores do que chamaremos de civilização romana. Algo que é fundamental para entender essa educação é que em um primeiro momento ela é essencialmente limitada a proporcionar

⁴¹Um costumeiro comportamento inadequado dos gregos que sempre estavam muito dispostos a falar sobre coisas que muitas vezes eles não sabem ou nunca pesquisaram.

⁴²Prática de construir seus discursos de forma mais simples sem se importar com o conteúdo do discurso produzido.

⁴³Esse está ligado ao costume da irresponsabilidade que eles costumam ter em suas relações.

⁴⁴A falha que mais incomodava os romanos era essa, pois demonstrava a irresponsabilidade com que os gregos tratavam as coisas da vida, eram muito precipitados e instáveis em seus costumes.

⁴⁵E esta estava atrelada a falsidade e um certa facilidade em em bajular.

aquela criança tudo que fosse necessário para ela ser um cidadão ideal que fosse subordinado à Roma e tudo o que a envolvesse. Tal como Brandão (2005, p.49) afirma, começando em casa através dos ensinamentos domésticos buscando a construção de uma consciência moral que faz um adulto disposto a se colocar em segundo lugar para priorizar à comunidade.

A construção do que chamamos educação latina tem perspectiva agrária desde suas fundações, pois desde os primeiros passos da República Romana ela estava nas mãos dos aristocratas de Roma, uma aristocracia que é essencialmente formada por donos de terra. Com o estabelecimento da República, se estabeleceu o sucesso desses aristocratas sobre tudo que vinha se formado na monarquia, principalmente a influência etrusca. E então ao longo das conquistas e fortalecimento político, esses aristocratas enriqueceram e foram formalizando uma nova perspectiva de valores que deram o código que já comentamos anteriormente e que vai refletir na educação.

Educar em Roma era sobretudo estabelecer este processo como uma ferramenta extremamente útil, demasiadamente moralizadora e pautada na justiça e na disciplina. Sendo de extremo significado reiterar que a educação em Roma era um privilégio de um número bem diminuto de crianças do sexo masculino, sendo estas geralmente de famílias ricas. Sendo possível a continuação da educação em outro nível, só para meninos e com condição superior, pois as escolas públicas foram aparecendo com o tempo.

O modelo educacional romano se inicia pelas mãos da mãe. Em seguida escravos, amas e só com sete anos de idade, essa educação era colocada especificamente nas mãos do pai, sendo que algumas meninas continuavam sob orientação da mãe, porque participariam dos trabalhos da casa. As crianças mais abastadas aprendiam a ler, a escrever, calcular e, principalmente, o conteúdo das leis das Doze Tábuas⁴⁶ que devia ser seguida pelos romanos, e seu conhecimento era absolutamente necessário para a formação de um cidadão romano. Para Catão a educação romana foi dividida em fases que seriam: a *educit obstetrix*, logo após a *educat nutrix*, em seguida a *instituit paedagogus* e por fim *docet magister*. Nesse ponto a parteira, a ama, o pedagogo e o mestre tem sua participação na educação da criança romana.

Ao cabo, a educação idealizada pelos romanos se traduz em respeito aos direitos e deveres, sendo esse direito o mais variado possível. Podemos destacar o direito que o pai tem sobre os filhos que se traduz em *patria potestas*, o direito que o marido tem sobre a sua

⁴⁶ Lex Duodecim Tabularum ou Duodecim Tabulae, traduzindo A Lei das Doze Tábuas é um código civil ou legislação que dá fundo ao nascimento do direito em Roma. A base da constituição da República de Roma está nela descrita, assim como o Mos Maiorum que seriam os mecanismos de conduta para conviver em sociedade. Alguns originais foram se perdendo ao longo do tempo, porém muito ainda conseguiu ser reconstituído por historiadores.

esposa ou *manus*, o direito que os romanos que eram senhores de escravos possuíam sobre estes e que se reflete no *potestas dominica*, outro importante direito que se construía em um importante pilar da educação era o dos homens livres sobre outros homens livres através de um contrato ou uma condenação que se descreve no *manus capere* e por fim o direito que os cidadãos tinham sobre o que era deles, ou seja, sua propriedade e que se traduzia em *dominium*.

Esses direitos que os cidadãos romanos necessariamente precisavam possuir vinham acompanhados de um grande número do que eles chamavam de virtudes e a educação seria responsável pelo desenvolvimento de tais virtudes e aptidões para esses direitos. Em suma, para se desenvolver e ter acesso aos direitos cívicos eram necessárias algumas características a serem trabalhadas no cidadão em construção. Tais características são observadas no que se lê como obediência, que pode ser tanto de caráter religioso como em relação à família, principalmente à figura paterna. Outra importante característica é o que hoje entendemos como caráter e se traduz em *constantia*, que nada mais é que firmeza em seus posicionamentos, o que é extremamente valorizado pelos romanos.

As famílias mais ricas de Roma tinham uma forma singular de prestarem a educação aos seus filhos, sendo por meio de contrato de professores que moravam na casa de seus alunos. Geralmente o professor era grego, um escritor ou um pedagogo. Já as famílias menos ricas frequentavam escolas privadas que não tinham uma educação tão completa quanto a dos mais abastados.

A coragem representa outro importante fator a ser encontrado em um cidadão romano, pois isso era reconhecido no romano que jamais fugia de uma batalha. Cuidado com os negócios de âmbito particular e, ainda nesse aspecto, a honestidade devia permear toda e qualquer relação, principalmente as econômicas. Não fugindo disso, o cidadão romano devia buscar ser uma pessoa séria em seu manejo social e conduta e essa seriedade se traduzia em *gravitas*. Enfim, ter essas características faziam o cidadão ser merecedor dos direitos anteriormente comentados e os faziam ser pessoas ideais para o estado e para justiça.

Se procurarmos agora definir o conteúdo desta antiga educação; perceberemos, no primeiro plano, um ideal moral: o essencial é formar a consciência da criança ou do jovem, inculcar-lhe um sistema rígido de valores morais, reflexos seguros, um estilo de vida. De um modo geral, este ideal é o da cidade antiga, feito de sacrifício, de renúncia, de devotamento total da pessoa à comunidade, ao Estado. (MARROU, 1990, p. 365)

O modelo de cidadão ideal romano consistia em três pilares, sendo o primeiro a pietas que é traduzido como piedade para com os deuses, com a família e respeito aos vencidos (humanitas ou magnanimitas), o segundo seria a fides que pode ser traduzido como lealdade às questões políticas e militares, como também em relações particulares em que exista amizade ou firmamento de palavra, e por último temos a gravitas que se traduz como dignidade e essa dignidade diz respeito a capacidade que cada um tem de enfrentar e resolver problemas. Essas virtudes levariam o cidadão a ocupar um cargo no exército e um espaço na República. (FONTAN, 1957)

Notoriamente o caráter da educação romana é a de forjar a índole do ponto de vista moral, tendo a família, na figura do pai, um papel de extrema importância. Poucos foram os povos que usaram tão bem a relevância de sua própria história e suas personalidades para educar e formar pessoas. Do ponto de vista do caráter de comparação a diferença entre Grécia e Roma também se deve a uma configuração de reproduzir comportamentos e a reprodução sempre era realizada a partir de modelos próximos, diferente da Grécia que tinha como modelos ideais os heróis que, querendo ou não, se distanciavam da realidade dos próprios gregos.

A noção fundamental sobre que repousa é o respeito ao costume ancestral, mos maiorum. Revela-lo à juventude, fazê-la respeitá-lo como ideal incontroverso, norma de toda ação e de todo o pensamento, tal é a tarefa essencial do educador. (MARROU, 1990, p.360)

Partindo desse ponto de vista o que se pode deduzir é que o modelo educacional romano é promovido por um objetivo, que se caracteriza na promoção de um futuro soldado, estadista, agricultor ou apenas alguém que terá relevância direta nos acontecimentos da urbs e que precisam de um cidadão romano tal como requerido pela sociedade em questão. Portanto, o mecanismo de Roma era simples, você deve aprender a fazer algo, realizando as atividades que você irá fazer no futuro. Sendo assim, se estabelecia uma educação moral, severa e com ideais rigorosamente seguidos.

A caracterização do romano ideal consiste, portanto, na vir bonus⁴⁷ que remetem ao caráter propriamente dito do romano. A formação das escolas romanas carregava uma condição extremamente política em suas prerrogativas, sempre objetivando um cidadão preocupado com sua missão de salvaguardar tudo que representasse seu povo e preservasse

⁴⁷ Em uma tradução aproximada seria o homem do bem que sabe falar e é honesto, aliando as duas coisas com perfeição.

seu legado. Esse tradicionalismo que permeia a educação é discutido por Hannah Arendt em sua obra “A Condição Humana”, ele se apresenta na preocupação, presente na educação, de que o mundo precisa de proteção para não ser destruído pelo novo que cada geração traz. (ARENDR, 1997).

Muitos historiadores alegam que esse seria o fator para o que se entende como atraso na educação de Roma que não rompia com as memórias tornadas tradição pela cultura romana. A tentativa de se manter distante de influências de outros povos respondia ao fato dos romanos buscarem sempre querer manter suas tradições e ser um povo que honrava o que acreditavam ser o “ser romano”. E essa romanidade era ameaçada pelo contato com povos de outros territórios e culturas, principalmente os gregos, que os romanos tradicionalistas julgavam como ineficientes por apreciarem mais a racionalidade do que a ação prática.

Os romanos tinham uma mentalidade pratica; procuravam alcançar resultados concretos adaptando os meios aos fins. Enquanto os gregos julgavam e mediam todas as coisas pelo padrão da racionalidade, da harmonia ou da proporção, os romanos julgavam tudo pelo critério da utilidade ou da eficácia. (MONROE, 1968, p.77)

Para Maquiavel a educazione⁴⁸ é um instrumento criado para fazer o controle da ordem que pode ser modificada pelo movimento natural das coisas e também naturalmente. Porém a educação não teria capacidade de conter o movimento, mas seria capaz de entender como as coisas funcionam e saber como elas são feitas desde que são criadas e como isso deve se manter. Maquiavel descreve como positiva a experiência educacional promovida na república:

Não se pode chamar de modo algum com razão desordenada uma república onde existem tantos exemplos de virtù, porque os bons exemplos nascem da boa educazione, a boa educazione das boas leis [...] (MAQUIAVEL, DISCURSOS I, 4)

Na tentativa de compreender o modelo de cidadão ideal da Republica e, principalmente, destacar como o momento político vai afetar o discurso do período, buscamos entender essas perspectivas a partir das obras de Marcus Porcius Cato⁴⁹ e Marco Túlio

⁴⁸ O termo absorve muito toda a perspectiva maquiaveliana sobre como este ler a educação e seu propósito de entender tudo em sua totalidade, tais como as coisas, a natureza e os humanos. Para alguns é através dessa palavra que Maquiavel pode ser entendido como um homem que também se preocupava com educação.

⁴⁹ Nascido em Túsculo em 234 a.C., foi um político e escritor romano que deixou seu nome na história por sempre defender as antigas tradições romanas que ele dizia que estavam sendo ameaças pela proximidade ao

Cícero⁵⁰ que são expoentes no que se refere aos projetos educacionais da República. Catão primeiro possui uma faceta extremamente tradicionalista, que busca salvaguardar as tradições e costumes. Cícero, no entanto, busca romper com certos conceitos tradicionalistas e estabelecer uma inspiração frutífera com o helenismo, haja vista que ele ser grande admirador da cultura helênica. Ele também propõe um modelo ideal, porém este modelo é construído a partir da interação com outras culturas, diferente de Catão.

O contexto republicano no qual viveu Catão remonta a um momento de plena expansão de Roma, onde os conflitos estão bastante perceptíveis, pois a forma de dominação desse período é bem mais intensa no sentido dos combates e da violência. Os costumes de outros povos não eram aceitos e permitidos pela maioria dos cônsules, sendo Catão um exemplo de cônsul que ia de encontro a toda e qualquer novidade que viesse de povos estrangeiros, inclusive expulsando do senado membros que de alguma forma lidassem de forma diferente com essa condição.

O período a que fazemos reflexão é repleto de protestos que buscavam dar fim a tendência em aceitar influência grega nos mais diversos âmbitos de Roma. E o nome de destaque a frente desses movimentos conservadores é o de Catão que lia como perigosa e terrível para o povo romano qualquer avanço da cultura grego. Porém, nem só Catão se ocupou em tentar barrar essa influência, diferentes grupos do período lançavam ideias e métodos para o que chamaram de moléstia. Mas Catão foi o que mais se destacou pois procurou ir no que ele acreditava ser a raiz do mal, a gênese da influência helênica em Roma. Sendo assim, ele perseguiu nos tribunais representantes da aristocracia do governo para darem eco aos seus objetivos. (ROSTOVITZ, 1983).

Ao nos depararmos com a documentação produzida acerca da educação romana republicana observamos que ela passa por dois momentos muito sintomáticos no que se refere aos seus elementos constituintes. Na primeira metade da República o projeto educacional está pautado em negar tudo o que é novo ou que modifica, de alguma forma, a tradição, a memória e os costumes que a sociedade possui. Para a segunda metade da República, este quadro se modifica e é possível entender que a educação passa a ser vista como de inspiração helênica,

mundo grego. Conhecido também por Catão, O velho, O censor e o sábio. Escreveu várias obras, com destaque para Orígenes que conta a origem do povo romano e o compêndio onde ele escreveu sobre julgamentos morais.

⁵⁰ Nascido em Arpino em 106 a.C. fora um dos grandes oradores, pensadores políticos e pedagogos de Roma. Teve muita influência na língua latina e europeias, sendo seus pensamentos dentro da perspectiva do humanitas influenciador direto do Renascimento. Sua carreira política foi de destaque, sempre aparecendo em eventos decisivos para o futuro da Roma republicana.

muito mais suscetível a fazer uso dessas interações, inclusive buscando formar as crianças como os gregos faziam.

A educação em Roma tem como objetivo o que Veyne descreve como temperar o caráter para resistir às mudanças que podem surgir quando os jovens atingiam a idade adulta (VEYNE, 2009), como medida para tentar de evitar a decadência que o mundo está oferecendo ao povo romano. Entendemos, portanto, que o sistema educacional romano se baseava em cultivar valores e as tradições perpassando o fator dessa sociedade que era essencialmente agrícola e de certa forma atrasada.

A educação, que era finalizada por volta dos 17 anos de idade, se findava através de uma cerimônia onde havia a troca das túnicas, pois estas representavam as etapas da vida, sendo trocado a que fora usada na fase da adolescência, com franja colorida, chamada de toga pretexta por uma da cor branca que se chamava toga civilis. O jovem se apresentaria no Foro⁵¹ e seria reconhecido como um cidadão que está pronto para a vida em sociedade.

A partir daí, contudo, o jovem ainda não é desligado de seus deveres com a educação, pois ainda precisa ficar um ano com sua atenção voltada para o tirocinium fori, o que seria uma aprendizagem sobre a vida em sociedade. Essa função geralmente era exercida por um ancião em que a família confiasse e que tinha notoriedade na vida pública. Só depois dessa etapa esse jovem poderia entrar de fato para o exército ou exercer alguma outra função para a qual estivesse sendo preparado.

Para Durkheim (1978) a educação é uma atividade exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social. A educação, portanto, tem por função desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial para o qual a criança particularmente se destina.

A educação romana sempre fora delegada à família, inclusive após a abertura das escolas romanas. A sociedade que tinha como característica a praticidade não se preocupava muito com o que as crianças iriam aprender, no sentido de deixar de lado matérias que refletissem os aspectos humanos, isso muda com o tempo e as influências. Observaremos

⁵¹ Localiza-se no centro de Roma, cercado de construções públicas de grandes valores históricos, algumas já estão em ruínas. Mas foi o principal ponto comercial, político e social de Roma, sendo palco de discursos, processos criminais, lutas entre gladiadores, assuntos do comércio e ponto de encontro. Tendo estatuas e monumentos das grandes personalidades da história de Roma. Podemos dizer que este seria o coração do território romano antigo. Sendo hoje um grande conjunto de ruínas que dá vazão a inúmeras pesquisas e escavações para arqueologia e ponto turístico.

mais a frente essa mudança de forma notória nos objetivos educacionais de Catão e Cícero que ainda que conduzam para um modelo ideal, estes idealizam modelos diferentes.

Marrou (1990) descreve que a educação no território romano prioriza o conhecimento prático e ético. E a educação antiga romana se preocupou prioritariamente com a moral, o fortalecimento do esquema valorativo, ou seja, uma forma de viver que seria a certa, sempre em favor da família, da cidade e regulada por bases morais que foram descritas ao longo do trabalho.

No momento em que práticas, como leitura e escrita, iam aos poucos sendo inseridas em novos formatos de escola que nasciam, estas foram separadas. Escolas que tinham em sua conjuntura esses perfis eram conhecidas como *ludi*, que se traduzia por jogos ou diversão. E o fato de receberem esse nome traduz bem como eram lidas essas inserções. Afinal, para os romanos a arte de ler e escrever se caracterizava em algo divertido quando comparado com o que para eles era educação.

Os modelos educacionais romanos só irão passar por mudanças significativas a partir do momento em que se configuram suas campanhas de domínio e expansão territorial e por meio destas relações e contatos com outros povos. Nesse ponto destacamos, além do domínio dentro da própria Itália, um dos mais importantes fatores de promoção de mudanças foi a partir do momento em que as cidades gregas passam a pertencer à Roma e influenciam de forma irreversível a cultura romana.

A partir deste contexto e com uma extensão territorial cada vez maior, com contatos com cada vez mais povos e, por conseguinte cada vez mais culturas diferentes, o modelo educacional de Roma se vê sujeito a mudanças. Assim, ele deixa de ser exclusivamente nacionalista e recebe uma cascata de influências culturais dos povos dominados. Os romanos perceberam que necessitavam de certos conhecimentos que iam além do que a sua própria cultura poderia oferecer.

Partindo desse ponto, nota-se a necessidade, por exemplo, da aprendizagem de grego para o comércio, para os negócios, para a política e até mesmo para a guerra. Pois estes últimos eram cada vez mais difíceis e eram necessárias novas formas de se realizarem que eles só entenderiam a partir da inserção de alguns aspectos de outras culturas e outras formas de dominação que detivessem mecanismos que aproveitassem e permitissem que o povo romano aproveitasse de forma positiva os povos dominados.

Sabemos que a principal interação educacional foi a grega e que essa relação trouxe benefícios profundos para o modelo educacional trabalhado em Roma. O que se buscou foi aceitar alguns aspectos da cultura helênica sem “desvirtuar” a essência romana que era tão

buscada. O objetivo agora era uma formação que fosse moral, mas também cultural promovendo além de caráter político, civilizador também uma certa erudição, ou seja, buscando um equilíbrio e uma integração. (REDONDO, 1997).

Do ponto de vista educacional, Roma tinha muito o que aprender com a Paidéia grega em virtude de a maturidade dessa educação ser maior e isso apesar de uma resistência inicial, foi o que motivou os romanos a buscarem uma adaptação. Isso não aconteceu de forma fácil pois a educação latina criou conceitos e esses conceitos eram muito duros e difíceis de serem adaptados a outra configuração. Palavras que tinham significados que iam muito além da palavra tais como: doutrina, educativo, erudito, entre outros.

Ao cabo, o que podemos entender da perspectiva educacional romana é que esta tinha um objetivo muito claro, que era formar, preparar na forma mais simples da palavra, sujeitos, ou melhor, cidadãos para serem recebidos por essa sociedade. Nesse sentido, ainda muito jovem a criança era submetida a um modelo educacional que fornecia elementos o suficiente para que estes promovessem a propagação dos costumes e tradições iminentes à Roma.

O que quer dizer é que a educação romana tinha como meta formar adultos idealizados que fossem ligados ao povo e que fossem disciplinados. “Havia, pois, em Roma uma tradição pedagógica original; entretanto a educação latina evolui num sentido muito diferente, porque Roma se viu levada a adotar as formas e os métodos da educação helenística.” (MARROU, 1987, p.375).

No capítulo seguinte apresentaremos as duas importantes figuras escolhidas para entendermos as perspectivas sociais e educacionais de Roma através dos manuais e dos discursos desses que detinham imenso significado naquele território, sendo sempre consultados por quem busca entender os cenários sociais, educacionais, políticos e muitos outros do território romano. A partir dessas leituras traçaremos um paralelo entre os dois momentos da educação que vão refletir na perspectiva política e educacional e dar o tom da convivência social que é o pano de fundo que também nos interessa para nossa discussão.

CAPÍTULO 2 - ENTRE CATÃO E CÍCERO

2.1 Catão, o tradicionalista

Marco Pórcio Catão, ou simplesmente Catão, nascido em 243 a.C. em Túsculo, localizado no Lácio, morreu em Roma em 149 a.C. onde fez seu nome e se tornou uma lenda daquela região. Pelos escritos, se entende que sua origem foi plebeia e teria ele lavrado com as próprias mãos um pedaço de terra assim como no seu tempo faziam também os patrícios. Exerceu a censura em boa parte de sua vida no cargo de censor.

O censor viveu boa parte da sua vida sob as diretrizes que ele recomendava como as ideais para o povo romano, tendo contato com o contexto agrícola quando mais novo e ainda com milícias de Roma para lutar em alguns conflitos, aos 24 anos tornou-se tributo militar na região da Sicília, sendo ainda orador e advogado, tendo nessas ocupações se destacado pela sua retórica que não contava com muito estilo ou floreios, mas era rica em tradição e eficácia na transmissão de valores. (TREVISAM, 2016, p. 20)

Chega ao cargo de censor aos 50 anos, cargo que tinha muitas atribuições, tais como: a vigília sobre os costumes tanto privados quanto públicos, convocar os membros do senado, contar e distribuir cada participante do senado através de seus bens, cabia a ele ainda o recenseamento e punições e sanções caso os participantes daquele grupo social ferissem de alguma forma o equilíbrio da sociedade romana.

É palatável a construção de uma percepção que Catão vivia o que pregava em sua forma mais pura, sendo um exemplo do que chamava de bom romano em todos os aspectos da palavra, fossem eles políticos, agrícolas ou militares. Porém, a construção de seu nome também é construída através de seu legado cultural, sendo um dos mais convictos opositores do grupo aristocrata romano que em grande medida estava cada vez mais helenizado, se desligando do aspecto que mais preocupava Catão que era preservar as tradições romanas. (ROBERT, 2002, p.249)

A perspectiva anti-helenista de Catão demonstra uma mentalidade que não é só dele, mas sim de um grande grupo referente ao seu período que via com bastante positividade a noção sobre os costumes e cultura romana e sua preservação através do cotidiano. Isso pode ser ilustrado por uma passagem onde estes políticos que convergiam os mesmos pensamentos de Catão teriam expulsado uma embaixada que pertencia aos filósofos gregos em Roma.

A presença de gregos que vinham trazendo além de seus costumes, suas modernizações, tais como discursos feitos de forma aberta demonstram um certo perigo a educação dos jovens romanos, o tom de subversão com que esses espetáculos tratavam o cotidiano além de chamar atenção de Catão também o preocupou, pois ele passou a temer que essas leituras da sociedade afetassem a hegemonia construída para formação dos jovens capazes de amar a pátria acima de tudo. Essa preocupação foi além do campo das ideias e se materializou em um encontro entre a embaixada dos filósofos e o senado, findando na partida dos gregos sem demora de Roma. (TREVIZAM, 2016, p. 25)

Catão deixou um legado que remete seus pensamentos e ideais aos romanos mais antigos, na busca pela preservação da pátria latina e principalmente manutenção do *mos maiorum*. O censor foi mais um dos romanos que tinham o desejo e a vontade de preservar e manter as tradições e culturas através do tempo, só que a figura de Catão deteve muito destaque na construção, por conta de seus hábitos e extremado apego ao passado.

O censor foi moldado no viés que tanto buscou ser repetido pela juventude que via crescer enquanto ocupava o cargo político. Foi um agricultor por muito tempo e com muito exímio, foi um bom soldado e serviu a sociedade romana em diversos âmbitos com afinco, tanto na carreira militar quanto na carreira política. Lutou com bastante afinco no combate a tudo que oferecesse perigo aos costumes ancestrais e reagiu a inserção das Letras que não fosse em retorno para a vida privada e pública dos cidadãos. (TREVIZAM, 2016, p. 25)

O caráter tradicionalista dos romanos tenta impetrar uma ordem há tudo que fosse novo e essa ordem é também uma forma de cercear as inovações, pois segundo esses conservadores essas novidades implementadas na sociedade trariam uma ameaça ao *status quo*, sendo, portanto, um perigo essa possível revolução trazida pelos traidores do que seria o princípio de todo o estrato social, como exemplo de Lúcio Catilina, em um episódio que falaremos mais a frente. (TREVIZAM, 2016, p. 16)

Sabemos que Catão desempenhou seu papel de censor com todo afinco, principalmente no período onde Roma iniciou e se manteve sob influência helênica, que para este traria a sociedade de Roma à desconstrução das virtudes. Catão então personificava os valores de Roma como a honestidade e a simplicidade e ainda o patriotismo. (HOOPER, 1934 : IX) indo de encontro a elite romana que estavam mais ligados a ostentação e luxo.

Quando falamos de Monarquia, República e até mesmo do Império romano somos sempre voltados ao nome e aos escritos de Marcio Pócio Catão, geralmente o censor está ligado a exemplos do exercício da moral, do caráter patriota e a também da austeridade que ia

delimitar um cidadão romano. Catão é o exemplo de autor que está ligado irrevogavelmente a sua obra, trazendo muito de si e do que ele espera de um homem romano.

Catão, carrega consigo o chamado estoicismo⁵² nas suas leituras da sociedade e principalmente nas suas práticas enquanto personalidade participante do poder e que leva suas construções como contributo na manutenção da *res publica*, usando tanto para corrigir quanto para ratificar posturas adotadas naquele período. (VEYNE, 1994, p.173).

Ao voltarmos nosso olhar para a literatura dita clássica de Roma é notória a frequência de Catão, sendo inclusive usado por muitos autores da antiguidade, incluindo Cícero que usa dos ditos “catonianos” para corroborar a relevância de se ter romanos com uma formação firme. Plutarco utiliza dos ditos quando Catão quando traça um panorama educacional se voltando para a *humanitas* romana e Plínio torna Catão uma qualidade, como se quem o usasse fosse alguém pronto para a sociedade romana.

Antes de mais nada é importante destacar qual conceito de tradição trabalharemos aqui. E para falarmos desse conceito vamos caminhar pelo presente, passado e até mesmo futuro. Haja vista que o termo tradição nos remete a tudo que envolve o que chamamos de herança cultural, na maioria das vezes transmitido de geração em geração na função de preservar.

Nesse viés, a tradição é um conceito muito dinâmico e que nos ajuda a entender e organizar algumas perspectivas de análises, demonstrando através das repetições o quanto essas gerações modificaram ou não o entendimento de determinada situação. Weber discutiu o quanto a tradição serve como mecanismo para dominação, através de alguns poderes que tornariam possível a coesão social e por conseguinte o processo dominatório.

E nesse contexto, percebemos o quanto a memória se liga à tradição, na medida que para essa tradição continuar a ser transmitida sem risco de ser perdida ao longo do tempo, se buscou no passado e nas memórias preservadas o meio de mantê-las sempre vivas. Há portanto uma prerrogativa na necessidade de salvaguardar o passado, pois é nele que a identidade e a tradição vão beber para preservar determinada característica que será passada por gerações.

E quando se trata de Catão a questão das gerações é deveras importante, pois identificamos nele o principal expoente da tentativa de salvaguardar o comportamento, os

⁵² Movimento oriundo da Filosofia surgida na Grécia Antiga e que busca rigor com o conhecimento se afastando de sentimentos exteriores que fossem baseados na emoção, tal como a luxúria e a paixão. Essa corrente de pensamento foi criada em Atenas por Zenão de Cício, que dizia que o universo como um todo deveria ser orientado por lei que fosse, racional, natural e divina. O ser humano que buscava a felicidade tinha que depender somente das virtudes que possuísse, sem vícios.

ensinamentos e tudo o que envolve o que é ser romano para ele. Partindo desse ponto, consideramos Catão um autor extremamente interessante para compreender esse momento da história de Roma.

Já Edward Shils (1981, p. 12) descreve a tradição como “qualquer coisa que é transmitida ou passada do passado para o presente... tendo sido criada através de ações humanas [...] de pensamento e da imaginação, ela é passada de uma geração para a próxima.” O que atende bem aos mecanismos romanos, haja visto estes estarmos falando de uma tradição que foi passada em gerações e sobretudo é resultado da criação de um ação humana.

A tradição nessa construção seria uma ferramenta na conservação de costumes e práticas, ideologias e raciocínios. A repetição do passado no tempo presente de tudo que fora herdado nas estruturas sociais, dando na grande maioria das vezes a ideia de que ela é calcificada e imóvel.

Catão via na transmissão de comportamentos de pai para filho e na repetição por parte deste filho dos comportamentos de sua família, a melhor saída para se manter tudo que para ele formava a identidade do que é ser romano de fato. Lembrando que a família deveria sempre prezar pela moralidade e pelo bem-estar da comunidade, assim como o próprio Catão sempre fez ao longo de boa parte de sua vida, sendo sempre lembrado quando era preciso destacar pessoas que dedicaram seus dias à Roma.

Desta forma iremos identificar Catão como tradicional, em virtude da construção de certas identidades para Roma e os romanos que ele remarcava como um povo que tinha seus próprios costumes. O que facilmente poderia ser encaixado na perspectiva de Hobsbawn (1984) de uma tradição inventada, pois sabemos que o povo romano é produto de vários grupos que se mesclaram e que trouxeram seus diferentes costumes.

Uma sociedade que é rica e culturalmente diversificada, a princípio as tribos que se acabam por se juntar e formaram os primeiros territórios romanos e depois de um tempo, os povos que eram dominados, em virtude de Roma, na maioria das vezes agregar deuses ou características desses povos, por ser um povo supersticioso, sempre quis adicionar deuses que trariam coisas boas para os outros povos.

Mas entende-se que Catão, ao promover um discurso sobre uma tradição romana, tinha como principal objetivo fortalecer, além de normas de comportamento, os valores que ele julgava serem os ideais para aquela sociedade. Nesse sentido o que se estabelece é uma ligação a longo prazo com o passado dando base e corpo ao seu discurso tradicionalista, que sempre carrega em suas palavras a necessidade de se manter e salvaguardar o que se tem de romano.

Marco Pórcio Catão, Marcus Porcius Catus ou Catão, O Velho ou o Censor não foi um pedagogo, tampouco um professor das escolas romanas mas, sim, um político, um cônsul durante o ano de 195 a.C e também censor já em 184 a.C. Sua luta contra todo o luxo que corrompia Roma, além de sua caça aos senadores que ele acreditava serem indignos para o papel levaram fama ao seu nome. Destaca-se ainda seu combate incansável ao helenismo, na tentativa de manter a moral no território romano.

Para Catão, a pior influência que poderia surgir em Roma vinha da Grécia. Toda e qualquer interferência, para ele, era demasiada, mas a mais temida e combatida era a grega. Ele foi contra diversos tipos de incursão de ensinamentos helênicos, desde os estudos da medicina grega até inserções literárias que tivessem inspiração em escritos gregos e assim por diante. Para ele não existia nação que fosse mais deturpadora de valores que a grega, por isso, se Roma absorvesse essa cultura entraria em ruína.

Catão ficou conhecido como Catão, o Censor. Porém, foi responsável por muito do que entendemos como educação tradicionalista em Roma. Catão nem sempre teve esse apelido, ao entrar na política e no cenário republicano Marcus Portius Priscus teve muito êxito em sua passagem, até receber o nome de Cato por ser sagaz em tudo que lhe era proposto, haja visto o termo *catus* significar sagaz.

Catão pertencia a uma família de agricultores que se tornou rica ao longo do tempo através do alcance de algumas magistraturas, no caso pelo próprio Cato. Ainda muito jovem, Catão participou da segunda guerra púnica, onde lutou na Sicília e na batalha do Metauro. Alguns historiadores dizem que Catão teria governado a região da Espanha ainda no cargo de cônsul. Foi um grande representante da classe conservadora oriunda do contexto agrário que sempre se opunham ao excesso de luxo dos nobres e as inovações vindas com a expansão e contato com outros grupos, entre eles os gregos.

Ficou famoso ainda pela sua batalha dentro do senado contra essas inovações, agindo com severidade contra senadores ilustres que detinham gastos para os cofres públicos que para Catão poderiam ser totalmente evitáveis. Mas sua luta, que sempre fora conduzida com total obstinação e um pouco de intransigência, contou com devoção e dedicação exaltada em suas obras literárias que defendiam com ardor todos os seus ideais.

Catão jamais sobrecarregou o erário público com gastos supérfluos, suprimindo ou reduzindo ao estritamente indispensável todas as despesas de representação da *Lex Porcia de Sumptu Provinciali*⁵³. Entre as localidades sob sua jurisdição deslocava-se a pé e sem outra comitiva além de um servidor que lhe transportava a roupa necessária e um vaso destinado às libações dos sacrifícios. Simples e acessível para com os que governava, nem por isso diminuía o extremo rigor com que exercia o poder e fazia cumprir as ordens. Foi duro em especial para com os usuários, que expulsou da ilha, e na representação da indigna atividade e que se entregavam. (PIMENTEL, 2002, p. 91).

Foi exaltado por muitos escritores ao longo da história, tanto de seu período quanto de posteriores. Escritores romanos que tinham a mesma preocupação com uma educação tradicionalista baseada no período da república e que combatesse as imoralidades que chegavam a Roma. A cidade estava sendo invadida por uma corrupção sem precedentes, uma superestima aos luxos e uma degradação das tradições. Lucílio⁵⁴ comenta ao pousar o olhar sobre o tempo de Catão: “Glorioso século aquele em que um general, um triunfador, um censor, e mais relevante ainda, um Catão, se contentava com um só cavalo.” (SEGURADO, CAMPOS, 1991, Ep. 87, 10.)

Sêneca, assim como Cícero, é um dos maiores louvadores da passagem de Catão pela terra, colocando a época em que este vivia como um dos melhores períodos de Roma. Para ele foi o momento onde a República realmente funcionou, onde os homens eram virtuosos, tinham caráter e retidão para com a cidade e nas suas vidas privadas.

Catão, sempre se viu em meio a batalha pelo controle da moralidade do comportamento dos romanos, tentando regular desde as vestimentas até as condutas públicas. Sempre defendeu o *mos maiorum*, pois sabia que ele era uma ferramenta para barrar a propagação da cultura grega. Sua postura firme em relação aos comportamentos que julgasse prejudiciais a essa moral lhe rendeu não apenas o cargo, mas também o apelido ao qual ficou preso, o de “Censor”.

Durante sua vida foi cônsul, além censor. Sua origem foi em uma família plebeia e sua criação foi bem tradicionalista, sempre seguindo os passos de seus ancestrais que trabalhavam na agricultura e nos serviços militares. Ele realizava as mesmas atividades e ainda fazia estudos chamados liberais e de oratória. Seu êxito fez com que fosse levado para

⁵³ Em nossas análises, partimos da idéia de que o termo em questão faça referência a uma espécie de lei que regulamentava uma certa quantia destinada aos gastos dos membros do senado. A lei teria sido elaborada por Catão, que além de tê-la criado, fez também a função de fiscalizar com extremo rigor quem gastava com coisas supérfluas. É necessário se destacar que essa interpretação se fez a partir das leituras do contexto da criação da lei e traduções e ainda nas leituras que temos sobre o autor. Mas não afirmamos com veemência pela falta de um conceito dentro do próprio autor que analise melhor o termo.

⁵⁴ Conhecido como Governador da Sicília, o conhecemos apenas pelos escritos de Sêneca.

Roma e iniciando sua carreira política. Fez *cursus honorum* e teve uma extensa carreira política, onde foi tribuno, questor, pretor e como já mencionados, cônsul e censor.

Durante a Roma antiga, os censores e a censura tinham como principal designação aqueles limitar e distribuir as fortunas e determinar, a partir da análise da conduta moral e social, quem era digno de fazer parte do senado. Nesse sentido entendemos que, de alguma forma, os censores zelavam pelo comportamento dos cidadãos e com isso cuidavam dos interesses da República e da *Urbs*. Porém nenhum censor se destacou tanto quanto Marco Pórcio Catão que tem sua história na magistratura extremamente conhecida.

Marco teve destaque em sua posição pois ele lidou com seu cargo de forma extremamente rigorosa, austera e até um pouco intransigente, sempre buscando combater o excesso de gastos de uma parcela dos cidadãos romanos, buscando observar de perto a conduta de cada um para com a comunidade e em relação aos excessos. Tendo uma passagem em destaque ficado famosa, quando Cato retira do Senado um magistrado porque este havia beijado uma mulher em lugar público. (MACEDO, 1834, p. 129)

Um claro e evidente exemplo do seu total repúdio a condutas desmoralizantes dentro do território romano é a aversão e ódio que Catão demonstrava contra Cartago, sendo inclusive um grande defensor de uma terceira Guerra Púnica⁵⁵. A falta de moral dos cartagineses frente ao uso excessivo de dinheiro na obtenção de cargos públicos, a displicência quanto ao trato com os deuses e o crescimento frente a grande de Roma.

Catão foi o primeiro grande historiador e orador da época em que vivia, sempre se opondo a tudo que fosse modernizante. Ele vivia em um período onde Roma havia conquistado a bacia do Mediterrâneo e foi tomada por grandes mudanças de caráter social, político e cultural. Catão é o principal nome dentro do Senado na querela agrária e conservadora que se opõe totalmente às mudanças no *mos maiorum*.

Seu método de política sempre teve como base um caráter extremamente intransigente e inflexível contra tudo que ele considerasse uma possível degeneração dos costumes romanos, sempre se opondo a todas as tendências helenizantes, pois essas tendências eram vistas por ele como perigosas aos princípios da moralidade e do tradicional.

⁵⁵ As Guerras Púnicas foram um combate entre Roma e Cartago que era uma cidade do norte da África e se destacava por ser uma importante e disputada região do Mediterrâneo. Sendo um dos conflitos mais importantes de Roma, porque aponta o domínio desta para além das terras itálicas, alçando passos para a construção do Império. E no período de máxima expansão romana, durante a conquista das colônias gregas no território peninsular da Itália, é inevitável um conflito com Cartago, haja visto esse território ser uma potência rival no controle do Mediterrâneo. A última Guerra Púnica é resultado de uma famosa obsessão de Catão pela derrocada de Cartago. Buscando poder e demonstração de força a partir da vitória.

Isso continuava na sua oposição aos patrícios que se tornavam ricos de forma ilegal, à sombra do Estado e todos a perspectiva que Roma ganhava com o estabelecimento da República.

A república se dilatara a ponto de não mais ter como preservar a sua austeridade primitiva; tendo o domínio sobre tantos reinos e povos acarretado uma grande mistura de costumes, bem como a adoção de referenciais oriundos dos mais diversos modos de vida. (CATÃO IV, 2).

Catão se decepcionava, sempre, com os caminhos corruptos e desmoralizantes que a República Romana ia construindo ao longo do tempo. As características que lapidavam os políticos desse período em nada agradavam o censor que estava cada vez mais radical no que se refere ao combate de tudo que o desagradava.

2.2 O grande Censor

Catão, O Velho ficou bastante famoso não só por sua participação política mas também pelo seu contínuo ataque a possível corrupção que poderia surgir das culturas estrangeiras, sobretudo a grega, que em sua perspectiva poderia causar inúmeros problemas relacionados diretamente a moral e ao comportamento do então modelo de romano que Catão julgava existir. Seus comentários iam da comida, a depilação, filosofia e até ao hábito dos gregos de fazerem exercícios sem o uso de roupas. (BEARD, 2017, p.201)

Ainda na leitura de Beard (2017) Catão teria dado a Sócrates o apelido de “tagarela inveterado” e costumava tecer críticas a quem fizesse leitura da literatura grega, tendo em vista que esta poderia muito bem contribuir para a derrocada da república romana. Catão, inclusive, acreditava ser um dos motivos da República estar mais fraca, os meninos gastarem mais consigo que com os investimentos no campo e também por que as tigelas de peixe estavam mais caras que o custeio dos agricultores.

Porém, é importante deixar claro que essa leitura da sociedade de Catão assim como os próprios valores também se mostram uma construção do seu período, em razão da não existência de um passado ancestral romano mas sim, de uma união de costumes e práticas de diferentes grupos tais como os etruscos e itálicos que foram os primeiros povos do território romano. A identidade cultural nesse aspecto se constitui em algo que necessita de um pouco mais de atenção, pois não temos ideia de como os primeiros romanos se liam.

O que se pode deduzir a partir dos escritos sobre os povos romanos, tanto os que ocuparam primeiramente o território quanto os que deram origem à república, é que ambos tinham como uma característica bem definida a austeridade, no sentido de preservar ainda que

calcado em possíveis exageros a “romanidade” para dar fôlego e força ao projeto expansionista.

Sua influência como censor traz um certo controle moral a uma parcela dos cidadãos em Roma, em grande parte os mais ricos. Catão punha em prática uma censura já conhecida e até mesmo a privação de direitos políticos, caso o cidadão não seguisse a conduta ideal. E através de uma oratória extremamente seca e simples, pois seu discurso era muito objetivo. Ele teve uma grande carreira política e conheceu gratidão de muitas famílias em Roma, que viam nele um defensor da pátria, tendo essa conjuntura, ele era bem quisto e protegido por família nobres, sendo envolvido nesses círculos. (PLUTARCO, 1962, II capítulo).

Catão obteve bastante êxito em sua carreira como cônsul e sua oratória foi um grande destaque nesse período. Teve renome ainda como escritor latino dos famosos manuais⁵⁶, sendo comentado por vários historiadores romanos. Um deles foi Tito Lívio que o descreveu como um dos maiores de seu tempo, tendo seus escritos e fama atravessado o tempo, sendo descrito inclusive por Cícero. Catão tem como principal obra, uma coleção que permaneceu inacabada, mas que os trechos que conseguiram chegar demonstram muita sua forma de escrever.

Catão pode ser considerado um dos grandes modelos na tentativa de conservação do que seria o “ser romano” e toda carga que isso traz. Catão dava imensa importância para a construção do caráter e lutou contra a influência cultural dos gregos e teve sua perspectiva pedagógica reproduzida por muito tempo como aponta Gadotti (2011). Era um grande mantenedor do mos maiorum.

Catão, que foi do exército e também exerceu inúmeros cargos políticos, era extremamente apegado aos valores que ele acreditava serem puramente romanos, promovendo e insuflando conflitos com cidades que, de alguma forma, ameaçassem o sucesso romano, tal como Cartago. Os seus ataques a essa cidade ficaram conhecidos já que ele sempre terminava seus discursos esbravejando a mesma frase: “Carthaginiem esse delendam”⁵⁷. Catão ainda lutou contra as interferências gregas na sociedade de Roma, afirmando que assim que os romanos tivessem acesso às produções textuais gregas a cidade iria então se corromper.

Tendo em vista essa sua condição de homem tradicionalista, que busca salvaguardar tudo que é romano, ele acabava por não dar nenhuma atenção a literatura por exemplo. A

⁵⁶ A perspectiva conservadora de Catão se destaca nesses manuais que são obras que dão orientações de diferentes categorias aos leitores. No caso do autor, ele elaborou um manual agrônomico chamado *Da agricultura* que chegou inteiro até o nosso tempo e continha mais que orientações a quem trabalhava no campo, mas também frases que fossem destinadas a manutenção da moralidade, servindo também como um modelo de cidadão a quem este buscava.

⁵⁷ Em uma tradução aproximada quer dizer “Cartago deve ser destruída”

educação que ele apoiava que fosse construída teria como base fundamentos de guerra, leis, oratória, agricultura e a medicina em especial, pois se esta ciência viesse de estrangeiros iria matar o povo romano. Catão se destaca também por ser descrito na historiografia como o precursor e primeiro orador de Roma, tendo publicado seus discursos em sua totalidade.

Podemos destacar Catão como o maior exemplo do que ele buscou ao longo de toda vida que se espalhasse por Roma, Catão era sim o “modelo ideal de romano”. Era um bom soldado, era um bom agricultor, lidava com suas relações com o máximo de austeridade e preservava a admiração por seus antepassados, preservando tudo que fosse ligado ao povo. A seguir observamos um trecho da obra de Cipião⁵⁸, onde este destaca o papel de Catão ao defender os valores romanos e criticar a influência dos costumes gregos em Roma:

Começarei por um pensamento do velho Catão, a quem muito amei e admiro singularmente. Costumava dizer que nossa superioridade política tinha como causa o fato de que os outros Estados nunca tiveram, senão isolados, seus grandes homens, que davam leis à sua pátria de acordo com seus princípios particulares [...] nossa República, pelo contrário, gloriosa de uma longa sucessão de cidadãos ilustres, teve para assegurar e afiançar seu poderio, não a vida de um só legislador, mas muitas gerações e séculos de sucessão constantes [...] a reunião dos mais brilhantes gênios seria insuficiente para abraçar tudo com um só olhar, sem o auxílio da experiência e do tempo. (CÍCERO, LIVRO SEGUNDO, VERSO I)

Um exemplo de sua preocupação com a educação em Roma é que ao educar seu filho, Marco, ele fez uso de seus ideais de pedagogia, dando destaque sempre para um modelo de educação arcaica, sendo o próprio Catão o mestre do seu filho. A historiografia diz, ainda, que ele teria escrito uma obra para regular sua prática de ensino e essa obra seria intitulada “Preceitos para meu filho”. Sendo o livro uma espécie de enciclopédia que seria útil tanto para seu filho quanto para outros jovens que buscassem ser futuros bons cidadãos, verdadeiros presentes para o estado.

Para o Censor a educação dirigida ao seu filho tem uma importância irrevogável e tem um objetivo moral com vista em resultados que devem ser colocados em prática. Esta educação visava a formação de um cidadão que realizasse grandes feitos militares, sendo ainda um homem de virtudes e valores na sociedade e no campo de batalha. E exatamente por isso, para ele a educação grega que chegava a Roma desviava a atenção do que realmente importava, que era a carreira militar e a aprendizagem das leis e como estas deviam ser obedecidas.

⁵⁸ Públio Cornélio Cipião Africano ou simplesmente Cipião Africano ficou conhecido por ser político e eleito cônsul durante duas vezes, acumula também a fama de ser um dos maiores generais da história de Roma.

Seu discurso, portanto, se mostrava extremamente radical pois creditava à adesão aos preceitos de ensino oriundos da Grécia, a destruição do povo romano. Destacamos ainda que Catão havia sido responsável pela promulgação de um decreto que expulsava os embaixadores filósofos que vinham de Atenas, em função de proteger a educação da possível desmoralização que isso acarretaria.

A princípio Catão jamais citou autores gregos em suas obras pela total aversão a essa cultura e, também, por achar todos os escritos oriundos da Grécia irrelevantes ao seu propósito. Suas principais fontes são sua tradição e também suas experiências pessoais adquiridas ao longo da vida. No fim da sua vida Catão se julgou vencido pela influência grega em Roma. E é importante destacar que toda sua obra é em escrita em latim, contribuindo para um projeto que teve bastante êxito que foi o do latim prevalecer sobre o grego.

Catão buscou pertencer a uma corrente na qual a parcela da elite que dividia do mesmo modo de pensar dele e estes sempre buscaram criar um protagonismo para os costumes romanos. Para estes, o crescimento do poder de Roma foi resultado do esforço e dedicação de todos os cidadãos que tomaram a ideia de Catão e tomaram para si o destino e legado da pátria. O orador sempre demonstra como prefere um cidadão honesto e engajado nas causas políticas sempre priorizando o bem da comunidade.

Suas obras chegaram apenas em fragmentos até nós, mas os trechos que chegaram nos fornecem a confirmação de toda a sua preocupação na defesa de tudo que ele acreditava ou queria fazer com que acreditassem, ser próprio do romano. A sua produção girou em torno de livros que trabalharam as origens de Roma e os feitos dos reis, também as origens das cidades e suas formações étnicas e geográficas e os eventos principais que aconteceram na *Urbs* até muito perto de sua morte.

Catão era um orador bastante habilidoso e eficaz e muito preocupado com tudo que incorporava ao seu discurso, desde a elegância até a coerência das palavras que ele pronunciaria. Suas ideias se pautavam em dominar o tema de que trataria, de forma bem clara, pois assim o conteúdo viria com facilidade. Catão escreveu orações ao longo de toda a sua vida por conta de seu compromisso com a política e com sua comunidade. A historiografia descreve que chegaram apenas oitenta títulos de cerca de 250 textos que ele teria escrito e muitas das suas obras também não chegaram completas.

Seu discurso sempre cheio de uma certa linguagem ardilosa, muito mordaz e irônica, porém arcaica, áspera e totalmente comum à sua origem, a de um homem camponês. As enciclopédias da arte militar, oratória, agricultura, comércio, medicina e moralidade se

destinavam em grande parte a propôr educar as crianças para evitar as influências gregas que estavam sendo inseridas na educação.

O tratado chamado *Da Agricultura* é o texto mais antigo escrito em prosa e em latim, tendo chegado completo até nós. Porém seu significado não é tanto literário, pois trata-se de um Manual extremamente objetivo voltado para os proprietários de terras. O tratado tinha uma linguagem simples e bastante rígida e orienta sobre toda e qualquer atividade agrícola, como por exemplo, manter a casa, sacrificar para os deuses, produzir óleo e vinho para curar plantas e animais.”... mas é dos lavradores que descendem os homens mais fortes e os militares mais valentes, são eles que alcançam o ganho mais honesto e estável, e o menos sujeito à inveja, e os que se ocupam deste trabalho são os que menos têm maus pensamentos.” (CATÃO, 1975, Prefácio).

A obra de Catão por mais parcial e apaixonada que seja pela Roma que este idealizou, é extremamente importante para entendermos a construção que se pretende fazer em paralelo com Cícero. Catão, por exemplo, escreve em latim enquanto os seus antecessores já usam o grego e se mantêm em uma tradição descrita como analítica.

Toda a dedicação dos últimos dias de sua vida produziu o que seria a história de Roma e essa seria a obra mais importante de sua trajetória, a obra *Origines*. Nessa obra que pode ser descrita como o próprio testamento de Catão, ele escreve além da história do povo romano, a causa de suas lutas, o porquê de suas opiniões da origem até o tempo onde ele escrevia, demonstrando sempre o valor do povo romano.

E na obra ele deixa claro que buscou censurar e limitar qualquer inovação oriunda do mediterrâneo pois as julgava inferiores e que nada acrescentariam a já estabelecida conduta romana. Buscou sempre em seus escritos, também, preservar e salvaguardar tudo o que ele acreditava formar a identidade romana, identidade essa livre de qualquer interação externa que viesse desvirtuar a romanidade.

A partir do momento em que Roma passou a almejar uma cultura considerada superior, tendo inclusive enviado jovens ricos para estudar na Grécia ou importado professores gregos para ensinarem na própria Itália, Catão se opôs totalmente a essa influência grega mais invasiva. Um trecho de Plínio o Velho (23-79) que cita Catão pode nos trazer a clareza da sua opinião sobre a influência dos gregos:

Isto pode entender-se melhor a partir das palavras de Marco Catão, cuja autoridade, devido ao seu triunfo militar e ao seu exercício da censura não precisa ser sublinhada, já que fala por si mesma. Citarei, portanto, suas próprias palavras: A respeito desses gregos, Marco, meu filho, falar-te-ei no lugar adequado [...] cada vez que aquele povo nos fizer chegar a sua literatura, ela corromperá tudo, o que

acontecerá ainda mais cedo se enviarem aqui os seus médicos. Eles conspiram entre si para assassinar todos os estrangeiros com sua medicina, uma profissão que exercem por dinheiro de modo a ganhar nossa confiança e despachar-nos mais facilmente. Chamam-nos também constantemente de bárbaros, estigmatizando-nos mais vilmente do que outros povos, considerando-nos rudes ou atrasados (PLÍNIO, História Natural, XXIX, I, 13-14)

Sua censura vai além da medicina, costumes, língua e tradição. Pois existe um ponto onde a tal helenização pode ainda ser mais visível e para ele isso era extremamente maléfico. A influência grega estava chegando a arquitetura, o que de certa forma dava uma visibilidade maior ao contato dos gregos com romanos. Era possível identificar inspirações nas edificações domésticas, nas basílicas e nos prédios da *Urbs*, o que Catão censurou veementemente.

Uma das maiores preocupações nas obras de Catão sempre foi caracterizar a Roma do seu tempo como fruto de uma construção coletiva baseada no Senado e no povo romano, sem inferências de líderes isolados. Dando destaque sempre ao coletivo, na busca por fazer de Roma a cidade que tinha mais sabedoria lidar com a cidadania e que também era a mais justa no que se referia à forma de lidar com os cidadãos através das leis, sem desigualdade.

Sempre embebido em certo tom arcaico e de certa forma rígido, e na busca pelo combate ao luxo e todas as novidades que pudessem surgir a partir dos territórios dominados ao longo do mediterrâneo, Catão foi quem criou a prosa latina. Enquanto os escritores de seu período sempre buscavam escrever em grego, Catão escrevia em latim.

A morte de Catão configura mais um exemplo da sua incansável luta pela manutenção da República, tradição e valores morais. Pois durante sua velhice Catão inicia um conflito puramente ideológico com Júlio César⁵⁹, pois este estava à frente do estabelecimento do império e o censor defendia com todo vigor a continuidade do Senado e a tenência às virtudes.

Trazendo um espírito inovador, carregando o espírito de mudança e um certo desrespeito às regras para o alcance de seus objetivos, Júlio César vai de encontro a toda a construção de caráter de uma vida do velho Cato. A saída para o censor é o suicídio, o ato conota a última faceta contra César, sendo explicado como uma renúncia a viver sob o governo do tirano.

⁵⁹ Caio Júlio César nascido em Roma, membro de uma família de patrícios, que no seu tempo formava o que chamamos de elite romana. Sua origem mítica diz que ele era antepassado da deusa Vênus. César foi militar e advogado, sendo o último o início de sua carreira política. Foi eleito Questor, Edil, Pontifex Maximus, Pretor, chegando ao cargo de Cônsul e nesse cargo ele deu início a uma campanha militar com o objetivo de conquistar a Gália. Em clara desobediência ao Senado ele não regressou quando requerido e iniciou uma Guerra Civil que culminou com o mesmo se tornando ditador.

Este acontecimento foi julgado por muitos como um ato pensando. Em virtude da busca pela grandeza da mensagem que ele tentava passar, reforçando ainda mais o descontentamento que este sentia com os rumos que Roma tomava. Catão que não suportava ver o povo romano ser tratado como súdito e entrou para os códices como o último republicano.

Sêneca citou em sua obra a morte de Catão como uma referência a ser seguida e uma morte que merecia ser lembrada e louvada pela sua grandiosidade de causa. Sêneca faz a narração em uma de suas cartas do que teria sido o último discurso de Catão antes de sua morte. Segue o trecho do discurso transcrito: “Não combati até hoje pela minha própria liberdade, mas pela da pátria; todo o meu esforço tendeu, não a viver livre, mas a viver entre homens livres. E agora que já não há esperança para o gênero humano, Catão, ira acolher-se a lugar seguro. ” (SÊNECA. LIVRO 3, CARTA 24).

Catão deixou em seu legado o desejo pela construção de um povo que preservasse os costumes passados de geração a geração. No prefácio do seu tratado *Sobre a agricultura*, ele elogia o homem que é um bom lavrador e um bom colono, sendo motivo de engrandecimento aquele que além de ser um camponês íntegro, tem moral e sabe cuidar de sua terra. No item a seguir analisaremos com maior atenção as obras de Catão que nos serviram de base para entender seu viés tradicionalista e como este via a sociedade em que se encontrava.

2.3 Por entre as obras de Catão

O material usado para construção desse trabalho, foram alguns trechos da obra *Origines* e o livro *Da Agricultura*. A obra *Origines* é considerada um dos títulos mais importantes de Catão. A princípio era constituído de sete livros onde estes narravam: alguns aspectos historiográficos dos monarcas romanos, a construção de uma origem das cidades romanas e, por conseguinte da própria Roma, os primeiros conflitos referentes às Guerras Púnicas e algumas outras guerras.

Sendo esta considerada a obra que fundou a prosa de viés literário na Roma Antiga. (TREVIZAM, 2016, p.29). De agricultura foi escrito para sugerir e dar orientações para a prática do cultivo agrícola, demonstrando como deveriam seguir seu dia-a-dia no campo e algumas vezes condutas fora do contexto camponês, dando orientações de vida. Nota-se que a obra conta com uma extensa variedade de conteúdos que perpassam muitos momentos da vida do romano.

O início da obra nos descreve a construção da classe que conduzia Roma e como esta passou por alterações até que passasse por crises que a enfraqueceram. É perceptível que os membros dessa classe se limitavam aos grandes proprietários de terra, demonstrando o que já falamos anteriormente, que Roma era um território essencialmente agrícola, haja visto que esse povo via com bons olhos aquele que tirava sua sustentação da terra.

A partir desse fragmento, se compreende um outro aspecto da sociedade romana e que já foi comentado muitas vezes nesse texto que é a importância do *mos maiorum* para fundamentar tanto a cidadania de Roma, quanto as virtudes e características de um romano ideal e ainda basilar o direito e posteriormente até mesmo o cristianismo que seria a religião oficial do Império.

Compreende-se a partir da leitura da obra que Catão buscava a partir de sua vida com intermédio de seus escritos, beber no exemplo dos antepassados a construção de um modelo de homem, de cidadão e de soldado. É possível afirmar diante disso que essa obra não foi feita com o objetivo de ensinar o cidadão a lavrar, mas sim a preparar um bom romano, um oligarca que daria manutenção aos valores por ele admirados.

A obra não conta com qualquer organização no que se refere a sua apresentação e busca pensar uma ordem cronológica dos afazeres no campo voltados para como se entende um ano inteiro no campesinato e sua dinâmica. O livro se dá em um tom bastante imperativo e com constantes repetições fugindo a qualquer questão estética que a prosa latina se preocuparia mais tarde.

A importância dessa obra se dá não somente pelo fato de ser um dos manuais latinos mais antigos, mas também, e é o que mais nos interessa no presente trabalho, como esse manual acaba se convertendo também em um livro de orientações onde Catão irá depositar os costumes, tradições e valores buscados pelo povo romano e principalmente por ele mesmo, que tinha como uma das atividades que retinha mais a sua atenção a manutenção dos valores daquele território.

Por isso, é importante ressaltar que mesmo sendo um tratado voltado para o campesinato, a questão do contexto em que a obra foi escrita e a preocupação de Catão com a manutenção dos valores promulgados pela sociedade romana em tempos de república nos permite vivenciar como na prática o conservadorismo funciona através da vivência dos povos antigos como Catão.

Lá no campo, longe de qualquer luxo e ganância observada na cidade se conservam os principais valores e costumes que estavam sendo deixados de lado na vida urbana e

principalmente da aristocracia que estava cada vez mais envolta na perspectiva helênica, rompendo de uma certa forma com sua pátria.

Catão ainda busca de certa forma incentivar e promover algumas adaptações e mudanças que trariam um maior desenvolvimento para a produção agrícola que para ele é a atividade mais nobre e que preserva os princípios mais antigos do contexto tradicionalista localizado no campo. Por isso, a obra é uma importante fonte para consulta do cenário sociocultural em que estava inserido.

Já obra *Origines* que não chegou completa à atualidade demonstra uma importante perspectiva do autor, que permite que o entendamos mais ainda. No conjunto de trechos consultados observa-se que Catão jamais destacou a imagem de um romano em particular ou uma figura heróica, mas sim do povo romano como um povo valente e carregado de heroísmo em seu sangue e que eram capazes de produzir bravos guerreiros e nobres políticos.

O texto compõe ainda o primeiro trabalho em latim construído na perspectiva historiográfica sobre a cidade de Roma e o mais interessante dessa obra que demonstra o quanto Catão estava preocupado com a cultura de seu território, é o uso de seu idioma pelo autor, buscando uma valorização do latim, haja visto já existirem duas obras historiográficas romanas, mas, escritas em grego.

2.4 Cícero, o Helenista

Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.) ou apenas Cícero, nasceu na cidade de Arpino, a cem quilômetros de Roma. Teve destaque no direito, na oratória, na política e na filosofia, levando seu nome como expoente da cultura de caráter latino. Seus interesses foram muito além desses destaques, tendo ele se dedicado a pensar um modelo de cidadão ideal romano, assim como Catão. Mas para ele esse romano, além de um bom cidadão, era um exímio orador.

Pertencia a uma família da aristocracia rural, que era bastante prestigiada em seu espaço. Sua vida particular tem total relevância para o entendimento de sua vida política, pois sua formação como homem se traduz no Cícero político, diferente de alguns do seu tempo, pois ele tinha uma origem que o tornava desconhecido dos políticos tradicionais e que estavam no Senado, que era onde Cícero queria chegar.

Teve destaque ao longo da história na questão da educação e não foi por trazer algo original para essa categoria, mas sim por introduzir a filosofia que, para ele, tinha de estar presente na formação dos jovens oradores. Ele trouxe da filosofia correntes de pensamento

como estoicismo⁶⁰, o platonismo⁶¹ e o epicurismo⁶², buscando a fundamentação do ponto de vista filosófico para os discursos, fazendo assim dele o principal nome da *Humanitas*.

O estudo que ele fez da filosofia e dos filósofos gregos o tornou capaz de tornar a filosofia romana bastante original, sabendo mesclar os dois saberes, tendo sempre em sua mente os interesses da República e como a formação do cidadão ideal pode ser feita a partir da educação, visando ensinar e formar homens com moral, com capacidade política e que pensassem no bem dessa República que precisava ser revitalizada. Sendo para ele o estudo da filosofia uma necessidade primordial para a formação do cidadão romano. (JARDIM, 2018, p 10)

O fato de ser um uma pessoa nova no Senado e que não tinha uma tradição familiar na política sempre foi um obstáculo para Cícero, que teve que se mostrar preparado em seus discursos, sempre muito eloquente e estudado. E para chegar até o cargo de Cônsul, onde ele ainda era visto com muitas ressalvas pela aristocracia tradicional romana, ele sempre buscou destacar que estava ali para proteger tudo que interessava aos romanos e suas causas, como foi no caso de Catilina⁶³.

⁶⁰ Consiste em uma doutrina de caráter filosófico que se fundamenta nas leis que regem a natureza. Surgida na Grécia durante o século IV a.C. durante o período que ficou conhecido como helenístico. Seu fundador foi o filósofo também de origem grega, Zênon de Cítion, se manteve viva durante séculos na Grécia e em Roma. A locução “estoicismo” vem da palavra grega “stoá”, que tem como significado pórtico que eram locais onde se ensinava filosofia. Tem influência em Platão e o Estoicismo Helenístico Romano tem como principal filósofo Cícero.

⁶¹ Descreve a corrente filosófica que era baseada nos ideais do matemático e filósofo de origem grega, Platão, então discípulo de Sócrates. Fundou a Academia de Platão em torno de 385 a.C., onde primeiramente se cultuava alguns deuses. Depois, os filósofos se juntavam para debater sobre filosofia e o pensamento platônico que rege diversos temas, como dialética, estética, metafísica, lógica, retórica, política, ética e dualidade do corpo e da alma.

⁶² Traz uma doutrina de corrente filosófica que foi criada pelo filósofo de origem grega Epicuro, que ficou conhecido como o “Profeta do Prazer e da Amizade”. Bebe na física, principalmente no atomismo quando diz que pode se identificar o prazer como o bem, a partir da prática da virtude. Sendo a felicidade o estabelecimento do prazer com o mínimo de dor, através da saúde tanto do espírito quanto do corpo.

⁶³ Catilina fazia parte da aristocracia romana e de uma família que tinha tradição desde os antepassados. Porém, sua ambição o fez o tornar impossibilitado de se candidatar ao consulado. Cícero sempre buscou deter qualquer participação sua no Senado, controlando os votos da parte conservadora. Catilina se aproveitou do momento de burburinho agrário para nova tentativa de se candidatar ao consulado, mas de novo foi barrado pela parte conservadora. Com todo esse cenário não promissor, ele deixa Roma e vai se unir aos opositores do Senado em rebelião com Lépido, mas essa foi atropelado por Cícero que estava na posição de Cônsul e através de quatro discursos chamados *As Catilinárias*, obteve apoio do Senado e executou cinco romanos envolvidos sem passar por uma análise do processo, dando uma proporção maior do que realmente tinha e se aproveitou do momento para poupar o Senado da violenta conspiração e manter o formato político da república. Com isso, além de destruir a Conjuração ele é declarado *Pater Patriae*, o mesmo que Pai da Pátria, pois defendeu a república. Porém, a grandeza do ato trouxe inimigos.

Seus escritos remetem ao fim do período da República, período esse conturbado, pois Cícero passa por um exílio⁶⁴, contudo ele o aproveita para escrever muitas das suas obras e, por conseguinte fazer reflexões acerca das tradições romanas, do modo de governo, das instituições de poder, entre outros. Mas sempre priorizando a defesa das tradições, principalmente no que se refere as leis romanas que para ele eram de suma importância para as conquistas. (GONÇALVES, 2002, p.6).

Seu crescimento no campo, longe de Roma, o fez se tornar um homem que apesar transgressor nas questões culturais e a respeito do contato com os outros povos, possuía traços conservadores e que valorizava o cidadão que cuida de sua terra e de sua comunidade, assim como Catão. Para ele, todos os romanos teriam que se dedicar integralmente à Roma, se doando por completo, se precisar morrendo por Roma e lhe deixando todos seus bens.

Cícero foi um advogado, um orador, um jurista, um filósofo e principalmente um político glorioso de seu tempo. E não podemos esquecer da sua inegável contribuição como pedagogo dentro da Roma de seu tempo. Fazendo uma pequena revolução no quadro de disciplinas, de abordagem de novos conhecimentos e perspectivas consideradas negativas por conta do preconceito enraizado, principalmente com a Grécia.

Como Cônsul, o maior triunfo político obtido por Cícero foi a repressão fulminante da conspiração de Catilina, cujos partidários ele mandou prender e, em seguida, fez executar em sua presença e na presença de todo o povo. As suas famosas Catilinárias, pronunciadas no senado valeram-lhe o título de “Pai da Pátria”. Cícero era, então, o homem mais querido e de maior autoridade em Roma. (CISNEROS, p.13, 1980)

A partir dos seus discursos e de sua obra temos um contanto bem próximo com a realidade da república romana e todas as questões que eram formadas através da identidade desse território, iniciando assim uma discussão jamais antes feita sobre a sociedade romana e os rumos que aquela estava tomando a partir das novas configurações estabelecidas muito pelas contribuições de Cícero.

O orador que tem influência de Sócrates, está sempre buscando a reformulação dos ensinamentos filosóficos vistos com tanto preconceito dentro de Roma. E ele que era um

⁶⁴ Cícero que se encontra em meio a uma querela de revolução política para manutenção da república, participa de uma resistência para barrar os planos de alguns políticos. A conspiração de Catilina duramente reprimida por ele e o perdão de dívidas geram grandes problemas para este. Com a execução de alguns cidadãos romanos sem nenhum julgamento, Cícero causa grande revolta em diversos patamares romanos. E toma a decisão de se exilar de forma voluntária, sabendo que isso seria um ato extremamente político e jurídico. Porém, o exílio também foi pedido através do tribuno Públio Clódio. Ele se exila na Macedônia e depois em Brundísio. E retorna no ano seguinte em função de Pompeu.

defensor incansável da República, acreditava veemente na necessidade de uma reforma no sistema político vigente e em todos os nomes que estavam a frente do poder para além de modernizar, melhorar a forma de governar que tinha tudo para dar certo pois contava com a participação de parte da sociedade.

Na famosa obra *De Res Publica*, com bastante influência das obras de Platão, o autor busca apresentar um grupo de ideias que tem como função dar direcionamento a elite política de Roma, para resolver os problemas que envolviam desde crises nas instituições até inovações na sociedade. Nessa obra ele demonstra os pontos que devem melhorar e até aponta algumas possíveis soluções e formas de se fazer essas construções.

Cícero traz, portanto, uma aproximação com a Filosofia e a Retórica através dos seus estudos, demonstrando sempre a possibilidade do hibridismo das duas categorias em função da melhoria da oratória. E toda essa instrução com mestres helenos, tinha como objetivo acender ao poder em Roma.

Penso sem dúvida que Platão, caso desejasse cultivar o discurso forense, tê-lo-ia feito de modo grave e copioso; e Demóstenes se tencionasse alardear o que aprendera de Platão, fá-lo-ia de forma brilhante e ataviada. Digo o mesmo de Aristóteles e Isócrates, cada um dos quais, deliciado com seus próprios estudos, desdenhou os dos outros. (CÍCERO, Dos Deveres, I. 04)

Tendo um discurso carregado de filosofia e uma boa retórica, Cícero demonstra como as influências dos filósofos gregos foram imprescindíveis para a formação de orador. Ele concluiu os estudos de retórica e filosofia na Grécia, pois sabia da importância que a filosofia tinha na formação de um orador e também na do cidadão.

As obras de Cícero apresentam muitas referências a esses estudos filosóficos e todas são muito bem trabalhadas no caráter pedagógico do discurso. Suas produções caminham por vários temas e são um famoso conjunto de raro valor para entendimento do contexto romano e suas perspectivas social, cultural e política, além de uma abordagem histórica de Roma.

O que Cícero difere de Platão, é que ao escrever e propôr soluções para a república romana, este escreve para uma República real, enquanto Platão escreve para uma república que ele desejava. Em todo o caso, Cícero não traz novas leis ou novas formas de governar, ele busca defender o que já se tem, reafirmando a importância da existência das leis e como não precisavam de mudanças, mas sim a execução correta destas.

Num momento de mudança, com o fim iminente da República, Cícero vê nessas leis a possibilidade de demonstrar a importância delas para manter a tradição da qual ele tanto tem apreço e o sustentáculo dos costumes dos seus antepassados, para que a República que ele

tanto queria preservar não fosse finalizada. Com isso ele busca, no contato com os deuses e com as virtudes das quais falamos no começo desse trabalho, fides e pietas, a possibilidade de estímulo a essas características que formaram o povo romano.

Cícero descreve como as leis não são, puramente, resultantes de um trabalho dos homens, mas um compromisso com a natureza e seus hábitos de existência. Os homens teriam que ter contato com a natureza e o divino, pois através desse contato eles saberiam discernir a maldade e a desonestidade. Sua carreira dentro da política foi sempre pautada por clamores em busca de derrubar conspirações, contribuir para a manutenção de uma política mais digna e em decorrência de uma sociedade com homens bons.

Cícero, portanto, tem como sua principal obstinação a obediência às leis e a tudo que a República fizesse e que para ele seria de fundamental importância na manutenção do Estado e de todas as conquistas até então adquiridas por Roma. Para Cícero a manutenção do domínio sobre os territórios conquistados e a garantia que o poder ficaria nas mãos da aristocracia estava diretamente ligada a obediência às leis.

Cícero buscava a inserção da cultura grega e o que ela tinha de melhor para ajudar na reformulação do que precisava ser aprimorado. Pois Cícero vê na sociedade e nos costumes gregos, sobretudo o contato com a filosofia, uma forma de vislumbrar melhor os problemas sociais, modernizar alguns hábitos que precisavam e, ao mesmo tempo, manter características próprias de Roma, que mantinham a sua glória. Nesse sentido ele amplia o que se entende por formação educacional e busca ampliar as áreas de conhecimento.

A nova identidade romana buscada por Cícero tem novo formato e, principalmente, está aberta à influência dessa filosofia grega, que deveria ser trabalhada por ele de forma muito profunda a ponto de se entender o quanto é importante se utilizar desses conceitos, antes vistos com tantos preconceitos por uma parte dos senadores, principalmente Catão.

Mas para isso, ele precisa de muita dedicação, pois a dedicação ao estudo da filosofia era vista de forma negativa por uma parcela de intelectuais romanos, preferindo que ao invés de filosofia os romanos se preocupassem em escrever obras em latim. Nesse contexto, Cícero percebeu que se quisesse falar sobre filosofia e ser aceito por romanos, ele devia escrever em latim.

2.5 O homem das leis

Estudou Direito, Retórica e também Filosofia tanto em Roma, quanto na Grécia. Foi educado politicamente em contato direto com o Senado e todos os grandes oradores que ali

sempre se encontravam. Ao iniciar o curso de magistratura, obteve o cargo através de eleição de Questor. Assim como Catão, estabeleceu como meta o sustento do mos maiorum, ou seja, as tradições e os valores romanos. E se dedicou a República como nenhum outro escritor romano:

Mas, quando, após arrancado o leme [das mãos] do Senado, tantas esquadras armadas pareciam prontas para atacar esta nau da República, a qual flutuava sem rumo em alto-mar, batida pela tempestade de sedições e de discórdias, se eu não fosse o único a me entregar, uma vez que se ameaçava com a proscrição, com a carnificina e com a pilhagem [...] outros odiavam a República e está estabilidade e tranquilidade dos bons cidadãos e, por causa de tantos e diversos motivos, exigiam de mim um único [sacrifício]... (Pro Sestio, cap. 20, § 46)

Cícero que era um defensor incansável da república depositou suas esperanças de dar continuidade a luta através de Otávio⁶⁵, que foi seu discípulo em todos os conhecimentos adquiridos por Cícero ao longo da vida, principalmente os de política e oratória. Mas infelizmente isso não foi o que Otávio fez, pois ele seria após um tempo um dos nomes de maior destaque para o fim do período republicano.⁶⁶

Cícero representava o que entendemos como uma nova concepção de romano, o novo espírito e condição de um povo que era extremamente expansionista e, sobretudo, buscou novas formas de dominar as culturas com maiores resultados. Sendo ele um dos principais nomes da tentativa de mesclar as culturas.

Na contramão da perspectiva de Catão, Cícero buscava ser um helenista em Roma, pois tinha paixão por todo e qualquer aspecto da cultura grega. A Roma de Cícero é diferente da de Catão no que diz respeito à inferência do helenismo e da filosofia. E como as experiências gregas foram bem aproveitadas por Cícero construindo uma conexão entre a Paidéia grega e a romana.

⁶⁵ Otávio Augusto ou Caio Júlio Octaviano César um dos mais importantes e o primeiro imperador romano nasce em Roma que viria ser a capital do Império Romano, em 23 de setembro de 63 a.C e morre em 19 de agosto de 14 d.C. Alguns historiadores descrevem o período em que ele esteve à frente do poder um dos mais prósperos no que se refere as questões econômicas e culturais. Ao morrer o Senado presta uma homenagem transformando seu tempo de vida em *Saeculum Augustum* (Século de Augusto). As conquistas de Augusto vão dar possibilidade para os próximos imperadores da dinastia chamada Julio-Claudia estabelecerem um Império forte.

⁶⁶ Em meio a uma crise de caráter econômico, escravos em revolta e diversas tensões entre os patrícios e plebeus que deram a origem a algumas divergências políticas e até mesmo regimes ditatoriais, a instituição República estava enfraquecendo, a autoridade do Senado estava reduzindo e com isso a autoridade cada vez menor. O surgimento do primeiro triunvirato, formado por Caio Júlio, Pompeu e Crasso que assumem o governo de Roma dá o primeiro passo, pois Caio Júlio toma algumas atitudes que o levam ao título de César e este assume a chefia de Roma sozinho, tomando pra si os poderes que eram divididos. A aristocracia percebeu em Júlio César uma ameaça a continuidade da República e assim ele foi assassinado em uma conspiração encabeçada por Cássio e Bruto. Nesse mesmo período se cria o segundo triunvirato, formado Caio Otávio, Lépido e Marco Antônio, porém Otávio passa a ter poderes de forma absoluta e mesmo com a manutenção de alguns órgãos da República, ele limitou os poderes deste deu fim a República, dando início ao Império.

Apesar de ser um pouco menos conservador que Catão, sua condição de camponês, membro dessa aristocracia rural, o faz ter preocupações bem próximas no sentido de manutenção dessa República e a união do que ele acreditava serem cidadãos que buscavam o bem dessa sociedade. A distância que Cícero e sua família viveram em relação a Roma e aos problemas da grande cidade os fizeram admirar ainda mais essa República e o alcance desta pela sociedade.

A república havia conservado para eles, o seu prestígio, porque, vivendo longe dos grandes centros, viam menos as suas fraquezas, e lembravam-se sempre de suas glórias passadas. Foi no meio dessas populações rústicas, retardas nas ideias, como nas maneiras, que Cícero passou a sua infância, e aí aprendeu mais o culto do passado que o conhecimento do presente. (BOISSIER, 1945, p.23)

Cícero teve uma carreira na política bem conhecida, por conta de sua oratória e sua excelente eloquência nos discursos. Assim como Catão, sempre buscou manter os chamados “homens de bem” naquela sociedade, sendo favorável a punições contra qualquer conspirador que fosse de encontro a essas questões. E essa obstinação de vida se manteve, inclusive, em seus escritos que sempre buscavam louvar a república e direcionar para que esta se mantivesse.

Seus escritos têm influência principalmente de Platão, como dito anteriormente, tendo Cícero, inclusive, usado o mesmo nome⁶⁷ das obras do pensador. Ele buscava desenvolver a natureza de cada indivíduo, pensando a educação como formadora de profissionais, mas também de homens. O que não deixava de ser um modelo de cidadão ideal, mas tinha características diferenciadas.

O uso do termo “*humanitas*” usado por Cícero descreve o que ele buscava em Roma, que se traduzia na “*paideia*” grega. Mas em alguma proporção ele ainda guarda a noção de preservar costumes e, principalmente, a sabedoria da população mais velha. Notamos isso em um dos seus discursos de sentença: “Os antigos costumes possuem o poder de Roma e sua força” (ENNIO, 1957, p.500)⁶⁸

A brevidade e a verdade desse verso fazem com que seja, para mim, um verdadeiro oráculo. Com efeito, sem nossas instituições antigas, sem nossas tradições veneradas, sem nossos singulares heróis, teria sido impossível aos mais ilustres cidadãos fundar e manter, durante tão longo tempo, o Império de nossa República.

⁶⁷ Uma das principais obras de Cícero, foi a obra *A República*, de mesmo nome da obra de Platão que se chamava *A República de Platão*. Ambos discutiram formas de se desenvolver e melhorar a instituição, a diferença é que Cícero escreve pensando numa república que já existia e visando sua manutenção.

⁶⁸ Las costumbres antiguas sostienen el poder de Roma y su fuerza (ENNIO, 1957, p.500)

Assim, antes da nossa época, vemos a força dos costumes elevar varões insignes, que por sua parte procuravam perpetuar as tradições dos seus antepassados. (CÍCERO, 1988, p.175-176)

Porém, mesmo com alguns conceitos que podem o colocar na condição de tradicionalista, notamos que Cícero se encontra em um momento onde a influência grega se tornou efetiva e, para ele, sem macular as virtudes de Roma. O pensador seria um exemplo do que podemos chamar de harmonia entre o “novo” e o “velho”, incorporado através de expressões como: *gravitas et lepos* e *gravitas cum comitate*⁶⁹.

O nascimento do direito romano também tem total relação com este novo modelo de cidadão ideal, apresentado e proposto por Cícero. O prisma idealizado pelos pensadores era de um cidadão que exercesse a justiça, que buscasse sempre cumprir as leis ou o *leges et instituta maiorum*⁷⁰ que inclusive dá destaque dentro da sociedade, no sentido de que o cidadão que caminhasse nessas condições seria motivo de destaque dentro dos grupos sociais, culturais, familiares e até mesmo políticos.

Cícero teve uma filha de nome Túlia, que morreu jovem, e um filho de nome Marco e assim, como Catão, o orador demonstrou bastante preocupação com a criação e a formação do seu herdeiro e isso é notório na obra de nome *Dos Deveres*, onde Cícero buscar aconselhar os jovens com a melhor forma de se dedicarem à vida política e como ser um cidadão que é dedicado à Roma e aos deveres que tem com ela.

Mas ele não começou a escrever no exílio ou já adulto, suas obras datam do período da sua juventude, onde ele escrevia poemas que chegaram em fragmentos até o nosso tempo, alguns cantos e trabalhos filosóficos que destacam um grande número de traduções, feitas a partir de tragédias e poemas que se tornaram épicos na Grécia, segundo Bowder (1980). Além disso, existem também as correspondências que são uma espécie de tradição dos grandes homens romanos.

Essas correspondências funcionavam como uma espécie de diário, pois além de serem escritas em diferentes horas do dia, também o eram em diferentes lugares por onde o escritor passava durante seu cotidiano. Elas não exigiam uma linguagem formal pois a intenção não era que fossem publicadas. Portanto, o estilo dessas correspondências e tudo que estava ali escrito, nos traz muita proximidade com a pessoa que escreve e Cícero escreveu muitas. Historiadores acreditam que ele tenha escrito algo em torno de 76 livros de cartas:

⁶⁹ Em uma tradução aproximada seria sempre buscar os cumprimentos das leis, guardar os costumes para ser um bom cidadão.

“Cícero escreve o que *in buccam venit* e deseja que as cartas fiquem escondidas *nequando quid emanet*, confessa ao amigo que tais escritos são desabafos feitos consigo mesmo, à guisa de monólogos, *ego tecum tamquam mecum loquo*.”

Durante sua juventude, Cícero trouxe um primeiro dos seus tratados, que não poderia ser de outra temática além da retórica e se ocupou em escrever diversas obras com foco em oratória, como este devia ser educado, como ele deveria se portar, o que ele deveria estudar além da oratória e retórica propriamente dita e tudo que mais que contribuísse para a formação de um orador que ele julgasse ser o mais adequado.

Porém, é notório que um número significativo de obras de Cícero são de cunho filosófico e demandaram boa parte dos anos em que o autor se dedicou à escrita. E isso corresponde também a admiração que Cícero tinha pelo ideal de ética construído a partir do pensamento grego, sendo para ele sempre um assunto que demandava interesse e que se fazia necessário para um bom orador.

Partindo da perspectiva educacional de Cícero, observamos que ao longo do tempo este se mostrou preocupado com educação em Roma, que surgiu no período da República e era bastante deficiente, sendo sempre voltada aos setores que dominavam a sociedade do período. O ensino era feito de forma livre e privada, o que incomodava Cícero (LIVRO IV, VERSO II) como ele mesmo descreve em sua obra:

De que modo se procurou assegurar aos cidadãos uma vida pura e honesta na sociedade, vida que é sua primeira causa, e o que os indivíduos da República, devem esperar das instituições e das leis. Pelo que se refere ao princípio de educação das crianças de condição livre, em que tantas vezes se frustraram os trabalhos assíduos dos gregos, e ponto em que nosso hospede Políbio acusa as nossas instituições de negligencia, não se quis que se fixasse pelas leis, nem que fosse público o ensino, nem que para todos fosse o mesmo.

Outra característica que toma força através de Cícero e tem alcance até hoje é o que chamamos de *humanitas*, que corresponde a esse novo momento da educação onde, inspirada na Paidéia Grega, traz novas perspectivas à educação. Fazendo esta pensar em coisas como cultura, espírito e a humanidade propriamente dita e o que corresponde ao ser humano, sendo essa fase da educação romana explicada através de uma espécie de hibridismo com a cultura helenística.

A *humanitas* se mostra então um processo de formação mais envolvido com a humanidade propriamente dita, de aspecto relativo a educação e cultura em Roma. A principio se deu de forma bastante limitada, apenas no estudo das letras e não das ciências, buscando a formação dos romanos com base em uma perspectiva idealizada pela aristocracia, para

educação dos aristocratas que seriam educados através das leis de Roma e suas tradições. (MELO, 2008)

O nascimento da *humanitas* esteve sempre atrelada aos valores e virtudes que os romanos concebiam como importantes para resguardar os preceitos que a aristocracia romana, tais como a religião, a piedade e a *fides*. Sendo assim um mecanismo de educação que sofria com algumas deficiências, pois o saber seria bastante fechado às necessidades dos mais abastados. E nesse contexto que Cícero entra, pois ele se incomodava com essa limitação da *humanitas*.

Munido dessa vontade Cícero busca promover uma renovação na *humanitas*, a fim de formar oradores que soubessem mais que falar, oradores que tivessem a capacidade de ter saberes distintos e alguns que ele descreve como fundamentais, na busca por uma melhoria do corpo de oradores. Diante disso, ele irá buscar uma valorização dessa educação pois um orador que não tivesse noção da sua intersecção na continuidade da República, viria a contribuir com a derrocada desta.

Baseado nisso, a República ganha apoio na *Humanitas* quando Cícero discorre sobre a importância e a necessidade de se ter um orador que vá contribuir para fundamentar o regime político em questão com base em discursos ricos culturalmente, educacionalmente e que sejam capazes de promover os preceitos base e a cidadania romana. (MELO, 2008, p. 12)

Nesse aspecto, a educação sempre foi vista essencialmente de maneira prática e voltada para a formação do bom cidadão, mas com Cícero incorpora a importância de se pensar também de maneira filosófica, de formar cidadãos que tenham a filosofia, assim como os gregos, como algo muito importante.

É de extrema relevância destacar que o momento em que se encontra a República romana é de fragilidade, envolta em crises na política e em meio a uma cascata de transformações nos costumes e na tentativa de melhorar esse cenário. Cícero busca na necessidade dos oradores ali formados serem mais atentos ao que ouvem e o que falam para então contribuírem na estruturação da República e por conseguinte a conservação da *humanitas*.

E ninguém melhor do que Cícero, que dedicou anos de sua vida ao estudo dessa temática para querer que esta fosse incorporada com a devida importância na educação romana. Para ele a educação de forma integral necessitava, além da formação de viés jurídico, a aprendizagem e possibilidade de argumentar filosoficamente, visando o desenvolvimento do contexto teatral e também o literário, que eram extremamente importantes no discurso.

Nesse sentido, desde os tempos de Catão essa inserção já estava em andamento, porém com muito mais resistência por parte de alguns grandes nomes e alguns segmentos da sociedade que viam perigo nesse contato com os territórios, o grego principalmente. Porém, como o modelo ideal para Cícero era o do orador e para ele o orador devia ser aquele sujeito que tivesse uma formação que agregasse diversos saberes, sobretudo o filosófico, era inevitável o contato com outras culturas.

Partindo desse ponto, é notório o entendimento que Cícero dá a uma nova perspectiva de se produzir conhecimento, a partir da sua luta por transformar aquela educação, que na percepção dele era limitada, em uma muito muito mais abrangente e que iria muito além de apenas dominar o uso da palavra, mas apropriando-se da compreensão do sentido profundo do que se estava falando.

O modelo de Cícero, então, consiste em uma mescla do que seriam aqueles conteúdos práticos e já adotados anteriormente e a inserção de novos que contribuiriam para a formação mais ampla, uma cultura mais universalizada que formaria oradores que iam ter além de eloquência ao falar, conhecimento para possíveis argumentações, tendo assim um orador com possibilidade de falar sobre os mais diversos temas, como a história, que para Cícero se mostra deficiente na educação romana.

E para ele a deficiência na educação não está somente nesse aspecto. As principais falhas estão no modo de inserção de temáticas que envolvem um conhecimento filosófico. Pois estes são sempre deixados de lado na formação oferecida pelas escolas em Roma. Fazendo com que Cícero aponte um modelo que iria ligar a prática romana com os preceitos da cultura grega, promovendo uma formação mais completa.

Existia uma espécie de ineficiência no ato de desenvolver os jovens que tinham capacidade para serem exímios oradores. Os métodos usados por essas escolas eram de níveis iniciais e abordavam assuntos muito simplórios, o que estava muito longe da excelência que a oratória exigia. Não existia um aproveitamento das capacidades individuais e aptidões de cada aluno.

O estudo da história feito pelos *grammaticus* tinha como resultado para os alunos um panorama geral do que tinha acontecido, mas não fazia estes entenderem realmente os meandros de sua própria história. O que confere uma grande contradição, tendo em vista que Roma dá uma importância singular as tradições e aos costumes, partindo desse ponto é difícil compreender como sua própria história era trabalhada assim, de forma tão limitada e sem aprofundamento. (DOBSON, 2007)

Pereira (2007) aborda que para Cícero, que era um grande conhecedor da história, se torna mais agravante ainda o problema por conta de seu papel como um dos principais escritores do seu tempo que se utilizaram do conhecimento da história para entender, por exemplo, a importância da jurisprudência, através dos diálogos e comparações entre Crasso e Antônio⁷¹ que Cícero traz na sua obra *Sobre o orador*. Foi se debruçando sobre a história de Roma que ele entendeu a importância de muitas características para sua formação: “[...] entre muitos outros costumes sabiamente estabelecidos por nossos antepassados, a ciência e a interpretação do direito foram sempre honrosos ”

O grande destaque de Cícero no contexto educacional romano talvez tenha sido a importância incontestável dada pelo orador a construção de um cidadão apto a exercer suas funções para com o Estado, seja como orador, seja como político ou militar. (KOESTER, 2005). Cícero soube adaptar o mecanismo de ensino desenvolvido na Grécia e trazido para a Roma de forma que ele se fundisse aos costumes dos romanos sem muitos problemas de assimilação.

Cícero, portanto, é o modelo de quem melhor se aprofundou e obteve conhecimento da cultura da Grécia, influenciando diretamente o processo de construção do saber dos romanos desse conteúdo. Ele tentou e de certa forma conseguiu atrelar o pensamento crítico do grego ao prático do romano. Nesse sentido é considerado como um canal que realiza comunicação simultânea entre o pensamento romano e o pensamento grego de forma eximia, podendo transmitir e direcionar isso na sociedade. (NOUGUÉ, 2005, IX)

A partir de Cícero, a sociedade romana teve a oportunidade de se aprofundar em um debate que era necessário para abrir os horizontes para a importância de uma intelectualidade no desenvolvimento tanto do processo educacional quanto das práticas do dia a dia: “Pois nunca direi que em tudo isto não seja parte que são especificamente daqueles que tem posto todo seu empenho em conhecer e desenvolver todos estes temas, mas o orador completo e perfeito é aquele capaz de falar sobre todos os assuntos de maneira variada e abundante. ” (CÍCERO, *Sobre o Orador*, I, 59).

O homem que passasse por estudos que o fizessem ter a habilidade dos conhecimentos práticos e a consistência dos conhecimentos teóricos para fundamentar seus

⁷¹ Ao longo de toda obra Cícero comenta como os dois autores discursam e são importantes modelos no que se refere ao uso da história, filosofia e um bom discurso. Os dois compreendem a importância da eloquência nos mais diversos assuntos, inclusive a arte na construção da fala dos oradores. Os dois concordam ainda como o direito deve ser colocado nos seus discursos e ser aprendido pelos mestres da retórica, porém Crasso defende com mais afinco o Direito e Antônio prioriza a história.

discursos e tornar possível o uso da retórica abrangente em qualquer temática este, para Cícero, teria como resultado uma boa aplicabilidade da educação romana. Então somente uma formação equilibrada daria consistência ao seu projeto de “homem ideal”, um orador e um cidadão necessário a República Romana.

2.6 Sobre as obras de Cícero

As obras escolhidas como fonte em se tratando de Cícero são os livros: *Da Republica* e *Das Leis* que assim como o caso das obras de Catão não são direcionados a educação de forma exclusiva mas, trabalham com a formação de cidadãos ditos ideais, dentro dos moldes que este pensou como um bom romano, que daría continuidade a república.

A obra *Da Republica* que pode ser tratada com um tratado político filosófico discorre em versos sobre a dinâmica da República e principalmente sobre o período referente à crise que se instaurou naquele território. Acredita-se que a obra de Cícero tenha sido produzida em torno de 51 a.C. Cícero estava a frente do partido do Senado e se movimentava intensamente dentro da política romana. Cícero lia as situações que presenciava e comentava a partir de suas análises.

Partindo desse ponto é importante destacar que a obra está escrita em diálogos entre algumas personalidades⁷² importantes do período conversando entre si, incluindo Cícero⁷³. A obra conta com seis livros com diversas discussões a respeito dos mais variados assuntos já que a conversa flui de forma natural entre os participantes, ainda que em muitas vezes ela vá além do coloquial e misture com acontecimentos da história, sendo o primeiro livro destacadamente político.

Assim como Catão, Cícero sempre parece querer buscar e tornar viva, novamente, uma Roma que para ele passou por algumas mudanças que em nada contribuíram para a manutenção do regime da época e da formação do romano. Seus escritos estão sempre valorizando o homem oriundo do contexto agrário e que entende as necessidades camponesas.

⁷² Cipião Emiliano, Q. Tuberão, L. Fúrio Filo, P. Rutílio, L. Filão, Lélío Menor, Espúrio Múmio, C. Fânio, Quinto Múcio Cévola e M. Manílio.

⁷³ Cícero aparece em sua obra através do *alter ego* Cipião Emiliano que representa um modelo de cidadão idela com virtudes e demandas do romano que fora idealizado por ele e por outros participantes dessa sociedade. Cipião é descrito como um político muito habilidoso, que sempre busca no passado romano suas inspirações para ser um sábio, sendo deles as falas mais basilares sobre os mecanismos de Roma, dando inclusive formas de solucionar os problemas do período.

O romano que valorizava e entendia o trabalho no campo e todas as suas dificuldades, esse sim, para ele, era um homem virtuoso e de caráter. Um homem que contava com essas características, somadas a uma devoção para com a pátria e seus interesses. Existe uma preocupação ainda com o processo expansionista romano e por isso era necessário recorrer ao passado honroso de Roma.

Cícero comenta ainda com certo saudosismo que o período em que o Estado se encontrava, sob diligência de romanos que honravam suas virtudes, algo que não acontecia mais nesse novo momento de Roma. Na obra Cícero vai além e defende a idealização de um modelo político que equilibrasse o povo e os aristocratas, como um bom orador que é, a construção da obra se dá através de um diálogo com o leitor.

Através da fala de Cipião Emiliano que seria seu *alter ego* ele constrói sua leitura, demonstrando o qual incipiente são as doutrinas vindas da Grécia e que estas precisam ser aprimoradas por homens da política, de preferência romanos. Cipião analisa a visão de Cícero como uma fórmula para a manutenção da República que estava enfraquecida. Sendo seguida pelas opiniões dos outros participantes do diálogo.

Tendo como o tema central a República, ele constrói o regime como uma sistematização que além de base política, possui também base jurídica e é feita em prol do bem comum daquele grupo social. Na leitura do texto é possível perceber a influência de Platão na obra e a busca pelo alcance do entendimento dos três regimes: monarquia, aristocracia e democracia. Voltando o olhar ao passado para buscar respostas aos anseios e soluções para crises no Estado:

Durante a História de Roma e, sobretudo, em tempos de crise, estadistas romanos buscavam espelhar-se nos antigos costumes de um passado saudosista, onde imaginavam encontrar respostas para os momentos de dificuldades. No caso de finais da república (séc. I a.C.) o território romano passa por uma grande crise econômica e social que desencadeou revoltas oriundas de um panorama socioeconômico de miséria e instabilidade política, consequências advindas das guerras civis. Se pensarmos a cidade de Roma enquanto modelo urbano e administrativo, ao longo de sete séculos, a crise verificada em meados do séc. I a.C. apresenta-se não como uma mudança, mas como um processo de reformulação da grandiosidade de um império em ascensão. (TOLFO, 2017, p. 149).

O orador se utiliza de muitas teorias de Políbio, pois este sempre procura demonstrar as qualidades das instituições de Roma e como estas conseguiram alguns avanços dentro da sociedade, porém sem deixar de comentar como com o passar do tempo a República precisava de algumas adaptações para sua melhoria, pois estava sendo desvirtuada pelo excessos e falta de moralização do povo romano.

A perspectiva discutida antes por Catão e por Cícero do romano ideal, aquele que dá valor a pátria e vê no sacrifício por esta um ideal de bem comum, sempre disposto a amar Roma antes de tudo, sendo essa a principal virtude que levaria a harmonia do Estado. E a perda dessa virtude no dia-a-dia romano tem sido comum e vem trazendo problemas para aquele território. Mas isso para Cícero também era um problema do próprio romano que perdeu essa responsabilidade moral com sua pátria

Já a obra “Das Leis” ou “Sobre as Leis” datada do século 51 e 43 a.C. pode ser descrita como livro complementar a ao Da República e nele Cícero demonstra a construção de da sua própria interpretação sobre as leis e inclusive justifica a existência de algumas leis em Roma, essa obra contou com cinco livros mas apenas somente três livros chegaram a nós em sua totalidade.

O livro também esta em formato de diálogo e nele Cícero estabelece uma conversa com Quinto que é seu irmão e Ático que é seu amigo, ao receber a visita destes em sua casa eles trocam ideais sobre as leis e como estas eram importantes para a manutenção das práticas religiosas e, principalmente do poder do Senado em Roma visto às mudanças que a expansão estava trazendo para o território.

O momento em que Cícero escreve essa obra denota uma grande momento na história de Roma, que passava de cidade-Estado para Cosmópolis, deixando de ser uma cidade pequena de caráter independente para uma enorme extensão territorial que viria a ser o Império. (CARDOSO, 1987, p. 80). O que Cícero busca é que algumas leis continuem a existir, visando principalmente a manutenção do regime governamental da República.

Para Cícero, a lei não era algo natural ao homem e sim uma obrigação que derivava da natureza. O contato do homem com a natureza, faria com que este soubesse se relacionar em sociedade, agir da forma mais adequada e em boa relação com as divindades. A partir da relação do homem com a natureza ele ia entender como ser um bom homem e se distanciar da maldade. (Das Leis, I, 6-7)

Nesse sentido, a relação entre os homens e as leis pautam não só o bem estar social na comunidade romana, mas também o bem estar entre os homens e os deuses. Dada a ideia de que os homens quando dividem leis e direitos se percebem como pertencentes a uma mesma comunidade. E esse sentido de pertencimento favorece ao homem cumprir com seus direitos e deveres, tanto terrenos quanto divinos. (Das Leis, I, 7)

O cenário de mudanças pelo qual Roma estava passando e a proximidade com o fim da República faz com que Cícero fortaleça ainda mais seus comentários sobre o quão é importante manter os costumes e as tradições dos antepassados romanos. O principal objetivo

dessa manutenção como também já comentamos era garantir a permanência da República como regime governamental.

Era necessário, um estímulo para a conservação desses costumes, em frente às mudanças pelas quais as tradições estavam passando. A aristocracia romana estava modificando certas práticas com luxo em demasia e ostentação de poder e riqueza e esquecendo em que se baseavam, sejam de caráter religioso, económico ou social. Nesse contexto, as leis davam norte para manter o Estado estável e coeso. (Das Leis, II, 10, 11, 12)

Ainda sobre a necessidade de que povo respeitasse seus deveres, Cícero comenta sobre a importância do respeito dos romanos aos membros do Senado, pois para ele a instituição e seus membros dada a importância que o orador dava a funcionamento adequado dos setores que permitem que a República se mantenha. Destacando que esse regime devia estar sempre sob controle da aristocracia. (Das Leis, III, 3-4)

Destacamos ainda, a preocupação de Cícero com a questão educacional, haja visto ele destacar que um bom funcionamento dos setores das leis e homens que cumprissem com seus deveres serviram de exemplo para aqueles que seriam o futuro. É importante deixar a República nas mãos de quem estivesse preparado para tal responsabilidade, pois a República que fosse a melhor de todas tinha que estar sob o poder dos melhores cidadãos. (Das Leis, III, 17)

2.7 Pensando as diferenças e similitudes entre os modelos educacionais romanos

Ao longo do trabalho destacamos duas correntes específicas dentro da educação romana referente à República, pois entendemos estes como expoentes que nos fornecem características o suficiente para estabelecermos uma análise comparada de como fatores externos à educação propriamente dita e como estes fatores irão influenciar o modo com ela será desenvolvida com os jovens romanos.

Esses fatores podem estar ligados também aos grandes nomes do período, assim como podemos afirmar diante da possibilidade de mudança na educação a partir de métodos fornecidos por essas personalidades. Eles ultrapassaram as barreiras da política e apresentaram concepções educacionais de formação do cidadão ideal.

É importante destacar que a modernidade se encarregou de partilhar a sociedade em pequenas caixas que dividem as questões de cunho cultural, social e político. No entanto, no mundo antigo essas características funcionam de forma interligada e em harmonia. Tanto

Cícero como Catão entendem muito bem que a educação pode fazer parte de um projeto maior de formação dos romanos e continuidade de um sistema que estava forte.

Líderes romanos como eles tinham seus objetivos bem definidos no sentido de formação das crianças e jovens, demonstrando que as bases da educação tinham de forma irrevogável os valores e tradições vindas desde a monarquia, nas origens etruscas e, porque não dizer, camponesas. A educação ligava-se às virtudes do campo, pois essa era sua origem. (MARROU, 1990, p.369)

[...] a educação romana não tinha como objetivo mudanças resultantes em cultivo ou refinamento, mas sim a permanência dos costumes: o *mos maiorum* tinha a condição de estatuto. Tal característica decorria do fato de que, para os romanos, o passado tinha um caráter de sagrado [...] (MELO, 2008, p. 190)

Nesse capítulo em específico tratamos, inicialmente, acerca de cada um, primeiramente Catão e depois Cícero e depois seus contextos em Roma, os grupos de pertencimento destes desde a infância e como se desenvolveram até virarem grandes nomes da produção latina, da política e do cenário romano em geral. A partir de então vamos estabelecer onde os pensamentos dos dois se encontram e divergem.

Pensando esses dois modelos da educação romana, tanto de Catão quanto de Cícero, percebemos como a construção de um cidadão ideal sempre permeou o objetivo educacional romano e do que esta buscava. A partir das transformações que Roma passou e provocou ao longo do período Republicano com as guerras de expansão, fica evidente as diferenças basilares entre as duas perspectivas educacionais.

Um importante ponto de singularidade entre os dois modos de condução de um cidadão era a construção de uma admiração e de uma vontade de se conservar as tradições de Roma a partir do *mos maiorum*. Cícero e Catão vêem o respeito às tradições dos antepassados, a boa conduta perante as leis romanas e a servidão à pátria como um sinal de um cidadão idealizado por eles ao escreverem suas obras, sempre colocando essas características como positivas.

Frente ao personalismo grego, firmou-se entre os romanos um marcado espírito conservador e um notável apego à tradição, cristalizando-se principalmente, um comportamento reverente para com os costumes e a sabedoria dos mais velhos (MELO, 2006, p.3)

Suas obras, que muitas das vezes serviam como manuais para conduta da vida em sociedade, destacavam sempre a importância de se salvaguardar tradições que tornaram Roma

a potência que eles conheciam e queriam manter. Cada um ao seu modo e guardada as devidas proporções, ambos mantêm o conservadorismo em algumas atitudes em relação à formação daqueles que seriam a sociedade romana e dariam continuidade a expansão.

A *Humanitas*, ou melhor, o Humanismo Romano estava buscando empregar uma educação onde o cidadão seria mais voltado ao outro, podendo ser útil e até mais simpático e Cícero afirma isso na obra *Pro Roscio*, onde ele diz que o ser humano precisa ser mais cordial, mais delicado, solidário e sobretudo mais culto, lembrando que esse culto e a cultura que Cícero descreve seria a tentativa de aproximação da Paidéia grega. (CIRIBELLI, 2006)

O contato entre as duas formas de educar e viver e a forma com que a *Humanitas* foi influenciada pela Paidéia grega, reage ao período de transformação no qual Roma está inserida, sobretudo pela conquista da Grécia. Havia necessidade de transmissão de conteúdos para além dos vistos como essencialmente práticos, pois existiam novas demandas sociais.

Diferente de Catão, Cícero tem nas mãos uma fase onde o homem ideal ganha uma nova forma de ser pensado pela educação romana. Esse humanismo pode ser identificado como uma construção de três autores, que foram eles: Marco Porcio Catão, Marco Terêncio Varrão⁷⁴ e Marco Túlio Cícero. Os três creditavam pouca confiabilidade a execução da educação romana, pois estava precisava se adequar a uma compreensão um pouco mais embasada dos valores e tradições culturais romanos para que não fossem perdidos ao longo do tempo. (MONTEAGUDO, 2002).

Para entender essa resistência de Catão ao helenismo é preciso inseri-lo em seu tempo, dada a forma com que esses romanos mais velhos lidavam com os costumes e a moral. Para esses, os gregos representavam um território que tinha uma vida sem responsabilidades, permissiva, promíscua e isso era traduzido em tudo que eles produzissem, seja no contexto literário e todos os outros contextos.

Ao passar do tempo e da corrida no avanço do que se convencionou chamar de helenização dos costumes e da cultura romana, o percurso não poderia ser muito diferente. As mudanças vinham aos poucos se incorporando em todos os meandros da sociedade e dando tom a nova forma de se conceber um cidadão em seu processo de formação através da educação.

Percebe-se essas similitudes de alguns conceitos quando lemos a obra de Cícero e este em diversos pontos cita Catão como um exemplo a ser seguido, inclusive escrevendo um

⁷⁴ Foi um filósofo e um antiquário em Roma, escreveu em torno de quinhentas obras, mas apenas uma ainda está completa. Foi usado como material para pesquisa por vários eruditos, porém não tinha muita originalidade. Sua contribuição estava na transposição da filosofia grega para os moldes latinos.

tratado com o tema sobre a velhice, que ele intitulou de: *Catão, o Velho ou Diálogo sobre a velhice*. E nesse tratado ele destaca a honrosa carreira de Catão e como este sempre dedicou sua vida a defender os costumes romanos.

Cícero descreve que a real felicidade está presente no homem que honra suas responsabilidades em relação a sua pátria e que age com sabedoria no cumprimento dessas responsabilidades, procurando sempre agir com virtude e vivendo uma vida pautada em honestidade. E completa, afirmando que a integridade do homem deve continuar no âmbito privado.

Kury (2004) aponta como Cícero se preocupou em escrever sobre Catão e suas atitudes para a preservação em um período da sua vida onde o mesmo estava no auge dessa função pois, como sabemos, já no fim da vida Catão cede aos estudos da cultura grega. O contexto em que Cícero escreve esse tratado também diz muito sobre o período, pois a República está desmoronando sob a direção de César e ao escrever a obra este retoma virtudes que estão sendo esquecidas. (ALCANTÁRA, 2013).

De qualquer modo, a locação temporal do diálogo não foi feita ao acaso. Ao contrário, foi cuidadosamente escolhida, servindo à perfeição aos propósitos de Cícero. Até a queda de Cartago, a austeridade, o patriotismo e a moralidade foi o traço dominante do homem público romano [...] a decadência moral do Império Romano e corrupção infiltrou-se abertamente na política e nos costumes da República. Iniciou-se a época do desfrute. (KURY, 2004)

Assim como Catão, Cícero tece elogios a vida que foi dedicada ao trabalho até os dias da velhice e ambos admiram essa prática, tanto no que se refere aos homens que se voltaram a vida pública, quanto aos que se estabeleceram durante a vida toda no meio rural, dessa forma nivelando as atividades de caráter agrícola às atividades de magistraturas. O próprio Catão representou a mistura entre o homem político e o homem rural que cuidava de suas terras.

Volto, porém, a falar de mim: tenho oitenta e quatro anos e quisera gabar-me como Ciro. Apesar disso, bem posso dizer que mesmo não tendo as mesmas forças de quando soldado na Primeira Guerra Púnica, ou, a seguir como Questor, ou quando foi Cônsul na Espanha, ou, quatro anos após, quando lutava em Termópilas, como Tribuno Militar [...] de qualquer modo, ninguém me encontrou desocupado, quando me procurou para prorear. (DS X, 32).

A principal quebra de proximidade se dá em como cada um reage a intersecção de costumes de outros povos, pois Catão assume uma postura totalmente fechada a qualquer inferência grega, sempre motivado por uma possível diluição de tudo de positivo que Roma

havia construído. Já Cícero, que desde cedo percebe que esse contanto o fará um político e um orador mais completo, trabalha na mescla das culturas, com limitações para que isso não alterasse o âmago do que é ser romano.

Um exemplo da inserção de conceitos gregos em Roma se vê através da filosofia estóica que influencia bastante alguns pensadores romanos, com destaque para Cícero que fora aluno de escolas platônicas e se envolveu profundamente na inserção desse estoicismo na mentalidade dos romanos, principalmente no período republicano. Porém, esse estoicismo, assim como dissemos anteriormente, segue características que o mantinham de certa forma fiel ao contexto romano.

Para Bailey (1992, p. 227) o estoicismo romano é formado por uma filosofia tradicional baseada na ética tradicionalista, tendo como virtude o conhecimento e buscando o mínimo número de erros no homem sábio. E um bom homem romano e sábio sempre será um representante de virtudes fundamentais, que são elas: a moderação, a sabedoria, a justiça e a coragem.

Destaca-se como principal ponto do debate o contato e, por conseguinte, a influência de tendências gregas na cultura de Roma. Mas nota-se que isso gerou discussões que demonstravam a resistência de uma parte da sociedade do período. A maior prova dessa resistência se dá quando algumas escolas de retórica latina, fundadas por Lucius Plocius Gallus⁷⁵, foram fechadas por Censores através de um Édito⁷⁶ por serem alheios ao que era tradicional e costume das gerações passadas, já que os mestres não tinham representação na hierarquia social, podendo causar estragos na moral. (SILVEIRA, 2002, p.7)

Alguns métodos de proteção aos costumes romanos foram criados para que a interferência da cultura grega não maculasse e sobrepujasse essa memória viva. Se buscou usar o latim ao invés do grego para, de certa forma, resistir ao helenismo, preservando a identidade romana. E Cícero foi um dos que utilizou o latim para falar de retórica em Roma como já comentamos anteriormente, dando assim um tom de romano ao que vinha da Grécia. O projeto educacional precisa ter atenção especial pois os frutos serão colhidos no futuro já dizia Sêneca. (SÊNECA, 1991, p.431)

Como Catão e Cícero escreveram suas obras em latim, os dois contribuíram para a profusão do vocabulário latino, ainda que no caso de Cícero, de caráter filosófico e também se

⁷⁵ Lúcio Plocio Galo nasce em 88 a.C., é considerado o primeiro reitor romano que fundou uma escola de retórica e eloquência em latim. Cícero teria tido suas primeiras aulas de retórica nessa escola, mas ela foi fechada pelos censores Gneo Domicio Ahenobarbo e Lucio Licínio Crassus.

⁷⁶ Documento de caráter proclamatório que determina algo por autoridades romanas.

tornaram importantes fontes de pesquisa para o entendimento do pensamento da antiguidade romana.

A educação romana tinha como principal diferença em relação à grega, a faceta cívica e até mesmo bastante religiosa. Para os romanos, todo o sucesso que eles conseguiram até a formação do império vem do amor a Roma e do respeito e total devoção aos deuses, ensinado nas escolas. O projeto educacional prático visa, portanto, uma formação basicamente de valores morais e éticos a partir do cotidiano do cidadão e de suas obrigações com Roma. Henri-Irénée Marrou descreve a educação romana até os tempos do império:

[...] o ideal de Roma imperial não está limitado aos valores propriamente políticos: a justiça, a ordem e a paz não constituem, a seus olhos, um fim: são apenas meios que permitem aos homens viverem em segurança, em abundância, no lazer, ou seja, na felicidade, esta felicidade que, aos olhos de todos os pensadores helenísticos, representava o supremo valor, a razão de viver da humanidade. (MARROU, 1990, p.448)

Os momentos e os espaços da República onde os dois viveram também dizem muito sobre a diferença entre estes, haja vista que Catão estava em contato com a aristocracia da cidade desde muito tempo e Cícero, que nasceu e cresceu em uma região distante, precisou se estabelecer através de seu discurso e seus estudos. Ele construiu uma base de estudo sólida para que seu nome fosse respeitado apesar de sua origem pouco reconhecida dentro do grupo de patrícios.

Catão que queria uma Roma forte, um exército poderoso e que dominasse de forma singular, vai de encontro a Cícero quando ele busca fortalecer oradores que sabiam discursar sobre tudo formando, assim, jovens com estudos muito mais amplos e diversos que a simples educação que Catão via como positiva e que era, na verdade, bastante limitada pois louvava apenas o estudo dos conhecimentos práticos.

Desta forma, pensamos que o debate sobre essas mudanças se configura em algo relacionado a diversos aspectos do decorrer da caminhada dessa “república monarquista” e isso envolve, até mesmo, o projeto expansionista do território romano, pois percebemos que os primeiros anos da república são cenário de cônsules e generais extremamente receosos de qualquer intervenção de povos estrangeiros e isso afetava diretamente a concepção de educação e na República tardia onde a dominação se dá de forma mais flexível e era suscetível a aceitar costumes e tradições dos povos dos territórios dominados.

Por exemplo, Catão representa muito bem a característica de salvaguardar as particularidades romanas, uma certa identidade que ele associava a uma não intervenção de

costumes estrangeiros, inclusive expulsando membros do senado que promovessem algum tipo de intervenção que envolvesse ideias ou mentalidades que não fossem oriundas do povo de Roma.

Já Cícero busca influenciar a sociedade, a educação e o senado com sua ambição em ser um orador e um político que buscava nas influências gregas os melhores exemplos do que deu certo, a partir dos seus estudos platônicos, por exemplo e o mais próximo disso, ou seja, indo de encontro a toda e qualquer barreira antes construída para evitar o contato ou a imersão em valores e costumes gregos.

Portanto, o que notamos na educação romana é que o modelo de cidadão ideal que é representando aqui por esses dois nomes extremamente significativos na história de Roma, Catão e Cícero, nos fazem refletir acerca do contexto político e cultural e como este tem influência direta no formato de cidadão buscado na educação desenvolvida na república. É importante destacar que apesar de Roma ter conquistado tantos territórios e submetido tantas culturas, ela não saiu ileso desse contato com os estrangeiros.

Os romanos mudam, mas Roma também muda profundamente, pois a educação vai formar novas elites que irão se ligar a esse império que está em formação, mas também irão se ligar ao mundo exterior além dos muros romanos, trazendo um caldeirão de costumes e tradições que inevitavelmente irão refletir na educação e os modelos que estas buscavam. Essas elites que tiveram contato com os gregos sentem a necessidade de serem como o povo dominado.

Esse cenário se dá porque a troca existente entre os povos a partir da dominação vai muito além de trocas comerciais e métodos de manutenção da obediência. Existe, sobretudo, uma troca de cultura e hábitos a partir do contato entre os povos. Quando um território era dominado por Roma, esta muitas das vezes assumia sua religião por ser um povo supersticioso assumia seus costumes por ser uma forma de submissão mais produtiva do que a violência.

Nesse sentido, a educação que chegou ao fim da república irá se transformar mais ainda no império e denotou o momento em que Roma estava, em uma congruência de povos e diferentes culturas que, por conseguinte, influenciou nos mais diversos campos, inclusive na educação como demonstramos ao longo dos capítulos anteriores e através das obras dos autores que escolhemos para compor esse texto.

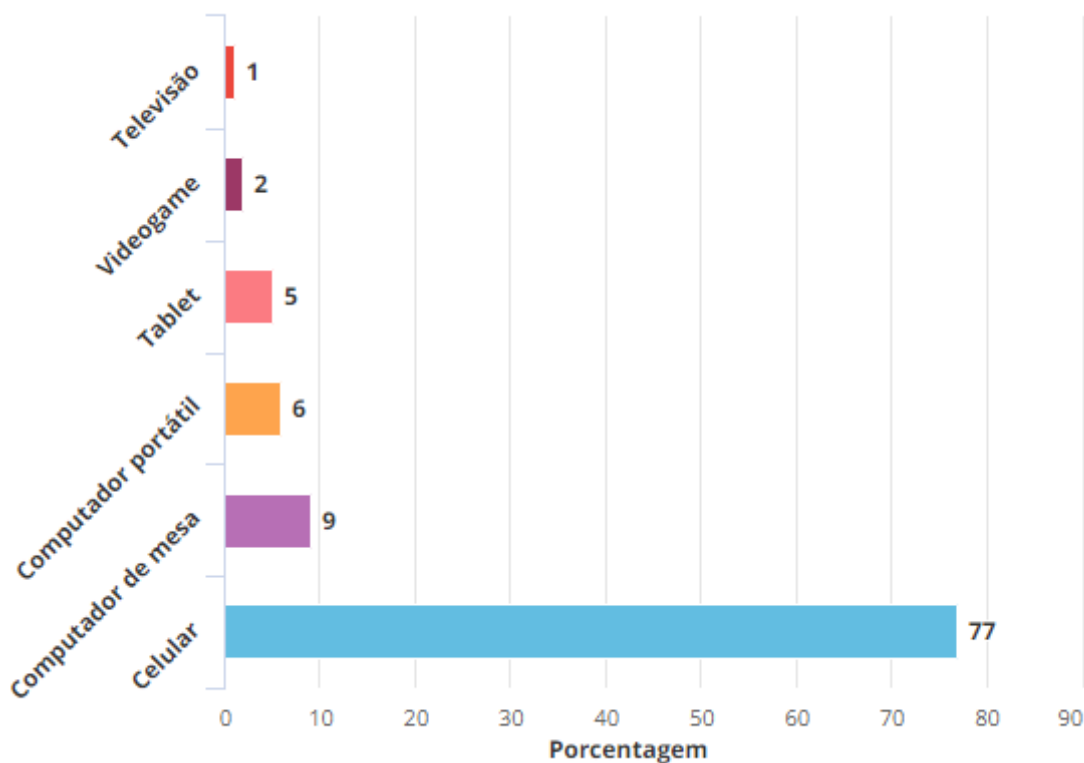
CAPÍTULO 3 -CONSTRUINDO UM APLICATIVO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA REPÚBLICA ROMANA

3.1 O uso dos aparatos tecnológicos no cotidiano escolar

O uso dos aparelhos celulares cresceu de forma bastante significativa ao longo dos anos, tendo um aumento bastante profícuo juntamente com o aumento do número de usuários, que encontram diversos tipos de modelos no mercado, uma certa diminuição nos valores para a aquisição destes, o advento da internet e a facilidade da transmissão rápida de mensagens.

Os telefones celulares com acesso a internet mudaram a concepção e a dinâmica de acesso a toda uma gama de informações e principalmente na rapidez de chegada a elas. O uso destes aparelhos é constante no dia a dia das pessoas e essa realidade é vista nos mais diversos lugares, principalmente em sala de aula, onde grande parte dos alunos possui.

Gráfico 1 - Professores que usam a internet pelo celular



Em se tratando do aparelho celular, o uso deste não se limita apenas ao seu mecanismo de informações através da internet, mas também como uma ferramenta que pode auxiliar no sentido utilitário de apresentar os conteúdos, lembrar datas das provas, trabalhos, aplicativos com testes, podcasts, entre outros que funcionem de forma offline para facilitar o uso e mais diversos usos que o aparelho celular pode fornecer para o usuário.

A ideia de tecnologia nos remete aos conhecimentos que favorecem a construção de objetos, dos mais variados e que irão produzir mudanças no contexto onde ela foi implementada. Além de trazer situações novas que procuram resolver problemas do cotidiano da sociedade de acordo com a necessidade dos indivíduos. Por isso a necessidade de trazer os aparatos tecnológicos para a sala de aula.

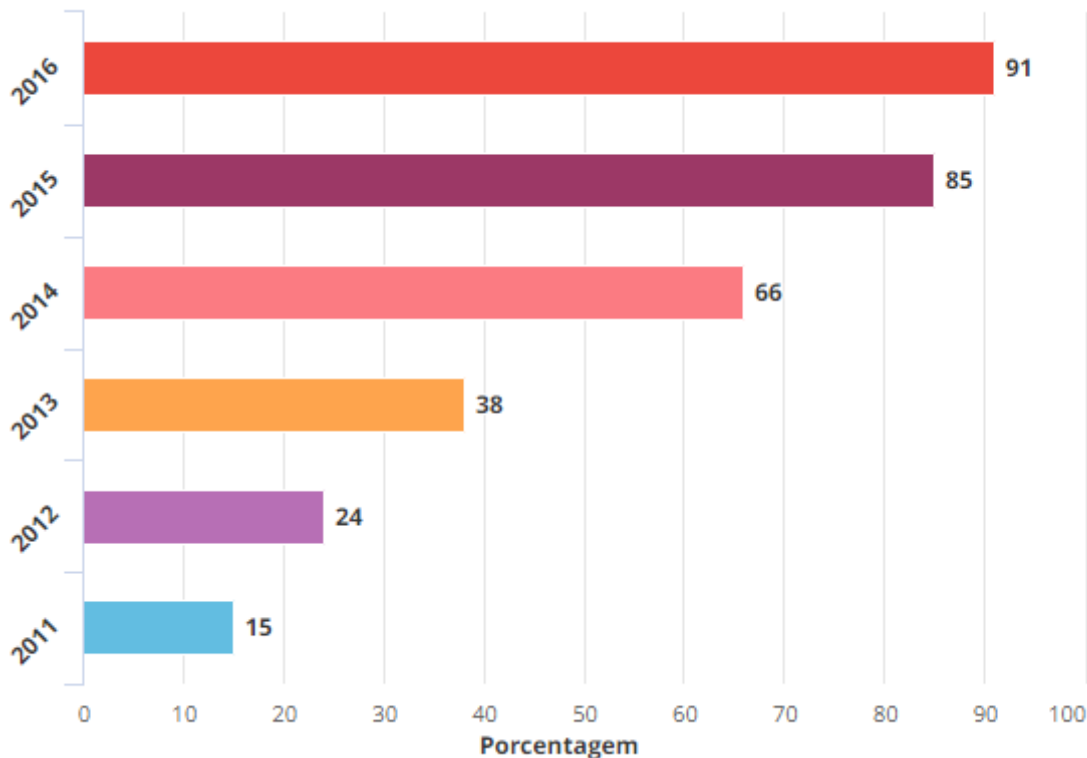
Outra importante questão a se considerar é que a geração de adolescentes inseridos nesta conjuntura tecnológica, demandam por aulas que fujam do tradicional, sendo mais dinâmicas e trazendo o modo como eles estão habituados a buscar informação em seu cotidiano, estudando com auxílio das tecnologias.

O acesso a internet e a comunicação, em geral, evolui em fluxo constante de transformações, o que gera interações e conexões diferentes com tudo que absorvemos através da aprendizagem diária. E essas transformações são sentidas quando se percebe que o uso do quadro magnético, o lápis e o livro não são mais suficientes para se ter a atenção dos alunos e, principalmente, alcançar o objetivo primordial que é o ensino/aprendizagem.

Nesse sentido, a importância de incorporar aparelhos como os celulares no cotidiano escolar se liga a uma questão bastante importante que seria demonstrar aos alunos uma forma de utilizar esses aparelhos em prol da educação. Fazendo com que esses alunos os utilizem dentro e fora de sala aula para realizarem pesquisas e leituras complementares que, combinadas ao estudo na escola, trarão resultados positivos.

Passar por mudanças de caráter tecnológico dentro das escolas é dar ao professor também formas mais novas de chamar atenção dos alunos para o conteúdo transmitido pelos docentes, dando várias possibilidades ao professor de usar instrumentos que irão abrir o leque de instrumentos que vão dar suporte ao ensino em sala de aula. (RISCHBIETER, 2009, p.56)

Gráfico 2 – Crescimento do uso de aparatos



Fonte: CGI.Br/NIC.br/Cetic.br/TIC Educação 2016

Em São Paulo, por exemplo, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo aprovou em 2017, no mês de outubro uma proposta que permitia o uso de aparelhos celulares em sala de aula. O projeto de lei de numero 860/2016 vem alterar a lei 12.730/2007 que fazia a proibição do uso dos celulares em sala de aula, sendo o desafio maior saber inserir o uso desses instrumentos de uma forma eficaz e sobretudo adequada para se desenvolver e aproveitar dessa tecnologia com o alunado. (VIEGAS, 2008)

Dessa forma, entendendo que a tecnologia é algo que reflete nos espaços de vivência de forma geral, lidamos com a tecnologia em largo aspecto, quando nos referimos a seu poder de facilitar o dia-a-dia. A promoção da tecnologia ganha força na Revolução Industrial, nesse período a tecnologia cresce em uma velocidade alta e vem crescendo até a atualidade. Nesse sentido, temos sociedades extremamente tecnológicas e a educação não se distancia desse aspecto.

Os instrumentos que auxiliam o professor na sala de aula, parecem necessitar de um complemento, o uso do quadro, pincel e livros didáticos não é mais suficiente para alunos dessa geração onde a tecnologia se apresenta diariamente em suas vidas de forma muito

tangente. É necessário trazer esses aparatos para a sala de aula para auxiliar nas atividades do alunado, ou melhor, é necessário fazer com que instrumentos tecnológicos que eles já usem tal como o celular, sejam aproveitados de forma profícua em sala de aula.

Celulares, computadores e aparelhos eletrônicos sempre são temidos no espaço escolar por construírem um caminho muito fácil para a distração durante o decorrer das aulas e, muitas vezes, como resultado do uso excessivo desses equipamentos temos a dificuldade com o processo de ensino/aprendizagem proposto pelos professores. Porém é possível percebê-los como um contributo para a construção do conhecimento.

E a promoção dessa inserção de tecnologias em sala de aula é algo que podemos ver na Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação, quando essa traz no excerto 4/5/2011 dos Projetos Políticos Pedagógicos/ Cap. VIII a necessidade de se utilizar vários tipos de mídias para que se dinamize o processo de aprendizagem e construção de saber dentro de sala de aula. Portanto, além de um aparato é uma necessidade o uso de aparelhos, sendo assim os disponibilizados pela escola ou de uso particular dos alunos.

Então, toda essa dinâmica de trazer esses mecanismos se resume ao que chamamos de tecnologia da educação ou um agrupamento de condutas e métodos que irão nos fornecer instruções de como podemos atuar e aplicar efetivamente essas tecnologias associadas ao ensino e, sobretudo com uso dos celulares por estarem presentes no cotidiano dos alunos, permitindo então uma maior facilidade no manuseio das ferramentas com o auxílios dos professores que irão promover atividades de cunho pedagógico com os aparelhos. (LEOPOLDO, 2004, p.13).

É necessário se construir um suporte com os professores para essa transição do uso desses aparelhos de forma mais massiva e efetiva. Auxiliando, assim, os alunos na feitura da pesquisa e em como usar essas informações colhidas para serem usadas na sala de aula. As Orientações Curriculares do Ensino Médio destacam a pesquisa como um instrumento de entendimento das explicações dos professores em sala de aula, pois estes são habituados com o uso dos aparelhos.

Mais do que isso, é necessário ainda que os discentes saibam o que fazer com as informações conseguidas através dessas pesquisas realizadas em sala de aula através dos aparelhos celulares e aplicativos propriamente ditos. E o entendimento também é construído em cima do fato de que os professores também precisam incorporar a perspectiva de como usar essas informações de modo científico.

E essa construção deve partir dos docentes e das escolas como um todo, já que a instituição precisa desmitificar a visão negativa de que esses aparelhos só trazem

entretenimentos sem utilidade escolar ou falta de atenção nas salas de aula. Trabalhando em conjunto com os alunos que em sua maioria possuem esses aparelhos celulares e muitas das vezes com acesso à internet, que se configura é um importante mecanismo para a realização das pesquisas.

Outro importante fator a ser discutido, é algo um pouco mais complexo de ser realizado, mas, que é fundamental para a construção dessa inserção tecnológica nas escolas. É necessária a inserção de uma discussão aprofundada das relações da educação com a tecnologia no currículo e formação dos profissionais da área e como estes podem usar esses aparatos em seu favor. (CARVALHO, KRUGER, BASTOS, 2000, p. 15)

Discute-se a importância dessa formação para que os professores não se sintam despreparados quando estiverem em sala de aula com aparelhos celulares e computadores a sua frente nas mãos dos alunos. É preciso saber lidar com essa nova realidade do contexto escolar e como a abordagem será realizada a partir do uso desses aparatos.

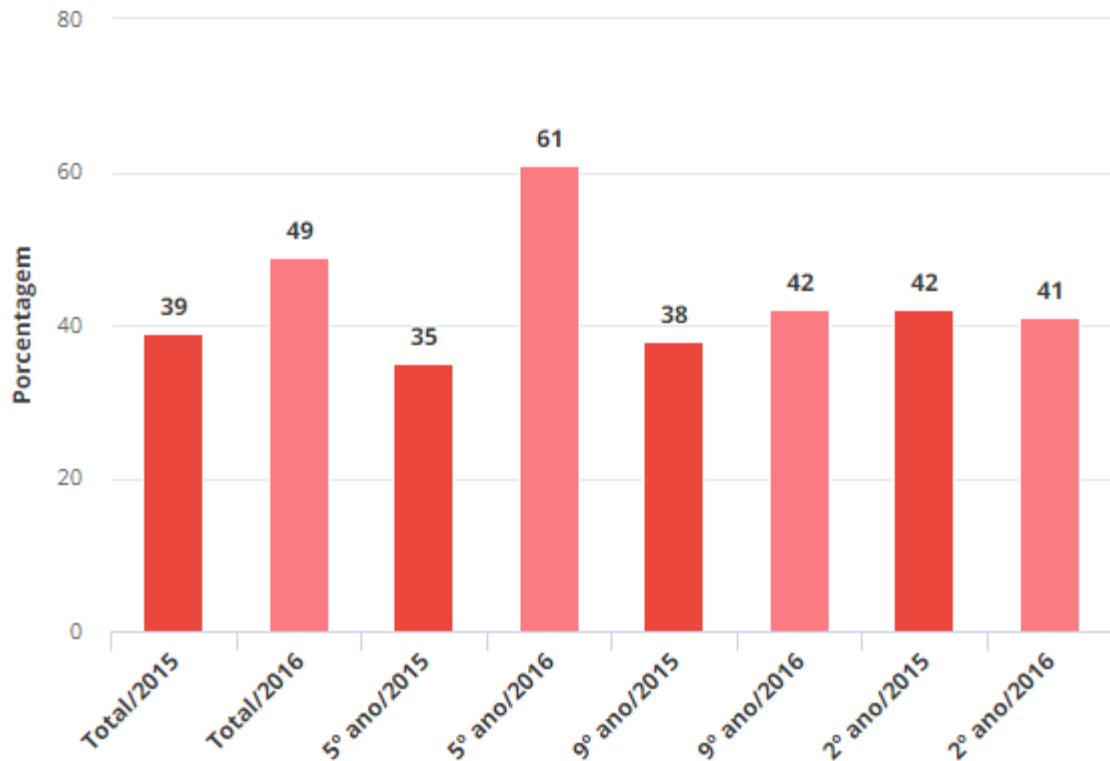
Partindo dessa perspectiva, se entende que deve ser um trabalho em conjunto das instituições junto aos professores na condução nesse uso das tecnologias, compreendendo como o aparelho celular pode ser usado de forma didática nas escolas, destacando a preocupação com a habilidade do professor para saber lidar com uso desses aparatos em sala de aula.

E é importante observar que a união de tecnologia e educação formam uma nova serra dentro do cenário escolar, por isso o cuidado com a entrada desse novo método de tornar mais dinâmico o ensino. Compreendendo ainda que isso é um exercício bastante complexo e que requer um conhecimento do docente acerca das tecnologias que nos rodeiam e que podem contribuir com o processo educacional.

Se entende então que o caminho é tenta se encaixar nos novos mecanismos da realidade dos alunos e também dos professores, é trazer esses instrumentos que são tão presentes no dia-a-dia como um suporte rico para aulas com entretenimento e modernidade. Pensar o momento em que estamos vivendo e toda a globalização que nos cerca, incorporando as mudanças que a sociedade nos aponta às práticas pedagógicas e dinâmicas dentro e fora de sala de aula.

A realidade atual nos mostra que quase cem por cento dos alunos possuem algum tipo de aparelho tecnológico, seja em escolas públicas ou particulares e em sua maioria com acesso a rede de internet. Mesmo contando com a proibição do uso em alguns espaços escolares, principalmente nos particulares, vemos seu uso pedagógico crescer. Os professores que dizem usar o celular, procuram desenvolver exercícios dentro e fora do período escolar.

Gráfico 3 - Professores que usam a internet do celular em atividades com alunos



Fonte: CGI.br/NIC.br/Cetic.br/TIC Educação 2016

Essas perspectivas fazem parte de uma pesquisa TIC Educação 2017 que foi feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e o levantamento relatou que o número de professores que usa os aparelhos celulares para auxílio nas atividades subiu de 39% para 56% no ano de 2017 e esse aumento não aconteceu apenas em escolas particulares, mas também em escolas públicas. E a coordenadora da pesquisa, Daniela Costa inclusive comenta nas escolas públicas funciona como uma importante ferramenta de contribuição por conta de estrutura limitada. (TOKARNIA, 2018).

Então, o primeiro desafio é como utilizar essas tecnologias em favor do ensino aprendizagem e esse desafio só vai ser conquistado se esse trabalho for feito de forma coletiva, levando em consideração a participação de professores, alunos e grupo pedagógico para que todos se envolvam e repensem o uso desses instrumentos no cotidiano escolar.

Nesse sentido, o primeiro passo é tornar os alunos conscientes de que os seus celulares são enormes contributos para o trabalho em sala de aula nas mais diversas perspectivas, incentivando assim o uso de viés positivo desses aparelhos tecnológicos. Trazendo mais uma ferramenta para a escola.

Sabemos que grande parte do alunado da atualidade nasceu convivendo com as tecnologias e fazendo dessas partes de suas vidas como algo necessário. A tecnologia para estes é algo comum, já que em sua maioria eles conseguem ter acesso a toda uma gama de informações e modernizações através desses novos meios de conhecimento. Então, é necessário adentrar a esse mundo dos alunos que vivem a tecnologia e entender o que elas gostam e como buscam informações fazendo uso dessas ferramentas.

No caso dos aparelhos celulares com acesso a internet, se cria uma forma de acesso ao mundo sem sair dos muros das escolas, que por muitas vezes tem problemas no traslado desses alunos em passeios. Por isso mesmo, o professor precisa aprender e principalmente ensinar a necessidade de um filtro dos alunos ao pesquisarem e buscarem informações através da rede mundial, até porque o combate à distração precisa e contornar a leis que coíbem o uso de celular em sala são problemas a se lidar em sala de aula.

O que se pode entender é que a inserção das tecnologias no contexto educacional não pode ser colocada como algo opcional, pois é uma demanda urgente da sociedade que esta em envolta em um processo de revolução das modernidades em relação às atividades realizadas no cotidiano. Nesse ponto, o professor que ainda tem algum tipo de barreira precisa vencê-la para lidar com os novos métodos pedagógicos.

Essa inserção precisa ser feita com cuidado e com atenção, pois são quebra de paradigmas em relação ao uso do celular em sala de aula, sendo então algo a ser inserido aos poucos e com bastante planejamento. Pois, estamos falando de um aparelho em que muitas vezes o aluno tem mais afinidade no uso que o próprio professor, nesse cenário o plano de aula e a noção do que o docente pretende com o aparelho é bastante importante.

A noção de regras propostas dentro de sala de aula para coordenar o uso dos celulares se faz muito importante, de antemão se deve deixar claro a proposta para aquela atividade, tornando claro para o aluno quais as programações foram pensadas que envolvam o aparelho ainda no começo da aula. Trazendo discussões que possam contribuir para que se desenvolva um trabalho com resultados satisfatórios.

As tecnologias dão ao aluno e ao professor uma gama de possíveis formas de absorver e também compartilhar as informações entre a turma os aprendizados. A absorção das tecnologias pelas escolas é um processo bastante necessário, pois também faz parte da preparação dos alunos para a vida e mercado de trabalho, já que estes já lidam com as tecnologias a algum tempo. É importante criar no professor a competência de ser um desafiador e principalmente um incentivador do processo de alunos autônomos, participando e interagindo. (MORAN, 2000, p. 29)

Contudo, é de extrema importância, como já falado anteriormente, que o uso desses aparatos seja de comum acordo com toda a comunidade escolar, no sentido de enriquecer as aulas e todo o conhecimento formado em sala de aula, nesse sentido é necessário que os diretores, coordenadores, supervisores e todos os envolvidos na dinâmica escolar estejam envolvidos e principalmente comprometidos com essas inovações.

Exatamente por isso, a importância de um planejamento e uma incorporação de métodos pedagógicos para o uso desses aparatos no processo educacional. Dessa forma, se respeitam os mecanismos da tecnologia garantindo que os usos delas façam a diferença em sala de aula. (KENSKI, 2007, p.46)

A análise dessa situação deve ser a mais clara possível no sentido de que o objetivo maior da escola e de seus colaboradores não devem proibir ou privar os alunos de usarem as tecnologias, o que deve acontecer é o caminho de uso que contemple ética e funcionalidade, de modo que o que ele busque em pesquisas ou acesse nos aplicativos tenha aplicabilidade em seu aprendizado.

Marghescu (2007) traz os mais diversos benefícios que uma educação conectada à tecnologia dos celulares pode trazer, tais como um tempo maior de estudo por ser uma forma mais agradável, um gama maior de informações que podem ser achadas de forma mais interessante, dada a estética, uma grande parte dos celulares pois são mais baratos que computadores e mais fáceis de transportar e a disponibilidade é praticamente em todo momento, em todo lugar.

Obviamente, não são só benesses que iremos nos deparar quando falamos do uso dos aparelhos celulares em sala de aula ou fora dela pelos alunos, ainda existem muitos desafios a serem superados para que ele possa ser inserido com maior demanda na educação, são muitos os trabalhos de caráter científico que se dedica, a estudar o que ficou conhecido como *Mobile Learning*⁷⁷ (ou simplesmente *M-Learning*). (SCHLEMMER, 2007)

O acesso ao conhecimento de fato se torna mais rápido, atraente e cômodo quando mescla o uso de um aparelho como o celular ou outro aparato tecnológico com a educação,

⁷⁷ Mobile Learning é forma de ensino e aprendizagem relativamente nova no mundo da educação e que dá suporte ao professores e ao alunos para criar ambientes novos de aprendizagem de caráter à distância, sendo esse novo tipo de aprendizagem facilitado por aparelhos móveis que contem com acesso à internet. Este conceito encontra sua tradução no português como aprendizagem móvel ou um processo de interação entra as tecnologias móveis no contexto educacional. Nesse sentido, o Mobile Learning acontece quando usamos o tablet, celular ou notebook no processo de aprendizagem, o que torna possível os alunos terem acesso a um conteúdo atualizado. Esse conceito engloba mais do que aplicativos, pois ele também se encaixa no uso de vídeos, gravações de áudio e debates em redes sociais. É importante destacar que o Mobile Learning surge com a promessa de ser um facilitador no mecanismo de ensino e não substituir o discente ou práticas tradicionais, ele se mostra como uma alternativa complementar ao que já temos na educação.

proporcionando ao aluno maior autonomia e independência nos mais variados ambientes, visto que são muitas as formas de aproveitar o aparelho para este tipo de funcionalidade.

Além dos desafios que já comentamos, como a dispersão rápida dos alunos nos aparelhos celulares, contamos ainda com a dificuldade encontrada na diversidade de telefones móveis encontrados em sala de aula, o que em alguns casos pode ser um obstáculo quando nos referimos aos aplicativos que necessitam de uma base em comum. Outro elemento desafiador são os modelos dos aparelhos, pois dependendo do tamanho, podem ou não facilitar a leitura de textos.

A questão que mais preocupa os docentes sempre será a distração dos alunos que estão com o celular na mão, mas sabemos que a atenção do aluno nem sempre está ligada ao que ele tem na mão, pois este se distrai também com o caderno e livros em sala de aula. O problema está na atração pela atividade que está sendo realizada ou na dinâmica e didática com que o professor está levando a aula.

E voltamos aquela discussão de que os aparelhos celulares são muito mais próximos da realidade destes jovens e, por isso, o engajamento com as atividades propostas e o conteúdo ministrado se tornará mais fácil diante do uso desses recursos da tecnologia. Fazendo com que os próprios alunos façam sugestões e proponham o uso desses aparelhos para além das formas que o professor planejou.

Outra importante questão a ser discutida são as atividades realizadas em grupo, na busca por uma interação entre os alunos e evitando de alguma forma o problema já citado em modelos de celulares que não favoreçam as atividades ou até mesmo os alunos que não possuem celulares, que é uma dificuldade que pode ser encontrada em sala de aula, por mais que o número de pessoas quem possuem os aparelhos tenham aumentado drasticamente nesses anos.

Com essa perspectiva, o que observamos é que há uma infinidade de atividades que podem ser planejadas com o auxílio do aparelho celular em sala de aula, sendo essas atividades voltadas para o uso de muitos tipos de aparelhos, sempre pensando claro em que tipo de escola atividade será realizada, qual a faixa etária dos alunos em questão e as necessidades daquele grupo.

O pontapé inicial para a introdução dessa dinâmica nas escolas é fazer com que o professor reveja seus próprios conceitos do uso do celular em sala de aula, entendendo o aparelho como contributo educacional no intermédio do conhecimento através de uma interação com as várias formas de uso do celular.

O docente precisa compreender que é necessário se abrir caminhos que fujam do tradicional, sem deixar de perder em conhecimento ou conteúdo e sim ampliar as formas de se realizar isso. Tornando, portanto, o ambiente muito mais atrativo e leve, sob a liderança de um professor preparado para o uso desses aparatos que estão em nosso dia a dia de forma cotidiana. (WEYMAR E SPEROTTO, 2009).

Portanto, o destaque do uso do celular se faz por alguns motivos, o primeiro porque o nosso produto precisa desse instrumento para ser utilizado, segundo pois ele ainda é maneira mais viável de acesso à tecnologia que viabilizará o conhecimento educacional, ainda atende uma demanda em sala de aula, tanto pela existência de muitos aparelhos quanto pela afinidade desses aparelhos com os alunos.

Compreendemos que é uma tarefa não tão simples, por ser uma experiência bastante nova e que pode contar com alguns percalços no caminho, os alunos precisam se adaptar ao uso do celular como ferramenta de alcance aos aprendizados, os professores necessitam construir caminhos para facilitar esse desenvolvimento e a escola precisa oferecer uma rede em virtude de nem sempre podemos contar com a internet móvel dos alunos.

Mas, falamos muito dos professores, é necessário também compreender que essa “revolução pedagógica” deve ser pensada por eles e pela comunidade escolar que forma aquela equipe, para possibilitar a inserção do celular na educação. A escola necessita estar apta a entrada desse novo instrumento, assim como foi quando o computador foi inserido, os slides e até mesmo o pincel, na perspectiva de todos terem sido aparatos tecnológicos em suas épocas.

Os aplicativos são mecanismos que tornam o uso dos aparelhos celulares, experiências bastante ricas e diversificadas. Em sua maioria com o intuito de entreter e trazer funções das mais diversas para o smartphone, eles contam com múltiplos interesses, sendo que a educação não fica de lado como já comentamos no tópico anterior.

O Brasil conta um expressivo número de smartphones na sociedade, articulando diferentes categorias sociais e interesses. O fenômeno das redes constituiu um novo ambiente, um novo tipo de percepção e uma nova forma de se chegar aos conteúdos e comunicação. As redes sociais em sua maioria são os propulsores do uso dos aplicativos nos celulares, existe um consumo bastante acelerado dos aplicativos que permitem o uso destas e se criam novas experiências.

Dada a facilidade com que são adquiridos através das lojas oficiais que cada sistema operacional possui, o alcance dos aplicativos surge como uma perspectiva bastante inovadora

e acessível de compartilhar assuntos e temáticas dos mais variados interesses, bem como seu acesso pode ser dado em qualquer ambiente, pois alguns funcionam sem depender de internet.

Encontramos inúmeros aplicativos voltados para a educação nas plataformas digitais, cada um voltado para uma área de estudo e com enfoques diferentes, mas que trabalham na mesma perspectiva de facilitar o acesso do aluno e do professor ao tema procurado de forma prática e rápida, em seus celulares.

Os aplicativos contam com vários fatores a seu favor, tais como: sua estética moderna e atrativa, a possibilidade de uso sem necessidade de internet, os recortes por matéria ou temática específica, a possibilidade de atualização de informações ali dispostas, a linguagem que dialoga com o tempo em que vivemos e a aproximação dos professores a realidade tecnológica que muitos alunos vivem.

Os aplicativos, portanto, vem tornar a vida dos estudantes e dos docentes um pouco mais fácil, no sentido de promover o estabelecimento da relação de ambos com a tecnologia de caráter escolar. Os programas que podem ser instalados em tablets ou smartphones trazem uma maior acessibilidade e promovem uma revolução na dinâmica de acessórios que se incorporam a educação.

Nessa perspectiva, observamos que o aplicativo dessa ordem tem passado por um desenvolvimento bastante significativo, trazendo uma mudança radical no cenário escolar dos anos que se passaram. Algumas instituições estão buscando trabalhar no sentido de utilizar as ferramentas disponibilizadas no mercado e principalmente estão correndo atrás de se enquadrar nessa nova dinâmica de aprendizagem.

O crescimento, como já comentamos, é notório, mas essa seara dos aplicativos educacionais conta com um cuidado e atenção redobrados em virtude de atenderem uma necessidade bastante importante na vida dos alunos e também é importante fazer aplicativos que consigam promover no aluno um interesse prolongado e compreenda que ali temos uma forma de complementar seu ensino.

Profissionais da área de informática comentam que além de um conteúdo de qualidade, o aplicativo precisa ser pensado de forma que seja atraente ao público a que é destinado, ou seja, pensando a faixa etária e os interesses desta ao criarem a ferramenta. Pois, se o aluno ou professor que fizer uso de aplicativo, tiver uma boa experiência, eles terão nessa utilização um hábito, assim como já fazem com as redes sociais.

A demanda por tecnologias no âmbito educacional, é algo amplamente discutido a nível mundial, inclusive a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação) traz em seu documento “Diretrizes de Políticas Para a Aprendizagem Móvel” uma afirmação

sobre a necessidade das tecnologias móveis na vida dos estudantes para que as oportunidades destes possam ser ampliadas e enriquecidas por meio desses mecanismos modernizantes no processo de educação.

Em meio a inúmeras mudanças no contexto cultural e social, nas, mas diversas esferas da vida, incluindo a educação, as introduções de aparatos tecnológicos promovem transformações bastante positivas. Nessa corrente, os aplicativos de caráter educacional estão crescendo de forma bastante interessante e promovendo uma ampliação ao acesso de informações na vida dos alunos.

Os aplicativos, deixam o caminho de acesso aos conteúdos trabalhados em sala de aula um pouco mais fácil e se faz um controle do que os alunos vão acessar enquanto material de estudo, ao contrario de uma busca no navegador sem filtros e que trazem uma grande quantidade de coisas que podem não ser importantes naquele momento. Sendo assim, um apoio de bastante relevância no estudo e um processo de maior dinâmica na aprendizagem.

Já existem algumas escolas no Brasil, que desenvolvem seus próprios aplicativos, não só como ferramenta de acesso dos pais as informações dos alunos, mas também para promover um apoio pedagógico a atividade realizada pelo professor em sala de aula. Sendo, portanto, aplicativos com diversas funcionalidades e perfis separados para cada categoria, como professor, aluno ou coordenador.

Um estudo realizado em uma escola do Rio de Janeiro e uma de São Paulo demonstram as vantagens observadas, a partir da inserção do aplicativo na escola. O Colégio Elite Rede de Ensino (RJ) observou uma diferença de 70% no rendimento dos alunos que usaram o aplicativo, para os que não usaram. O colégio ainda comenta que a plataforma visa tornar o ensino do aluno mais completo por trazer atualidades. (PINHEIRO, 2019).

Já no Colégio Divino Salvador (SP) o professor de história Washigton Fernandes criou um aplicativo chamado “Professor Tom” onde ele disponibiliza os conteúdos trabalhados por ele em sala de aula e fornece ainda imagens, músicas, textos complementares e vídeos que colaboram com as aulas. O aplicativo do professor que é gratuito e esta disponível desde abril de 2015 já conta com um número superior a 50 mil downloads. (PINHEIRO, 2019).

Um aplicativo como esses, exige uma preparação e uma pesquisa prévia de qual a idade dos usuários, qual faixa etária destes, o grau de escolaridade, a habilidade com o uso desse tipo de ferramenta. Dessa forma, se farão aplicativos com um objetivo e que atenderão as necessidades dos que buscam os aplicativos.

3.2 O produto, “redescobrimo a República Romana”

Quando pensamos em criar um produto que de alguma forma conversasse com um público misto, interagindo com alunos e professores, inicialmente pensamos em um blog que tratasse da República Romana, dando destaque para o nosso objeto de estudo e as fontes que escolhemos trabalhar, sempre destacando a importância do estudo dessa temporalidade para o entendimento dos outros períodos de Roma.

A iniciativa se dá em virtude de um diminuto trabalho em sala de aula desse momento da história romana, o que confere uma falha, haja visto o império romano não abarcar toda as principais características que formam esse grupo social e mesmo assim ser o conteúdo mais trabalhado em sala de aula.

Em decorrência de uma noção do uso do celular em massa por esse público misto do qual já mencionamos, mudamos a ideia primitiva que seria a do blog para um aplicativo, haja visto pensarmos na possibilidade alcance ser maior por conta da demanda dos aparelhos e por uma possibilidade criar um produto inovador e que contasse com uma estética atrativa e que fosse ao encontro de que queríamos.

O aplicativo nos pareceu mais interessante que o blog, principalmente pela facilidade em ser compartilhado pelos interessados e ainda por não necessitar de um investimento financeiro pelo professor ou aluno que quisesse obter o APP, já que estará disponível na Play Store⁷⁸ de forma bem acessível. Pensamos ainda na faceta bastante moderna e inovadora desse produto diante do que já temos produzido voltado para a academia.

A questão do aplicativo nos permite permanente atualização de conteúdo ou inserção de novas temáticas dentro da temporalidade, sugestões de leitura atualizadas e posteriormente questões de vestibular ou concurso, o que difere de um material impresso como um manual ou paradidático que é o comumente feito como produto.

A priori, realizamos uma pesquisa dos aplicativos já produzidos com dinâmica voltada para a educação, pesquisamos aplicativos de história, mas também de outras disciplinas que operam no sistema android. Observamos as características mais utilizadas, como se procediam os conteúdos e dinâmicas de opções oferecidas aos usuários das plataformas digitais.

⁷⁸ A Google Play Store é a loja oficial de aplicativos para celulares smartphones e tablets que operem com o sistema Android. Os usuarios podem através dessa loja fazer download e instalar os aplicativos, sendo que a maioria são gratuitos.

A observação nos serviu para entender quais cores, interfaces, fontes e abordagens funcionavam melhor na experiência em celulares, para assim que partíssemos para a nossa produção usássemos escolhas que fossem mais equilibradas e tentamos evitar alguns problemas observados ao longo da busca na loja dos aplicativos.

O desenvolvimento de aplicativos se dá em meio a um grande número de opções de ferramentas que cumprem esse papel, são diversas linguagens programacionais e várias plataformas para o desenvolver desses instrumentos. Porém, a maior parte dos mecanismos não são gratuitos, o que dificulta muito o trabalho e a criação de aplicativos com propósitos educacionais.

Nielsen (2007) coloca alguns princípios para se avaliar se o mecanismo tem ou não usabilidade, tais como: a interatividade do sistema com usuário, a utilização de palavras comuns aos públicos variados, facilidade no uso, consistência nos padrões visuais, utilizar meios para resolver problemas de forma rápida e pensar nas prevenções desses erros, utilizar apenas informações relevantes e ainda fornecer algum tipo de instrução de uso.

Pensamos em chamar o aplicativo “Redescobrimo a República Romana” por remeter a uma questão que trabalhamos no começo do trabalho, que é dar um novo olhar a esse período da história romana, que julgamos ao entrarmos em contato com alguns livros didáticos, que ainda é bastante limitado e em certas vezes sua importância é subjugada em relação aos outros períodos.

O primeiro passo do preparo do aplicativo efetivamente foi a escolha da interface, buscando ser algo bastante interativo e que converse com o usuário de forma bastante simples e rápida. Nesse sentido, a interface precisa ser pensada para o tipo de aparelho em que vai ser usada, nesse caso a ferramenta nos permite que o aplicativo se adapte aos aparelhos celulares e tablets.

Posteriormente, disponibilizamos o aplicativo na Play Store, sendo ele compatível com sistema Android e essa escolha se deu por uma questão prática, já que a maioria das grandes fábricas de aparelhos usadas em nosso país, utilizam esse sistema em seus celulares. Sendo a proposta ter um alcance maior, inicialmente pensamos nessa base, o que não anulará futuramente uma inserção para o sistema iOS.⁷⁹

O processo de construção do aplicativo, funcionou em primeira etapa com o recorte do material que queríamos inserir dentro do contexto mencionado nos primeiros capítulos da

⁷⁹ Ios é o sistema operacional de caráter móvel da Apple e foi desenvolvido para o iPhone e outros aparelhos da fábrica. A loja oficial do sistema é Apple Store.

dissertação e como este seria abordado nos itens propostos pelo aplicativo para que ele ficasse objetivo e alcançasse o entendimento do usuário, já que estamos buscando professores e alunos para fazerem uso do aplicativo.

Trata-se de um aplicativo desenvolvido para plataforma Android, onde a ferramenta utilizada para seu desenvolvimento foi a React Native⁸⁰, que consiste em auxiliar na criação de aplicações mobile para Android e iOS.

Esta ferramenta foi desenvolvida por uma equipe da empresa Facebook, onde a mesma já foi utilizada para aplicações como Instagram e Airbnb, por exemplo. A linguagem utilizada na aplicação foi a JavaScript⁸¹, onde permite criar conteúdo que se atualiza dinamicamente, controlar multimídias, imagens animadas, etc. Esta linguagem trabalha em conjunto com a framework do React Native.

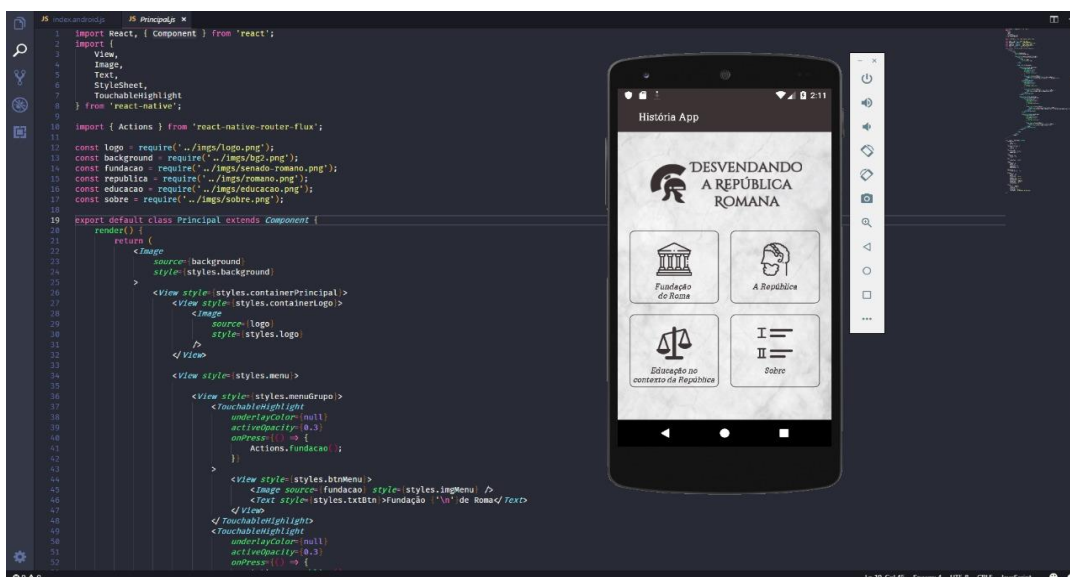
Foi utilizada estas ferramentas depois de ampla pesquisa sobre desenvolvimento de aplicativos. O processo de desenvolvimento foi pensado para atender outras plataformas móveis, que podem ser facilmente migradas através do React Native, onde o objetivo principal da ferramenta é que aquele código de programação seja híbrido e possa ser executado em qualquer plataforma móvel.

A ferramenta permite que durante o desenvolvimento do aplicativo, acompanhe cada modificação e inserção feita, através de uma pequena interface que simula um aparelho celular como podemos ver a seguir:

⁸⁰ É uma ferramenta utilizada para o desenvolvimento do aplicativo móvel.

⁸¹ A linguagem de programação utilizada para o desenvolvimento do aplicativo móvel.

Figura 1- Desenvolvendo o produto



Fonte: Autores

Diante do desenvolvimento do aplicativo, temos os passos realizados tela a tela para criação: Ao abrir o aplicativo, temos a tela principal, onde vemos o título centralizado levemente acima dos botões com a escrita “Desvendando a República Romana” ao lado de uma figura referente a um elmo romano. Ao fundo foi escolhido um plano que faz referência a mármore. Logo abaixo vemos 4 botões (Fundação de Roma, A República, Educação no contexto de República e Sobre).

No primeiro botão, Fundação de Roma, foi utilizado uma figura referente ao Senado Romano, ao lado, no segundo botão, A República, foi utilizado a figura referente a um político romano, logo abaixo no terceiro botão sobre a Educação no contexto de República onde foi utilizado uma figura referente a uma balança e por fim, o botão Imagens no Contexto Romano.

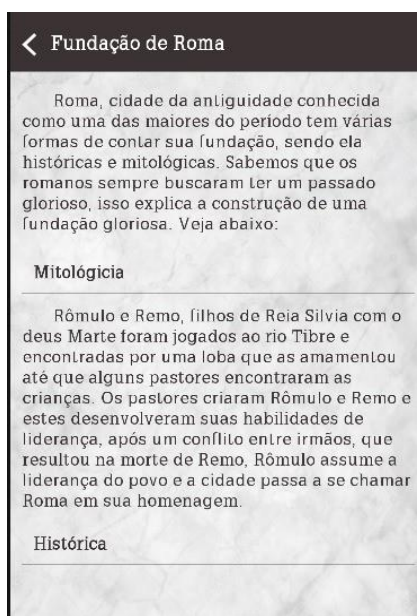
Figura 2 – Desvendando a República Romana



Fonte: Autores

Na segunda tela, no botão “Fundação de Roma” ao pressionar a tecla, o usuário é passado para uma tela com título e subtítulos a respeito do tema trazido pelo título, o item conta com a fundação histórica e mitológica, conta ainda com imagens que podem ser trabalhadas em sala de aula acerca do tema.

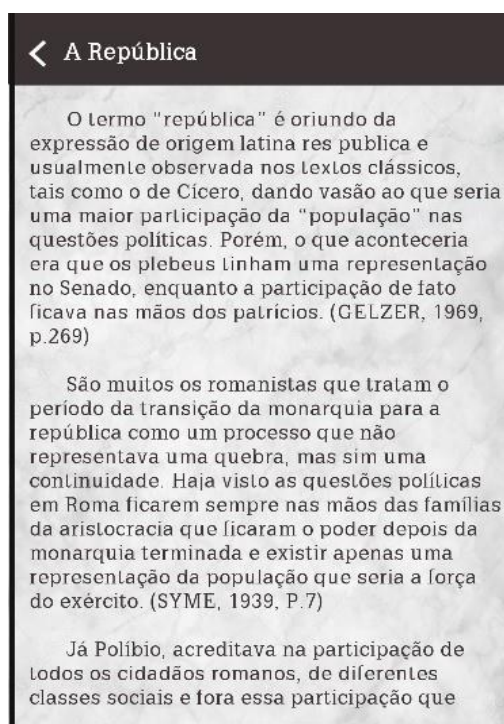
Figura 3 – Fundação de Roma



Fonte: Autores

Na terceira tela temos o item “A República” onde trouxemos a discussão sobre a construção do período e sua importância na história romana. Discutimos as implicações do fim da monarquia e dos participantes da formação do novo regime político que vai promover características que irão acompanhar muito do que a sociedade romana foi até mesmo no período do império.

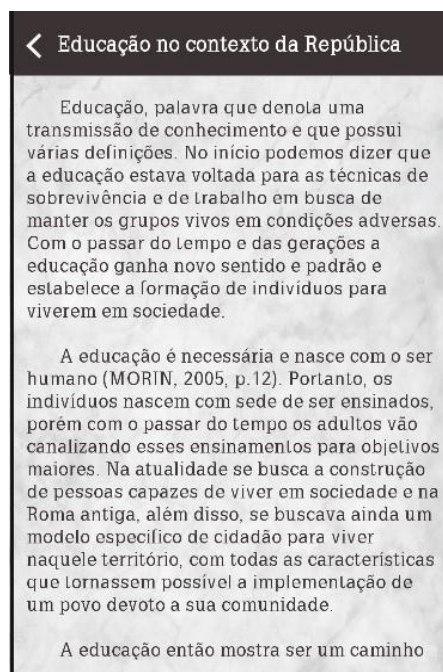
Figura 4 – A República



Fonte: Autores

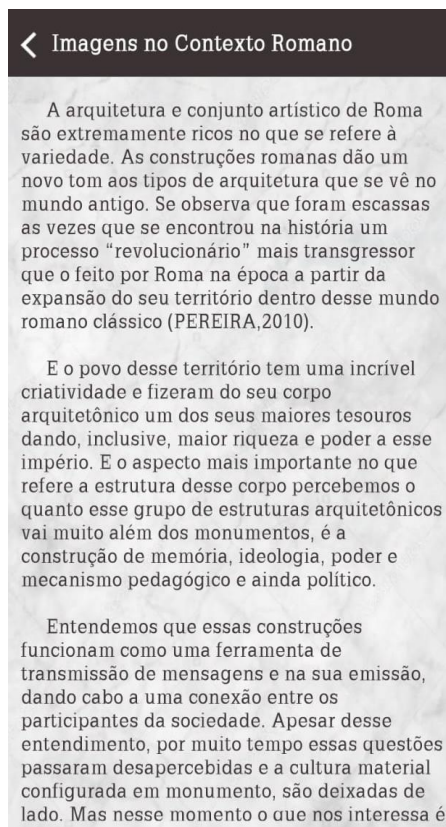
Na quarta tela, demonstrada na figura abaixo é apresentado o item que descreve a “Educação no contexto da República” e como esta era conduzida no período. A partir da pesquisa realizada dentro do texto apresentado no trabalho.

Figura 5 – Educação no contexto da República



Fonte: Autores

Figura 6 – Imagens no Contexto Romano



Fonte: Autores

Na quinta tela, demonstrada na figura acima é apresentada a primeira parte desse item que descreve um pouco a teoria sobre as imagens e também a importância destas no ensino de história.

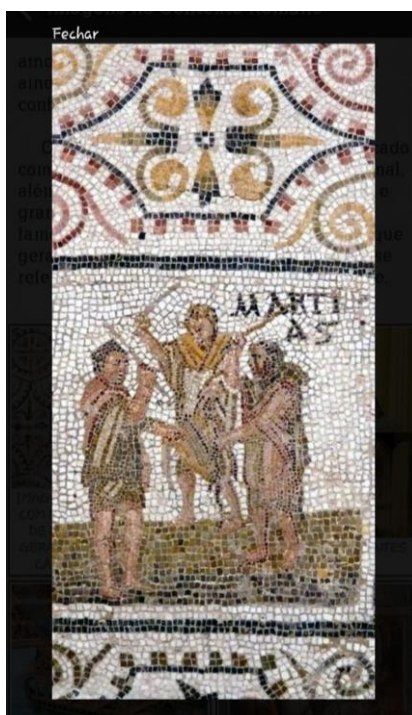
Figura 7 – Imagens no Contexto Romano



Fonte: Autores

Na sexta tela, demonstrada na figura acima são apresentados algumas imagens que são trazidas pelo aplicativo para auxiliar na compreensão dos conteúdos.

Figura 8 – Imagem ampliada



Fonte: Autores

Na sétima tela, demonstrada na figura acima é apresentada a figura em modo selecionado para a melhor visualização do usuário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do período da República nos acompanha desde a monografia por ser uma temporalidade que de certa forma traz certa clareza a algumas questões muito particulares de Roma e que seguem pelos períodos seguintes consolidando costumes e tradições de um povo que fez história na antiguidade.

Os séculos aqui escolhidos norteiam um interesse ainda mais particular que seria a formação educacional como um elemento de um projeto para a manutenção de um regime, mas que sobretudo foi visto como algo a facilitar a implementação de uma mentalidade que visava a manutenção do regime ali estabelecido.

Já a escolha das fontes e dos modelos de educação sobre os quais nos debruçamos se deu pela contribuição inegável que ambos autores escolhidos deram, trabalhando em uma base bastante parecida e com objetivos similares, mas que contam com algumas diferenças que dão o norte a questão da progressão por nós abordada ao longo do trabalho.

Nesse sentido, exploramos ao longo do trabalho a implementação da República e como está foi dada, como Catão e Cícero valorizavam o regime e principalmente valorizavam o que era ser romano e toda a carga que isso exigia, haja visto a continuidade do regime depender também da nova geração que estava surgindo naquele território.

Buscamos refletir acerca da vida e algumas obras dos autores comentadas no texto, na intenção de entender através da análise de acontecimentos que os levaram a serem defensores do período republicano e mais ainda o que os levaram a crer em que o processo educacional poderia contribuir para o alcance do proposto por eles.

Dando destaque para a comparação entre os autores e, conseqüentemente, os modelos propostos por ambos para a República se tornar um período vigente e forte, calcado em cidadãos que tinham amor à pátria e sobretudo prezavam pelos valores e virtudes daquela sociedade.

Nesse sentido, entendemos que a educação na República Romana não chega a ser um projeto oficial, mas é uma demanda de algumas autoridades do período, principalmente os dois autores usados no trabalho que demonstram através de suas obras a preocupação com essa problemática.

Diante disso, observamos as iniciativas dos autores em inserir formas de chegar a construção de um modelo de cidadão que fosse carregado das prerrogativas que eles acreditavam ser necessários em um homem que fosse capaz de dar continuidade a glória de Roma e seus antepassados e ao regime ali estabelecido.

Finalizamos, com a descrição e fluxograma da construção do aplicativo que é o produto proposto por essa dissertação, no sentido de tornar a República, uma temática mais trabalhada em sala de aula, através desse mecanismo que tem um grande alcance na atualidade, com o abastado uso de aparelhos celulares. Mostramos os itens através de prints de telas do aplicativos mostrando as especificações e o que surgia para o usuário assim que esse pressionasse as opções oferecidas pelo aplicativo.

O aplicativo tenta estabelecer de forma mais imediata esse contato com o alunado no sentido de compreender a importância do período na compreensão da história romana. O imediatismo aqui se refere principalmente ao fácil acesso dos alunos ao aparelho celular como comentado no texto.

Portanto, o trabalho aqui apresentado mostrou o quanto a República é importante para o entendimento de certas práticas que se estabeleceram como características da sociedade romana para além desse período, demonstramos como a educação ainda que de forma bastante embrionária foi uma ferramenta para o estabelecimento desses costumes com base nos autores que trabalhamos.

REFERÊNCIAS

Documentação Textual

CATÃO, M. P. **Da Agricultura/ De Agri Cvlvra. Tradução, apresentação e notas: Matheus Trevizam.** – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

CATÃO, M. P. **Les origines. Texto estabelecido, traduzido e comentado por Matine Chassignet.** Paris: Les Belles Lettres, 1986.

CÍCERO. M. T. **Das Leis. Tradução de Otávio T. de Rito.** São Paulo: Cultrix, 1967

CICÉRON. M. T. **De la République et Des Lois. Traduction par Charles Appuhn.** Paris: Flammarion, 1965.

CÍCERO, M. T. **Da República. Trad. de Amador Cisneros.** 2 ed. São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores), 1980.

CÍCERO. M. T. **The Republic. Translated by Niall Rudd; with na introduction and notes by Jonathan Powell and Niall Rudd.** Oxford: Oxford University Press, 1998.

CÍCERO M. T. **Sobre El Orador.** Trad. José Javier Iso. Madrid: Editorial Gredos, 2002.

Bibliografia Complementar

ALFODY, G. **A História social de Roma.** Lisboa: Presença, 1989.

ANDREW WALLACE-Hadrill. **Rome's Cultural Revolution.** Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2008.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação.** São Paulo: Moderna, 1989.

ARENDT, H. **A Condição humana.** 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAILEY, Cyril. **O legado de Roma.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BEARD, Mary. **SPQR: uma história da Roma Antiga.**[tradução Luis Reyes Gil]. São Paulo: Planeta, 2017.

BLOCH, R. ; COUSIN, J. (org) **Roma e seu destino.** Lisboa: Cosmos, 1964.

BONNER, S. **La educación en la antigua Roma.** Barcelona: Herder, 1984.

BOISSIER, G. **Cícero e seus amigos. Estudo sobre a sociedade romano no tempo de César.** Lisboa: Quetzl, 1945.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- BURKE, P. **A Fabricação do Rei – a construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro, 1994.
- CARVALHO, Marília G.; KRUGER, Eduardo L. de A.; BASTOS, João A. de S. L. **Apropriação do conhecimento tecnológico**. Curitiba- PR: CEEFET, 2000. Cap. Primeiro
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CÂNFORA, L. Júlio César: o ditador democrático. Trad: Antônio da Silveira Mendonça, São Paulo: Estação liberdade, 2002. 508p. SILVEIRA, p.7
- CIRIBELLI. **A Atualidade das ideias pedagógicas sobre a juventude romana na comédia Adelfos de Terêncio**, 2006.
- CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**, 1. As Artes de Fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- CHAUÍ. **Mito e Realidade**, São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. 3.ed. São Paulo: Estação Liberdade, Unesp, 2006.
- CORASSIN. **Projeto História**, São Paulo, n.33, p. 271-287, dez. 2006.
- CRAMER, F. H. **Astrology in Roman Law and Politics**. Philadelphia: The American Philosophical Society, 1954.
- DIAS, Mamede Queiroz. **Entre senadores e principes: formas historiográficas e atuação política no Principado SYME**
- DOBSON, J. F., La educación antigua y su significado actual. Buenos Aires: Editorial Nova, 1947. In: **História da Pedagogia d da Educação**: Guia para acompanhamento das aulas, Universidade de Évora, 2007.
- DURKHEIM. É. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. V. (Espírito e matéria)
- EHRHARD, Marcos Luis. **O Bonus Civis cum Humanitatis: um Projeto Pedagógico para o Principado Romano**. (SÊNECA, 1952, p.431)
- ENNIO. “Anales”. In: FONTÁN, Antonio **Artes ad humanitatem. Ideales del hombre y de la cultura em tempos de Cicerón**. Pamplona: Publicaciones del Estudio General de Navarra, 1957.
- FONTÁN, Antonio. **Artes ad humanitatem**. Ideales del hombre y de la cultura en tiempos de Cicerón. Pamplona: Publicaciones del Estudio General de Navarra, 1957.

FUNARI, Pedro Paulo. **A cidadania entre os romanos**. In: PINSKY, Jaime, Carla Bressanezi Pinsky, (orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2013.

GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**, 8. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga. Coleção História na Universidade**. Editora Contexto: São Paulo, 2013

GUILLÉN, J. **Urbs Roma: la vida privada en Roma**. Salamanca: Sígueme, 1977.

GAL, R. A Educação nas Civilizações Antigas, Antepassadas do Mundo Ocidental, A Educação Romana. In: **História da Educação**. Lisboa: Editora Veja, 1979. p. 40-44.

GIARDINA, A. **O Homem Romano**. Lisboa, Portugal: Editora Presença, 1992.

GILES, T. R. **A tradição de Roma: a formação do cidadão**. In: **História da Educação**, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1987. p. 31-43.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Lei e ordem na república romana: uma análise da obra de *Legibus* de Cícero. **Rev. Justiça e História**, Porto Alegre, Memorial do Poder Judiciário, 2002.

GRIMAL, P. **A civilização Romana**. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2009.

GRIMAL, P. **A vida em Roma na Antiguidade**. Trad. Victor Jabouille; João Lourenço; Maria Pimentel. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

HOBBSAWM, E. ; RANGER T. (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUMBERT, M. **Municipium et civitas sine suffragio: l'organisation de la conquête jusqu'à la guerre sociale**. Roma: École Française de Rome, 1978.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

JARDIM, M. de L. **Marco Túlio Cícero: uma Nova Proposta para a Formação do Orador**. Maringá:, 2018.

J. A. Segurado e Campos. **Cartas a Lucílio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento – História, Cultura e Religião do Período Helenístico**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005. v.1.

LARA JUNIOR, Nadir; LARA, Andrea Paula Santos. **Identidade: colonização do mundo da vida e os desafios para a emancipação**, 1987.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.

- LOBATO, Vivian da Silva. **Revisitando a educação na Grécia Antiga: a paidéia**. Belém, Unama – Curso Pedagogia (monografia), 2001.
- LIVIO, Tito. **História de Roma - livro I: a monarquia**. Tradução Mônica Vitorino; introdução e notas Júlio Cesar Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARROU, H. I. **Do Conhecimento Histórico**. Lisboa: Editorial Aster, 1975.
- MARROU, H. I. **História da Educação na Antiguidade**. 5 reimpressão. São Paulo: EPU, 1990.
- MELO, José Joaquim Pereira. A educação e o estado romano. **Períodicos UDESC**, São Paulo, v. 7, n.2, 2006.
- MELO, José Joaquim Pereira. **Estado Romano e instituições escolares do Mestrado em Educação da UCDB**. Campo Grande-MS, n. 25, p. 219-231, jan./jun. 2008 Série-Estudos.
- MENDES, Norma; SILVA, Gilvan. (Org.). **Repensando o Império Romano; perspectivas socio-econômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad editora-EDUFES, 2006.
- MONROE, P. **História da Educação**. Tradução de Idel Becker e Therezinha G. Garcia. 7. ed. São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 1968.
- MONTEAGUDO, Ricardo. **Filosofia e Paradigma em Cícero**. Transformação. São Paulo. 2002.
- MORAIS, Ingrid Agrassar. **A construção histórica do conceito de cidadania: o que significa ser cidadão na sociedade contemporânea?** 2012.
- MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- PATTERSON, O. **Slavery and social death: a comparative study**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- PEREIRA, M. H. R. **Estudos de história da cultura clássica**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.v. III.
- PEREIRA, M. H. da R. **Estudos de História da Cultura Clássica**. Roma. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- PEREIRA MELO, J. COELHO, J. **A Contribuição Histórica da Humanitas Latina em Cícero e Sêneca**. 2012. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2012/trabalhos/co_01/016.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2018.

PINHEIRO, R. **Especial Digital – Era Tecnológica: Ferramentas e aplicativos mobilizam o âmbito educacional na contemporaneidade.** Acedido em 01 de fevereiro de 2019

PLUTARCO. *Vidas Paralelas* In: **Vidas dos Homens Ilustres.** Trad. Carlos Chavez Clavier. Ed. das Américas, 1962.

REALE, Giovanne. **História da filosofia antiga.** São Paulo: Loyola, 1992. v. V.

REDONDO, E., Laspalas, J. **História de la educación:** Edad Antigua. Madrid: Dykinson, 1997.

ROBERT, J. *Os Prazeres em Roma.* São Paulo, 1995.

ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

SCHLEMMER, Eliane et al. M-learning ou aprendizagem com mobilidade: casos no contexto brasileiro. In: **13º CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA,** 2007, Curitiba.

SÊNECA. **Cartas a Lucílio.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SILVEIRA, p.7 - CÂNFORA, L. **Júlio César: o ditador democrático.** Trad: Antônio da Silveira Mendonça, São Paulo: Estação liberdade, 2002

TELLO, Ricardo Alejandro Lopez; MAILLART, Adriana Silva. **Tribuno da Plebe:** Contextualização Histórica do Acesso à Justiça por Métodos Extrajudiciais de Resolução de Conflitos. Florianópolis: Conpedi, 2016.

TOKARNIA, M. **Celular ganha cada vez mais espaço nas escolas, mostra pesquisa.** Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-08/celular-ganha-cada-vez-mais-espaco-nas-escolas-mostra-pesquisa>. Acesso em: 30 de janeiro de 2019.

TOLFO, Thiago. **A urbanização romana no Noroeste da Hispânia:** fontes e especificidades. Dissertação de Mestrado- Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais. 2017.

TREVIZAM, M. Apresentação. In: CATÃO, M. P. **Da agricultura.** Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

TREVIZAM, M. **Linguagem e interpretação na literatura agrária latina.** 2006. 526 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.

VEYNE, P. **A Sociedade Romana.** Lisboa: Edições 70, 1990.

VEYNE, P. *Humanitas: Romanos e não Romanos.* In: GIARDINA, A. **O homem Romano:** Lisboa, Portugal: Presença, 1992. p. 283 – 302.

VEYNE, P. *A helenização de Roma e a problemática das aculturações.* **Diógenes,** Brasília, n. 3, p. 105 - 125, 1983.

VEYNE, P. Censuras e Utopias. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: VEYNE, P. (Org.). **História da vida Privada I: do Império Romano ao ano 1000**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VIEGAS, A. **Como aproveitar o uso do celular em sala de aula?** Disponível em: <https://www.somospar.com.br/uso-do-celular-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 31 de janeiro de 2019.

VIEIRA, M. R. Educação na Roma antiga. **Calíope. Presença clássica**, Rio de Janeiro, URJ, jul./dez., 1984, vol. 1, p. 103-109.

WEYMAR E SPEROTTO, 2009 –
http://forum.ulbratorres.com.br/2009/ mesa_texto/MESA%204%20B.pdf acessado em 26/02/2018

WILKINS, A. S. – **Roman Education**. London: Cambridge University Press, 1914.